



**UNIVERSIDADE CATÓLICA PORTUGUESA**  
**FACULDADE DE TEOLOGIA**

**MESTRADO INTEGRADO EM TEOLOGIA (1.º grau canónico)**

**JOÃO CARLOS MACHADO CASTRO**

## **Ministérios Laicais**

**A Igreja que se diz nos ministérios laicais**

**Dissertação Final**

**sob orientação de:**

**Prof. Doutor Luís Miguel Figueiredo Rodrigues**

**Braga**  
**2019**

## **SIGLAS**

**AA** - Decreto *Apostolicam Actuositatem*

**ChL** - Exortação Apostólica pós-sinodal *Christifideles laici*

**EG** - Exortação Apostólica *Evangelii Gaudium*

**EN** - Exortação apostólica *Evangelii Nuntiandi*

**GE** - Exortação Apostólica *Gaudete et Exsultate*

**GS** - Constituição pastoral *Gaudium et Spes*

**LG** - Constituição dogmática sobre a Igreja *Lumen Gentium*

**PDV** - Exortação Apostólica pós-sinodal *Pastores dabo vobis*

## **RESUMO**

Esta dissertação procura refletir sobre a natureza e a função dos ministérios laicais na Igreja Católica. Partindo dos pressupostos teológicos e históricos, bem como da perspectiva do Magistério da Igreja, intentamos perceber qual a importância dos leigos na vida da Igreja, particularmente o seu papel na evangelização. Procedemos ainda a uma análise de campo, recolhendo a opinião de diversos intervenientes na missão da Igreja, o que permitiu perceber que apesar de se reconhecer a importância dos leigos, há ainda caminho a percorrer de modo a implementar aquilo que é preconizado.

**PALAVRAS-CHAVES:** Leigos; Ministérios Laicais; Evangelização.

## **ABSTRACT**

Reflecting on the nature and function of lay ministries in the Catholic Church is the main purpose of this dissertation. Taking the theological and historical assumptions, as well as the perspective of the Magisterium of the Church as a starting point, we try to understand the importance of lay people in the life of the Church, particularly their role in evangelization. We also proceeded to a field analysis, gathering the opinion of several stakeholders in the mission of the Church, allowing to realize that despite acknowledging the importance of the laity, there is still a way to go in order to implement what is established.

**KEYWORDS:** Laity; Lay Ministries; Evangelization.

## Introdução

Nos dias de hoje, os ministérios laicais constituem uma temática de grande importância para a Igreja. A pertinência deste assunto advém, por um lado, da crescente e progressiva diminuição do número de clérigos, mas, e sobretudo, dos apelos que o Magistério da Igreja, em especial após o Concílio Vaticano II, foi realizando no sentido de se afirmar a dignidade laical e a valorização do seu papel na Igreja.

Com este pano de fundo, e partindo ainda de uma inquietação pessoal acerca do tema, proporcionou-se a elaboração de uma dissertação final de mestrado, que procurasse perceber de que forma é que os ministérios laicais são encarados nos dias de hoje.

O Concílio Vaticano II trouxe uma nova forma de olhar para os leigos e para a sua missão no seio da Igreja e no mundo, dada a sua natureza eminentemente pastoral. Os documentos conciliares ancoraram-se num trabalho de grande investigação, mas também se recorreu aos contributos da Sagrada Escritura e toda a Tradição da Igreja, especialmente nos primeiros quatro séculos do Cristianismo.

Como resultado das reflexões conciliares, altera-se o ponto de vista da Igreja sobre si mesma e sobre a sua relação com o mundo. Percebeu-se que existe complementaridade entre o sacerdócio ministerial e o sacerdócio comum dos fiéis, o que permitiu traçar um novo caminho para a Igreja.

Como já referido, para o esboço desse caminho muito contribuiu todo o legado multissecular da Igreja, mormente a vivência das primeiras comunidades cristãs; além disso, a reflexão valeu-se da riqueza literária de vários concílios e de outros pronunciamentos do Magistério, bem como da contribuição de muitos teólogos. Assim, foi possível encontrar o núcleo teológico do estado laical.

Nesse sentido, o primeiro capítulo desta dissertação procura apresentar os pressupostos históricos e teológicos dos ministérios laicais. Para isso, torna-se necessário conhecer a

evolução da reflexão acerca do papel dos leigos ao longo da história, o que permitirá perceber a sua importância e o seu contributo na missão da Igreja, algo que vem a contribuir também para o dinamismo dos ministérios atuais.

Apesar de entre o final do Concílio Vaticano II e o presente momento distar pouco mais de meio século, foram diversos os pronunciamentos do Magistério, quer universal, quer a nível local, acerca dos ministérios laicais, surgindo inúmeros documentos onde se foi proclamando tacitamente a dignidade dos leigos. A par disso, numerosas conferências e formações buscaram “pôr em prática” as disposições da Igreja, além de ser terem criado instituições com esse intuito. Assim sendo, no segundo capítulo desta dissertação intenta-se apresentar uma síntese das reflexões explanadas nos principais documentos conciliares, bem como do Magistério pós-conciliar, acerca dos ministérios laicais.

Todavia, surge desde logo a questão, simples, mas com muito sentido: o que realmente mudou na vivência quotidiana das nossas comunidades cristãs? Desta questão, à partida tão simples de responder, rapidamente brota uma infinidade de outras questões.

A nossa opção consistiu em desdobrar o nosso trabalho em três questões: sendo certo que se proclamou a dignidade dos leigos, a sua valorização e uma nova forma de relação entre estes e clérigos, como é que, no dia a dia, tais ideais se projetam em práticas concretas, ou seja, ter-se-ão as comunidades paroquiais realmente tornado sinodais?

Outra questão interroga se os ministérios desempenhados pelos leigos têm surgido e aumentado fruto da convicção de que todos os batizados estão vocacionados, a partir do dinamismo do Espírito, a participar ativamente na vida da Igreja, ou se provém apenas como forma de suprir a crescente falta de clérigos.

Entre as muitas deliberações do Magistério tem-se sempre presente a necessidade de consciencializar e de formar os leigos para que a Igreja se possa tornar sinodal. Por conseguinte a terceira questão procura perceber se essa formação é oferecida nas dioceses, arceprelados e paróquias, e se produziu os frutos esperados.

Pese embora se procure responder a estas questões ao longo da presente dissertação, é no terceiro capítulo que elas são abordadas de forma mais aprofundada. Para isso, recorreu-se à análise de um conjunto de entrevistas realizadas no arciprestado de Fafe, Arquidiocese de Braga. Com essas entrevistas pretendeu-se, de facto, saber o que foi “posto em prática” ao longo destas décadas.

Por fim, apresentam-se algumas conclusões resultantes da análise documental, mas sobretudo da análise das respostas dadas nas entrevistas realizadas.

Numa época em que a Igreja sofre uma acentuada secularização, inserida numa sociedade cada vez mais alheia à multissecular presença e cultura cristãs, surge a necessidade de se prepararem todos os batizados, leigos e clérigos, para responderem a esta nova situação, não numa atitude de defesa e de condenação do que vem do exterior, como fora prática até ao Concílio Vaticano II, mas numa atitude de diálogo e de cooperação com a sociedade, em busca do bem comum.

# 1. Os Ministérios Laicais ao longo da História da Igreja

A Igreja dá visibilidade à sua missão de continuadora da missão de Cristo, através dos ministérios da palavra, da comunhão, da adoração, da caridade. O cristão é chamado ao exercício espontâneo, ou ocasional, numa das funções correspondentes a esses ministérios, desde o ministério do acolhimento ao da catequese, além de uma grande variedade de serviços prestados à Igreja, nas suas diversas dimensões<sup>1</sup>.

De facto, Jesus chama a todos a participar e a dar continuidade a esta missão ao Seu serviço, tal como fizeram os discípulos, após a ressurreição, em que lhes concedeu um mandato: «Ide, pois, fazei discípulos de todos os povos, baptizando-os em nome do Pai, do Filho e do Espírito Santo, ensinando-os a cumprir tudo quanto vos tenho mandado» (Mt 28,19-20).

Conforme reflete Dionisio Borobio, o termo «ministério» é utilizado, em sentido teológico e próprio: para designar determinados serviços realizados pelos fiéis leigos, de importância para a comunidade e que são reconhecidos pela Igreja local e possuem um carácter estável; para assinalar serviços que, tendo as mesmas características dos anteriores, são alvo de uma certa institucionalização de oficialidade e assumidos num ato litúrgico, denominando-se de *ministérios instituídos*; e para referir-se a serviços que, tendo as mesmas características dos anteriores, implicam a ordenação sacramental e a qualificação de graça, que os distingue do resto dos ministérios, tratando-se dos ministérios ordenados<sup>2</sup>. Desta forma, deve-se, por um lado, utilizar o termo *ministério* para se referir a qualquer serviço e, por outro lado, não o utilizar por medo que diminuam os poderes dos ministros ordenados, ou de se cair numa confusão de identidade<sup>3</sup>. Assim, o termo *ministérios* refere-se a uma variedade de funções e serviços desempenhados, tanto pelos clérigos como pelos leigos<sup>4</sup>.

---

<sup>1</sup> Cf. Dionisio Borobio, *Los ministerios en la comunidad*, (Barcelona: Biblioteca Litúrgica, 1999), 14.

<sup>2</sup> Cf. Borobio, *Los ministerios en la comunidad*, 14-15.

<sup>3</sup> Cf. Borobio, *Los ministerios en la comunidad*, 15.

<sup>4</sup> Cf. Borobio, *Los ministerios en la comunidad*, 14.

Neste sentido, é importante atender ao segundo capítulo da *Lumen Gentium*, que aborda a Igreja como *povo de Deus* - concepção bíblica - apresentando-a como mistério vivo na História, a partir de uma visão trinitária, em que a Igreja é Povo de Deus, Corpo de Cristo e templo do Espírito Santo (LG 2), daí que «os fiéis leigos fazem parte integrante na mesma comunhão. São o Povo de Deus com diferentes serviços, na diversidade de dons, carismas e funções»<sup>5</sup>.

Neste sentido, o presente capítulo pretende enquadrar a temática dos ministérios laicais a partir das suas raízes bíblicas, num primeiro momento, para, de seguida, apresentar uma breve síntese da sua noção ao longo da História da Igreja, até ao período prévio ao Concílio Vaticano II. Todavia, torna-se necessário enquadrar este tema no conceito de “leigo”, conteúdo do primeiro subcapítulo, uma vez que a forma como este é entendido tem a ver com a forma em que é vista a sua participação na Igreja.

### **1.1. A concepção de *leigo* e sua relação com os ministérios laicais**

O termo *leigo* deriva do termo bíblico *laós*, que designa o povo de Deus, sendo que diferentemente dos gentios ou romanos, se atribui ao leigo o título honorífico de membro do povo de Deus<sup>6</sup>. A palavra *laikós*, leigo, é desconhecida da língua clássica, aparecendo residualmente em inscrições, para indicar a massa dos habitantes, distinta dos administradores. Na versão dos Setenta, também não existe, exceto na versão de Áquila, Símaco e Teodociano (séc. II d.C.), que a usam raríssimas vezes, para designar as realidades não consagradas a Deus, que existiam no seio do povo<sup>7</sup>. Numa visão pré-cristã, os leigos teriam um outro sentido, onde na cultura greco-romana, o termo *laós* significa “o povo”<sup>8</sup>. De facto, a palavra *leigo* relaciona-

---

<sup>5</sup> Cf. José da Silva Lima, *Teologia Prática Fundamental. Fazei Vós Também*, (Lisboa: Universidade Católica Editora, 2009), 339.

<sup>6</sup> Cf. Walter Kasper, *Iglesia Católica. Esencia, Realidade, Misión*, (Salamanca: Ediciones Sígueme, 2013), 303.

<sup>7</sup> Cf. Bruno Forte, *A missão dos leigos*, (Brasil: Paulinas, 1990), 23.

<sup>8</sup> Cf. G. Philips, *El Laicado en la Epoca del Concilio* por un Cristiannismo adulto, (San Sebastian: Ediciones Dinor, 1966), 28.

se com outra que, na linguagem judaico-cristã, designava o povo consagrado, em oposição aos povos profanos, tendo sido uma matriz que esteve presente até depois do séc. IV, nas regiões onde se falava grego<sup>9</sup>.

Esta palavra não existe no Novo Testamento. Nos primeiros tempos da Igreja, os seguidores de Cristo são chamados, de forma pejorativa, de cristãos, ao passo que entre si são apelidados de *santos*, *eleitos* e, sobretudo, *irmãos*, sendo que, desta forma, «a palavra “cristão” encontra-se apenas três vezes no Novo Testamento: Atos 11,26; 26, 28; 1 Pedro 4,16»<sup>10</sup>. Nos textos do Novo Testamento, não se utiliza o termo leigo, mas utiliza-se uma nova linguagem, marcada pelos seguintes termos: «discípulos, cristão, fiéis, crentes, eleitos, santos, sem distinguir como leigos, e mesmo ainda no sentido de não ordenados»<sup>11</sup>.

De facto, os inícios da Igreja foram marcados por perseguições, por dúvidas, por uma indefinição sobre a identidade do cristão leigo, em que «a questão da identidade do cristão leigo nos começos da Igreja traz consigo os elementos dessa identidade, juntamente com uma falta de definições específicas, que venha a distingui-lo e identificá-lo no conjunto do Povo de Deus»<sup>12</sup>.

Pode-se, por conseguinte, afirmar que na Igreja sempre existiu uma grande diversidade de ministérios, a partir da grande diversidade de carismas e serviços de cada membro, através da ação do Espírito Santo. De facto, este concede-lhes inumeráveis dons, porém, «há diversidade de dons, mas o Espírito é o mesmo; há diversidade de serviços, mas o Senhor é o mesmo; há diversos modos de agir, mas é o mesmo Deus que realiza tudo em todos» (1Cor 12,4-6). De facto, pelo Espírito são concedidos aos cristãos vários carismas para o exercício dos ministérios que são confiados a cada um<sup>13</sup>.

---

<sup>9</sup> Cf. Yves Congar, *Os Leigos na Igreja. Escalões para uma Teologia do Laicato*, (São Paulo: Editora Herder, 1966), 14.

<sup>10</sup> Maria Clara Bingemer, *Viver como crentes num mundo em mudança*, (São Paulo: Editora Paulinas, 2013), 55.

<sup>11</sup> Bingemer, *Viver como crentes num mundo em mudança*, 58.

<sup>12</sup> Bingemer, *Viver como crentes num mundo em mudança*, 58.

<sup>13</sup> Bingemer, *Viver como crentes num mundo em mudança*, 59.

O Concílio Vaticano II prestou um grande contributo para a revalorização dos estados laicais, ao proclamar a dignidade de todo o cristão batizado, em virtude do sacramento do batismo, em que a Igreja testemunha e é promotora da progressiva difusão de numerosos movimentos eclesiais e de novas comunidades<sup>14</sup>. De facto, neste Concílio assistiu--se ao «boom oficial da emergência do laicado e a assunção, por parte do Magistério da Igreja, de uma teologia do laicado que já vinha sendo sistematizada por grandes teólogos europeus»<sup>15</sup>. Por conseguinte, procurou-se oferecer uma definição de laicado, sendo que os trabalhos que conduziram a *Lumen Gentium*, desde o texto base até ao texto final, tiveram em conta, nas suas reflexões, a necessidade de uma definição sobre o *cristão secular*<sup>16</sup>.

«Se é verdade que todas as coisas que se disseram a respeito do Povo de Deus se dirigem igualmente aos leigos, aos religiosos e aos clérigos, algumas, contudo, pertencem de modo particular aos leigos, homens e mulheres, em razão do seu estado e missão» (LG 30).

Deste modo, a *Lumen Gentium* recupera o Batismo como a base de todos os cristãos, isto é, é a partir deste sacramento que a Igreja se edifica, elemento comum da sua pertença a Cristo, tendo todos os cristãos a mesma dignidade, sendo que, depois, tal pertença se desenvolverá a partir dos diferentes carismas concedidos pelo Espírito, que se traduzirão em diferentes ministérios<sup>17</sup>. Assim, o Concílio define o leigo a partir da sua secularidade, ou seja, o leigo é o Homem do século, que se ocupa das questões seculares e temporais, edificando a cidade humana e tratando das questões profanas, sendo que uma Igreja voltada para o mundo precisa dos leigos, através dos quais o evangelho entranhará nos setores de vida considerados seculares, como a família, o trabalho, política, cultura; ao passo que aos clérigos e religiosos corresponde o domínio do sagrado<sup>18</sup>.

---

<sup>14</sup> Miguel Delgado Galindo, “Asociaciones de Fieles”, in José R. Vilar, coord., *Diccionario de Ecclesiología*, (Madrid, Biblioteca de Autores Cristianos, 2016), 27.

<sup>15</sup> Bingemer, *Viver como crentes num mundo em mudança*, 67.

<sup>16</sup> Cf. Ricardo Blazquez, *La Iglesia del Concilio Vaticano II* (Salamanca, Ediciones Sigueme, 1988): 377.

<sup>17</sup> Cf. Bingemer, *Viver como crentes num mundo em mudança*, 71.

<sup>18</sup> Cf. Bingemer, *Viver como crentes num mundo em mudança*, 71-72.

Por conseguinte, as reflexões teológicas subseqüentes ao Concílio sobre o tema dos leigos «parecem sugerir a progressiva eliminação da divisão que traz consigo essa palavra e categoria em favor de uma nova eclesiologia mais totalizante e global, toda ela suscitada pelo Espírito Santo, toda ela ministerial, sem dicotomias e contraposições»<sup>19</sup>.

## **1.2. Fundamentos escriturísticos e patrísticos**

Numa visão eclesiológica, a Igreja como ministerial surge da práxis de Jesus, que se constituiu como servo de todos os discípulos no lava-pés (cf. Jo 13, 12-14), e enraíza-se na ceia pascal, tendo como sua linha de orientação a Palavra de Deus.

Por sua vez, todos os mistérios eclesiais não estão ligados a um serviço particular, mas a uma dimensão comunitária, marcada pela unidade em volta dum mesmo objetivo. São Paulo apresenta a Igreja como Corpo, em que Cristo é a cabeça (Cf. Ef 4, 4-6) e a comunidade é constituída pelos membros desse mesmo corpo (Cf. Rm 12,4), do qual cada um possui um dom atribuído por Deus, por meio do Espírito Santo (Cf. 1Cor 12, 11), e tem o dever de o pôr ao serviço de todos.

Todavia, durante muitos séculos, a palavra ministério era usada principalmente no singular e referia-se, quase exclusivamente, à função do sacerdote investido de uma posição e consagrada por uma ordenação, sendo que, nas últimas décadas, tem sido usada no plural para se referir à variedade de serviços e funções dentro da Igreja<sup>20</sup>.

Na verdade, pelo Batismo, o cristão é incorporado a Cristo e revestido do Espírito Santo com os seus dons, sendo, por conseguinte, chamado a edificar a Igreja, através dos vários ministérios que pode desempenhar a partir do carisma concedido pelo Espírito. Por isso, pode

---

<sup>19</sup> Bingemer, *Viver como crentes num mundo em mudança*, 77.

<sup>20</sup> Cf. Borobio, *Los ministerios en la comunidad*, 14.

afirmar-se que a Igreja é inteiramente ministerial, resultando de uma conveniente reflexão teológico-pastoral relativa à presença da missão dos leigos na Igreja<sup>21</sup>.

O Concílio Vaticano II afirmou que, na Igreja, todos os membros têm a mesma dignidade, através do seu nascimento em Cristo pelo Batismo, pelo qual receberam a graça de filhos, a vocação à perfeição, a graça, a fé e o amor sem divisões<sup>22</sup>. No entanto, cada fiel é um membro que edifica a Igreja, com a sua presença e identidade próprias,<sup>23</sup> através das graças que lhe são concedidas sendo a diversidade de dons e serviços, proporcionados pela diversidade de graças, que permitem a realização na Igreja de diversos estados de vida: laicado, ministério presbiteral e a vida consagrada<sup>24</sup>. Trata-se de modalidades, «segundo [as quais] se deve viver a igual dignidade cristã e a universal vocação à santidade na perfeição do amor» (ChL 55).

O estado de vida laical é definido, pela exortação apostólica pós-sinodal *Christifideles Laici* (1988), como tendo a sua especificidade na índole secular, e realizando um serviço eclesial ao testemunhar e lembrar, aos sacerdotes, religiosos e religiosas o significado que as coisas terrenas e temporais têm no desígnio salvífico no plano de Deus (Cf. ChL 55). Porém, José Barata Pereira alerta que o significado profundo do laicado não se resume a “fazer coisas” que tornem o mundo melhor, pois as três grandes vocações configuradas nos três estados de vida - ministério ordenado, vida consagrada e vida laical - inspiram e conduzem a todas as vocações particulares, a partir do dom de Deus, sendo que a forma de agir própria do laicado consiste no empenho ativo pela promoção da justiça, pela erradicação do mal e pela transformação do mundo, a partir das realidades temporais, as quais devem procurar ordenar segundo Deus<sup>25</sup>.

---

<sup>21</sup> Cf. Paolo Asolan, “Ministerios Laicales”, in José R. Vilar, coord., *Diccionario de Ecclesiología*, (Madrid, Biblioteca de Autores Cristianos, 2016): 875.

<sup>22</sup> Cf. Salvador Pié-Ninot, *Ecclesiología. La sacramentalidad de la comunidad cristiana* (Salamanca: Ediciones Sígueme, 2015): 289.

<sup>23</sup> Cf. José Miguel Barata Pereira, *Ser Igreja, ser na Igreja. Do ser comunhão ao agir vocacional* (Lisboa: Paulus Editora, 2015): 61.

<sup>24</sup> Cf. Pié-Ninot, *Ecclesiología*, 289.

<sup>25</sup> Cf. Barata Pereira, *Ser Igreja, ser na Igreja*, 63-65.

A tomada de consciência da dignidade laical teve o seu ponto fulcral no Concílio Vaticano II, através da eclesiologia do povo de Deus e do sacerdócio comum de todos os batizados (Cf. LG 32). Todavia, tal consideração não ficou livre de mal-entendidos, tais como a crítica da compreensão do leigo, enquanto não-clérigo e não-religioso, e a conseqüente relação entre leigos e clero. Porém, tais problemáticas apenas se podem compreender numa abordagem à história do laicado<sup>26</sup>.

### 1.2.1. Dados da Escritura

Percorrendo as páginas do Novo Testamento, constata-se, em primeiro lugar, a ausência do termo *leigo* ou qualquer coisa semelhante ao *facto leigo* contemporâneo, utilizando-se termos como discípulos, crentes, eleitos e santos<sup>27</sup>. Por sua vez, verifica-se a existência, desde os primórdios da Igreja, de uma diversidade de ministérios - apóstolos, doutores, mestres e profetas - porém, trata-se do mesmo e único Espírito a partir do qual decorrem os vários carismas e ministérios, sendo que, apesar da organização hierárquica da comunidade e da repartição dos serviços, a Igreja neotestamentária considera todo o povo de Deus (*laós*) como consagrado e sacerdotal, sem que os detentores de ministérios tenham privilégios correspondentes, mas participando da comum dignidade cristã, ainda que exerçam funções específicas<sup>28</sup>.

De facto, a partir dos elementos presentes no segundo Testamento, pode-se afirmar que todo o ministério eclesial está alicerçado em Cristo e na missão que Ele recebeu do Pai, no anúncio de uma economia salvífica que se realiza em favor de toda a comunidade<sup>29</sup>.

---

<sup>26</sup> Cf. Kasper, *Iglesia Católica*, 303.

<sup>27</sup> Cf. Bingemer, *Viver como crentes num mundo em mudança*, 58.

<sup>28</sup> Cf. Bingemer, *Viver como crentes num mundo em mudança*, 59-60.

<sup>29</sup> Cf. Borobio, *Los ministerios en la comunidad*, 77.

A ação de Deus está presente ao longo da história da salvação, nas várias alianças que Deus faz com os Homens. Por sua vez, Jesus é apresentado como o messias esperado que vem para salvar e unir todo o povo de Israel, que será povo escatológico de salvação, cumprindo-se em si as profecias do Antigo Testamento<sup>30</sup>.

Segundo o Evangelho de Marcos, as pessoas apregoavam categoricamente Jesus: «No auge do assombro, diziam: “Faz tudo bem feito: faz ouvir os surdos e falar os mudos”» (Mc 7,37). Os vários acontecimentos referem que Jesus de Nazaré «passou fazendo o bem» (At 10,38): Ele curou os enfermos, Ele expulsou demónios, deu perdão e sentou-se à mesa de pobres, pecadores e discípulos. Floristan detém-se em três ações de Jesus: milagres, perdão e a comunidade de mesa, que são, simultaneamente, sinais do Reino de Deus e da salvação<sup>31</sup>.

Por conseguinte, através das Comunidades Primitivas apresentam-se em linha de continuidade com o anúncio de Jesus, o qual nos é testemunhado pelos *Atos dos Apóstolos* e pelas *Cartas Apostólicas*, tendo-se desenvolvido em ambiente judaico e ambiente helenístico-romano.

A esse propósito, Casiano Floristán indica que a Igreja

«é em primeiro lugar uma realidade local: nasce e existe onde os homens acolhem o evangelho como boas notícias de salvação para eles, eles celebram, partilham e testemunham dele. De um modo certamente fragmentário, essa realidade é descrita por todos os documentos do NT, desde que sejam escritos de uma comunidade ou outra. Contudo, o mais completo texto eclesial corresponde aos Atos, que descreve o ideal da primeira comunidade de Jerusalém, através de três resumos (Atos 2,42-47, 4,32-35 e 5.12-14-14)»<sup>32</sup>.

A Igreja primitiva desenvolve, coerentemente, a missão confiada por Cristo. Na verdade, não só tem consciência e esforça-se para cumprir essas dimensões, como também organiza, de facto, os seus ministérios, em torno dessas grandes *funções ministeriais*: o serviço

---

<sup>30</sup> Cf. Angel Anton, *La Iglesia de Cristo. El Israel de la Vieja y de la Nueva Alianza*, (Madrid: Biblioteca de Autores Cristianos, 1977): 312.

<sup>31</sup> Casiano Floristan, *Teología Práctica. Teoría y praxis de la acción pastoral* (Salamanca: Ediciones Sígueme, 2009): 46.

<sup>32</sup> Floristan, *Teología Práctica*, 67.

da Palavra ou a função profética, o serviço da comunhão ou da função pastoral, o serviço do culto ou da função sacerdotal e o serviço à caridade ou à função diaconal<sup>33</sup>. Essas comunidades primitivas são fortemente marcadas pela presença do Espírito Santo, organizando-se numa união orgânica em volta dos acontecimentos pascais.

Contudo, a Igreja divide-se entre ministros ordenados e não ordenados, no desempenho desses ministérios. Os ministros não ordenados, ou seja, os leigos, são homens e mulheres a quem são confiadas funções ou serviços na comunidade de forma a uma maior participação na vida eclesial, conferindo, assim, uma continuação da missão de Cristo, como nas primeiras comunidades (At 2,42-45). Quanto aos ministros “ordenados”, ou que desempenham um ministério “especial” nas comunidades primitivas, sabe-se que a sucessão e a continuidade desde os apóstolos confere um fundamento explicativo da existência de ministros com investidura ou a quem se lhes faz uma entrega pessoal, sendo que essa entrega é a razão última da sua função sacerdotal<sup>34</sup>.

É dessa ligação pessoal e histórica, de Jesus com Doze, que os leva a uma responsabilização particular pela Igreja, na qualidade de iniciadores das primeiras comunidades cristãs e dos seus pastores<sup>35</sup>. Na verdade, «os apóstolos estão capacitados para presidir aos sacramentos e, ainda que não se diga com claridade que também sucede assim quando eles não estão, a mesma estrutura da comunidade»<sup>36</sup>.

Estas várias funções ou serviços no Novo Testamento são considerados uma *diaconia*, um ministério desempenhado em prol do outro, de forma a partilhar, cuidar dos órfãos, das viúvas e dos mais excluídos da sociedade<sup>37</sup>.

Falando de serviço e entrega no Novo Testamento, não se pode esquecer o papel importante de Maria, tornando-se a Serva do Senhor, «faça-se em mim segundo a tua palavra»

---

<sup>33</sup> Cf. Borobio, *Los ministerios en la comunidad*, 78.

<sup>34</sup> Cf. Borobio, *Los ministerios en la comunidad*, 123.

<sup>35</sup> Cf. H. Noronha Galvão, “Do Mistério aos Ministérios da Igreja: Significado Teológico dos Estados Eclesiais,” *Didaskalia*, nº25 (1995), 509.

<sup>36</sup> Borobio, *Los ministerios en la comunidad*, 80.

<sup>37</sup> Cf. Borobio, *Los ministerios en la comunidad*, 79.

(Lc 1, 38), tal como aqueles que contactaram com Jesus, onde cada um desempenhava um serviço importante. Também no relato das Bodas de Caná se encontra presente o contributo de Maria, a qual diz aos serventes: «fazei tudo o que Ele vos disser» (Jo 2, 5-10). Por sua vez, a atitude de serviço dos discípulos também surge patente noutras passagens bíblicas, como, a título de exemplo, quando os discípulos se mostraram disponíveis, para preparar a Páscoa como Jesus tinha pedido (Cf. Mt 26, 17-19).

Neste sentido, o Novo Testamento vai apontando para o exercício de diversos ministérios na comunidade cristã, em linha com o exemplo de Jesus Cristo. Daí dizer-se que a comunidade, fundada em Cristo, é um verdadeiro santuário consagrado ao serviço de Deus<sup>38</sup>, marcado, também, por um serviço pleno de entrega e de doação aos outros, a partir do modelo do Mestre, que, por amor, se entregou totalmente à humanidade.

### **1.2.2. Do ministério de Jesus ao povo de Deus**

A vida pública de Jesus iniciou-se após as Bodas de Caná, para dar cumprimento às Escrituras, como refere o Evangelista Lucas: «Ao iniciar o seu ministério, Jesus tinha cerca de trinta anos» (Lc 3, 23).

A atividade de Jesus de Nazaré, que os evangelhos relatam como práxis, é uma ação pastoral paradigmática. Neste sentido, a partir da sua educação familiar e paroquial, das pregações populares e de outros fatores históricos, os cristãos, ao longo dos séculos, foram vendo em Jesus quatro características: o Senhor dos Milagres, a partir das narrações de milagres presentes nos relatos históricos dos evangelhos, que deduzem de forma literal; o Deus onipotente e onisciente, que vê e atua através de Cristo, possuindo uma humanidade aparente; o Nazareno e o Crucificado, modelo de paciência, resignação e obediência,

---

<sup>38</sup> Cf. Borobio, *Los ministerios en la comunidad*, 80.

interpretando os sofrimentos, como castigo de Deus e consequência do pecado original; o Salvador dos pecados humanos, que abriu as portas do Céu ao perdoar como Deus<sup>39</sup>. No entanto, sendo Jesus objeto de fé como ressuscitado, é necessário examinar os seus modelos de ação, através dos discursos e ações, e tendo em conta a situação do judaísmo daquele tempo<sup>40</sup>.

Em primeiro lugar, Jesus não foi um sacerdote ao serviço do culto no Templo, afirmando a presença de Deus em todo o lado, sobretudo na nova comunidade dos discípulos, não existindo, pois, separação entre o espaço sagrado e o religioso, pois tudo é santo, por ser criação de Deus. Jesus exerce um sacerdócio único, transmitindo aos homens a palavra de Deus e apresentando-lhe os sacrifícios dos homens, que se resumem na entrega da própria vida ao serviço dos irmãos, pelo amor da justiça<sup>41</sup>.

Por outro lado, Jesus não foi um escriba da lei: aparece como um rabino, ensinando nas sinagogas e em toda a parte, e reunindo discípulos, compostos de mulheres, crianças, pecadores e publicanos, camponeses e pescadores. Ensinou de acordo com a tradição sapiencial judaica, por meio de parábolas, sentenças, instruções e controvérsias. Não foi, por isso, oposto à lei, mas liberto dela: sendo insuficiente, é sucedida pelo próprio Jesus, que proclama a liberdade do mandamento, a nova caridade. Trata-se de um mestre carismático e autorizado, próximo do profeta e do sábio<sup>42</sup>.

Em terceiro lugar, Jesus foi profeta do Reino, tal como reconhecem a opinião popular e os evangelhos, e o demonstram as palavras e gestos de cunho profético. Contudo, não se trata de um profeta nacionalista ou apocalítico, mas sim escatológico, que proclama a vinda do reinado de Deus, com as consequentes exigências radicais, numa fidelidade absoluta à missão e numa liberdade sem compromissos<sup>43</sup>.

---

<sup>39</sup> Cf. Floristan, *Teología Práctica*, 18-19.

<sup>40</sup> Cf. Floristan, *Teología Práctica*, 19.

<sup>41</sup> Cf. Floristan, *Teología Práctica*, 20-21.

<sup>42</sup> Cf. Floristan, *Teología Práctica*, 21-23.

<sup>43</sup> Cf. Floristan, *Teología Práctica*, 23.

Importa referir que esta praxis de Jesus não deve ser qualificada somente como sacerdotal, no sentido das religiões, mas também a forma como qualificá-la, quando Jesus contrapõe o poder com o serviço, e para Jesus é do serviço que deve caracterizar-se quem quiser ser grande entre os seus discípulos, «o maior de entre vós será o vosso servo» (Mt 23,11)<sup>44</sup>.

Portanto, para se entender a praxis de Jesus é necessário ter presente as suas formas de agir presentes nos evangelhos, sendo que nos relatos evangélicos Jesus é o objeto da fé como ressuscitado<sup>45</sup>. Contudo, conforme refere Floristán, devem evitar-se dois reducionismos: o primeiro seria desconsiderar o contexto histórico em que Jesus viveu, centrando a reflexão apenas nos títulos que estão presentes nos evangelhos, de cunho litúrgico e dogmático, tais como Cristo, Messias, Senhor, Salvador, Filho de Deus; e o segundo reducionismo consistiria em centrar-se essencialmente no Jesus histórico, desconsiderando o acontecimento pascal<sup>46</sup>.

Os vários ministérios surgem da vida e dom de Jesus Cristo, de forma a estabelecer comunhão e comunidade *koinonia*, e os apóstolos exerceram um ministério na Igreja primitiva, de valor fundamental para a Igreja e que se prolonga no tempo<sup>47</sup>, e é daí que surge a Igreja, porque «a Igreja é apostólica não só porque a sua doutrina é fiel ao depósito da fé dos apóstolos, mas também porque, na continuidade da missão confiada aos apóstolos, está encarregada de comunicar ao mundo o que ela mesma recebeu»<sup>48</sup>.

Nesse sentido, os evangelhos apresentam Jesus a orar frequentemente e a pedir aos discípulos para orar continuamente e seguir o seu exemplo, esta prática seguida pelos apóstolos, como afirma na segunda carta joanina, a qual deixou um legado teológico, de onde parte a missão profética da maioria dos crentes, transmitido às comunidades, através da tradição e de um verdadeiro testemunho até aos dias de hoje<sup>49</sup>. O mandamento do Amor é o maior legado

---

<sup>44</sup> Cf. Francisco Taborda, “O ministério eclesial à luz da atuação de Jesus: a propósito do ‘ano sacerdotal’,” *Perspectiva Teológica*, nº42 (2010), 25.

<sup>45</sup> Cf. Floristán, *Teología Práctica*, 19.

<sup>46</sup> Cf. Floristán, *Teología Práctica*, 19.

<sup>47</sup> Cf. Peter Stilwell, “Ministérios Laicais Fundamentação Teológica e Problemática Pastoral,” *Communio* II (1985), 63.

<sup>48</sup> Stilwell, “Ministérios Laicais Fundamentação Teológica e Problemática Pastoral,” 63.

<sup>49</sup> Cf. Anton, *La Iglesia de Cristo*, 512.

que Jesus nos deixou, mas, também, Jesus é o mestre e ensina os discípulos a orar ao Pai (Mt 6, 9-13) e a dar testemunho (Mt 6, 5-7).

São João, no seu evangelho, afirma que Jesus Cristo é o verdadeiro e único Messias enviado por Deus para a redenção do mundo. Uma redenção salvífica para com a humanidade, em que «muitos outros sinais miraculosos realizou ainda Jesus, na presença dos seus discípulos, que não estão escritos neste livro. Estes, porém, foram escritos para acreditardes que Jesus é o Messias, o Filho de Deus, e, acreditando, terdes a vida nele» (Jo 20, 30-31).

Por sua vez, São Paulo exorta, nas suas Cartas, o convite à oração, recorrendo às seguintes expressões: «Perseverai na oração» (Rm 12,12; Cl 4,2); «Por meio dele, ofereçamos continuamente a Deus um sacrifício de louvor» (Hb 13,15).

Contudo, Jesus era um mestre, um professor que não ensina «como os escribas», mas com «autoridade» (Mc 1,22). Os Evangelhos indicam a distância entre Jesus e a lei judaica ou Torá. A sua autoridade deriva de si, não da «tradição dos pais». Note-se que a lei, instituição divina para os judeus, consistia em muitos preceitos, decretos, mandatos e estatutos que deram sentido à consciência das pessoas, às suas práticas, comportamentos e crenças<sup>50</sup>.

Jesus aproxima-se do Profeta e do Mestre sábio: trata-se de um mestre carismático e autoritário. Nesse sentido, Ele é «o profeta escatológico (...) anuncia o juízo de Deus e as leis de mudança cósmicas para trazer o reino de Deus vindo da iminência»<sup>51</sup>.

De referir que apenas nos Evangelhos é atribuído o título de *profeta* a Jesus, não aparecendo nos restantes relatos neotestamentários. Por conseguinte, os discípulos, rejeitados e perseguidos, proclamam a vinda do reino de Deus. Em suma, «ele é um profeta porque, com absoluta fidelidade à sua missão e liberdade intransigente, anuncia as exigências radicais de Deus, com plena consciência do indivíduo e eventos sociais»<sup>52</sup>.

---

<sup>50</sup> Cf. Floristan, *Teología Práctica*, 39.

<sup>51</sup> Cf. Floristan, *Teología Práctica*, 41.

<sup>52</sup> Cf. Floristan, *Teología Práctica*, 41.

A comunidade "pré-pascal" dos discípulos de Jesus é um modelo novo, segundo o qual a Igreja se origina em Jesus. Por outro lado, ser discípulo não é ser estudante, mas ser seguidor, consistindo no crente que adere à pessoa de Jesus para a entrega de vida por amor. Em terceiro lugar, os discípulos que seguem Jesus são ainda um grupo ou uma comunidade. Nesse sentido, constituem o povo de Deus, em cujo interior reside o Espírito. Assim, os discípulos de Jesus agem, segundo o que diz o Mestre, num mundo cheio de injustiças, de que buscam libertar-se<sup>53</sup>. De facto, «Cristo se entende como o Libertador, porque prega, presencializa e já está inaugurando o Reino de Deus. Reino de Deus é a revolução e a transfiguração total, global e estrutural desta realidade, do homem e do cosmos, purificados de todos os males e repletos da realidade de Deus»<sup>54</sup>

Tudo o que Jesus é e tem vem de Deus e para Deus se encaminha. Deste modo, «a mensagem central do Novo Testamento é, segundo o que afirma J. Vives, a revelação do coração paternal de Deus e a revelação da exigência de viver como irmãos, assumir apenas quando ambos estes dois aspetos, humanizante e libertado são divulgados»<sup>55</sup>. De facto, os milagres de Jesus, ou seja, as ações de caridade e os gestos de libertação são amostras de legitimação, por mostrarem a intervenção extraordinária de Deus na história humana<sup>56</sup>.

As obras maravilhosas de Jesus significam que o Messias veio, que está próximo o reino de Deus. Na verdade, «os gestos prodigiosos de Jesus são colocados num ambiente carregado de esperanças religiosas mantidas pela grande tradição bíblica»<sup>57</sup>.

Por conseguinte, a Igreja, à imagem de Jesus, é uma comunidade de irmãos que partilha tudo, sendo uma práxis que renova as relações e torna a Igreja uma comunidade de servidores, conduzindo a uma transformação das interpretações ideologizadas de Deus e da categoria do

---

<sup>53</sup> Cf. Floristan, *Teología Práctica*, 45.

<sup>54</sup> Leonardo Boff, *Jesus Cristo Libertador* (Petrópolis: Editora Vozes Ltda., 1972): 66.

<sup>55</sup> Cf. Floristan, *Teología Práctica*, 46.

<sup>56</sup> Cf. Floristan, *Teología Práctica*, 47.

<sup>57</sup> Floristan, *Teología Práctica*, 48.

reino de Deus, em si mesmo. Eis por que a Igreja é uma comunidade de crentes em Jesus e no seu evangelho<sup>58</sup>.

Jesus Cristo é reconhecido como Sumo e Eterno Sacerdote (Hb 7, 22-26), por desígnio de Deus, porém estabelece-se como mediador e consumidor da Nova e Eterna Aliança entre Deus e o Homem, através do seu sangue.

«Com o único e definitivo sacrifício da cruz, Jesus comunica a todos os Seus discípulos a dignidade e a missão de sacerdotes da nova e eterna Aliança. Cumpre-se assim a promessa que Deus fizera a Israel: “Sereis para Mim um reino de sacerdotes e uma nação santa” (Ex 19,6)» (PDV 13).

É na Páscoa de Cristo que se dá a Festa do Povo Sacerdotal, no qual, pelo sangue derramado de Cristo, Bom Pastor, os cristãos são introduzidos no sacerdócio de Cristo, num caminhar até Deus, constantemente renovado pela ação do Espírito Santo.

Jesus Cristo alicerça a sua missão no Amor a Deus e ao próximo, onde o seu ministério foi de entrega; legando à Igreja a missão de lhe dar continuidade, porque «Deus não quis salvar os homens individualmente, mas quis constituir um povo, convocar os crentes na Igreja, reuni-los na unidade, numa unidade da qual o ser humano se pode considerar excluído»<sup>59</sup>.

Por meio de Jesus, a Igreja é confirmada pelo Espírito Santo, que «está presente desde a encarnação de Jesus»<sup>60</sup>, esse mesmo Espírito, que une a Si e do qual todos os cristãos participam da Sua plenitude sacerdotal, onde todos são chamados a participar, como membros desse Povo Sacerdotal, unidos a Cristo eterno e Sumo Sacerdote. Por isso, Isaías diz: «Vós sereis chamados sacerdotes do Senhor e tereis o nome de ministro do nosso Deus» (Is 61,6); Jesus Cristo é apresentado como Bom Pastor que veio resgatar o seu rebanho, Ele é o Cordeiro que dá a vida pela redenção da humanidade e se entrega por amor até à morte, mas «aquele que nos ama e pelo Seu sangue nos liberta do pecado e fez de nós um reino de sacerdotes para Deus Seu Pai, a Ele a glória e o poder pelos séculos dos séculos» (Ap 1,6).

---

<sup>58</sup> Cf. Floristan, *Teología Práctica*, 51.

<sup>59</sup> Luis F. Ladaria, *Jesucristo, salvación de todos*, (Madrid, San Pablo, 2007), 148.

<sup>60</sup> Ladaria, *Jesucristo, salvación de todos*, 140.

A Igreja nasce do amor de Jesus Cristo pela Humanidade e torna-se dom gratuito de Deus, onde todos somos chamados a ser continuadores desse amor, em que:

«A Igreja, Povo de Deus, experimenta continuamente a realização deste anúncio profético e, na alegria, continua a dar graças ao Senhor. Ela sabe que o próprio Jesus Cristo é o cumprimento vivo, supremo e definitivo da promessa de Deus: «Eu sou o Bom Pastor» (Jo 10, 11). Ele, «o grande Pastor das ovelhas» (Heb 13, 20), confiou aos apóstolos e aos seus sucessores o ministério de apascentar o rebanho de Deus (cf. Jo 21, 15-17; 1 Ped 5, 2)» (PDV 1).

Por isso, Cristo constitui Apóstolos, sacerdotes que agem na Sua pessoa e do qual o seu poder está destinado a todo o Povo. É por isso que Cristo estabelece uma relação com a Igreja, para continuar a sua missão. Pode-se dizer que não existe Povo Sacerdotal sem a ação continuadora de Cristo «Bom Pastor», denominando-se isto de Sacerdócio Ministerial. Desta forma, é possível compreender-se a ministerialidade da Igreja a partir da sua sacramentalidade, ou seja, toda a Igreja é ministerial na medida em que toda a Igreja é sacramental<sup>61</sup>. Assim, pode-se depreender que a comunidade primitiva encontrava-se estruturada sobre a unidade e diversidade de ministérios, sendo que o serviço de Cristo é prolongado historicamente pelo mesmo Espírito, unificando a Igreja na mesma missão diaconal e diversificando essa missão numa multiplicidade de dons e carismas, que conduzem a uma pluralidade de ministérios<sup>62</sup>.

### **1.3. Os ministérios laicais ao longo da História**

Com o imperador Constantino, a situação alterou-se e o Cristianismo passou a ser a religião do Império e tornou-se fonte de privilégios, levando muitos cristãos, insatisfeitos com a banalização da sua identidade, a retirarem-se para o deserto em penitência e reclusão, ao passo que outros permaneceram no mundo, trabalhando, formando família, alegrando-se e sofrendo, numa vida cristã de seriedade e compromisso. Estes últimos denominaram-se leigos<sup>63</sup>. Com o

---

<sup>61</sup> Cf. Borobio, *Los ministerios en la comunidad*, 71.

<sup>62</sup> Cf. Borobio, *Los ministerios en la comunidad*, 30.

<sup>63</sup> Cf. Borobio, *Los ministerios en la comunidad*, 56-60.

monaquismo, surgiu uma terceira categoria de cristãos, os que estão ocupados com as coisas espirituais, a que depressa também se associaram os clérigos, começando a colocar-se a ideia de fraternidade; em segundo lugar, para se reduzir a designar a relação entre os leigos, na medida em que, tal como os religiosos, se foram entendendo os clérigos como *religiosos*, separados do mundo<sup>64</sup>. Apesar de tudo, os leigos ainda cooperavam na eleição dos bispos, nos sínodos e nos concílios, além de que os leigos ainda possuíam um papel na configuração da vida da Igreja e no seu poder executivo<sup>65</sup>. Ao mesmo tempo, os ministros eram ordenados para a presidência da comunidade - e não somente para presidir à Eucaristia -, fazendo parte da sua missão presidir, instruir, corrigir, animar, criar e edificar a comunidade, sendo ainda de realçar uma crescente intrínseca coesão entre os ministérios da palavra, dirigente da comunidade e presidente da Eucaristia, havendo, pois, uma conceção eclesiológica e pneumatológica do ministério, que encontra na Eucaristia o seu lugar central de sinal de comunhão e de edificação<sup>66</sup>.

Porém, ao longo dos séculos seguintes, a conceção e conseqüente relação entre leigos e clérigos - e, conseqüentemente, dos ministérios desempenhados por ambos - foi sofrendo bastantes alterações, em correspondência com a eclesiologia de cada época.

Neste sentido, a partir dos conflitos em torno das investiduras com os príncipes que desrespeitavam a liberdade da Igreja, procurou-se excluir os leigos de todo o papel ativo na Igreja. Com a conversão do imperador Constantino e o conseqüente aumento do número de fiéis e das comunidades, foi-se afirmando uma nova organização de cunho mais hierárquico, sendo que, apesar de se manter uma conceção eclesial e carismática do ministério, leva-se a cabo um processo de *judaicização*, que segrega o ministério sagrado do povo; um processo de dogmatização, que absolutiza uma determinada estrutura ministerial; e um processo de insistência no poder e na dignidade-honra, que comporta um esquecimento da força do

---

<sup>64</sup> Cf. Kasper, *Iglesia Católica*, 303-304.

<sup>65</sup> Cf. Kasper, *Iglesia Católica*, 304.

<sup>66</sup> Cf. Borobio, *Los ministerios en la comunidad*, 144-145.

carisma<sup>67</sup>. Por sua vez, Graciano diferenciou duas classes de cristãos: os clérigos, servidores do culto, e os leigos, a gente do mundo, isto é, os que não são nem clérigos, nem religiosos, nem monges, mas que estão comprometidos com a debilidade humana<sup>68</sup>.

De seguida, ao longo da idade média, assistiu-se a inúmeras mudanças, consideráveis da conceção de ministério ordenado, destacando-se alguns aspetos, tais como a privatização do ministério, a sacerdotalização e ritualização, a finalização na Eucaristia, a feudalização do ministério - perda de autonomia, na medida em que os senhores feudais passam a nomear os clérigos -, e a dogmatização sacramental<sup>69</sup>. Ao mesmo tempo, existiu, durante este período, uma intensa vida religiosa dos leigos, testemunhada pelas ordens terceiras e pelas associações piedosas de leigos, que «conservou viva a consciência da Igreja como *congregatio fidelium*, como *communio sanctorum* e povo santo de Deus»<sup>70</sup>, vendo-se o papel dos leigos nos assuntos eclesiais de modo edificante e espiritual, situação que sofreu uma rutura na Reforma do século XVI<sup>71</sup>.

De facto, o Concílio de Trento defendeu a ordem hierárquica da Igreja. Frente às críticas dos reformistas, que, além de atacarem os abusos e desordens do clero, também se declararam contra o conceito católico de ministério, a Igreja, no referido Concílio, procurou responder aos ataques, expressando a coincidência real da Igreja com o ministério, defendendo o sacerdócio exercido realmente pela Igreja e acentuando a peculiaridade hierárquica e a potestade baseada no carácter sacerdotal<sup>72</sup>. Por sua vez, a supervalorização do ministério sacerdotal frente ao sacerdócio dos fiéis conduziu a uma separação entre clérigos e fiéis e a um desconhecimento real dos “ministérios” dos fiéis, além de um esmorecimento do papel de servidores da comunidade<sup>73</sup>.

---

<sup>67</sup> Cf. Borobio, *Los ministerios en la comunidad*, 145-146.

<sup>68</sup> Cf. Kasper, *Iglesia Católica*, 304.

<sup>69</sup> Cf. Borobio, *Los ministerios en la comunidad*, 147.

<sup>70</sup> Kasper, *Iglesia Católica*, 305.

<sup>71</sup> Cf. Kasper, *Iglesia Católica*, 304-305.

<sup>72</sup> Cf. Borobio, *Los ministerios en la comunidad*, 154-155.

<sup>73</sup> Cf. Borobio, *Los ministerios en la comunidad*, 156.

Por sua vez, no período do Iluminismo, e fruto de guerras religiosas que haviam começado na Idade Moderna, passou a considerar-se a religião como assunto privado, introduzindo-se o laicismo, entendendo-se os leigos como os que possuem um juízo próprio sobre os assuntos do mundo, independente da doutrina da Igreja. Pode-se, assim, perceber que diante da secularização, quando o mundo político e cultural passou a ser controlado, sobretudo por não-católicos, os leigos começam a recuperar a consciência da sua missão dentro da Igreja, das suas possibilidades e responsabilidades apostólicas<sup>74</sup>. Tem-se como grande exemplo a Ação Católica, já no século XX, que Pio XI apoiou logo no início do seu pontificado, definindo-a como a participação dos leigos na missão hierárquica da Igreja, derivando-se uma lógica dupla: a eclesial-laical e a laicista-mundana<sup>75</sup>. Porém, apenas se chegou a uma teologia dos leigos após a Primeira Guerra Mundial, no contexto dos movimentos de renovação que foram surgindo, especialmente do litúrgico, na medida em que a tomada de consciência da participação ativa dos fiéis na liturgia, centro da vida da Igreja, se converteu na palavra-chave, não apenas do movimento litúrgico, mas sim de toda a vida da Igreja, sendo que a reflexão pastoral subsequente, iniciada na França e logo seguida na Alemanha, trouxe à luz do dia a necessidade dos leigos darem testemunho de Jesus no mundo hodierno<sup>76</sup>.

De facto, conforme reflete Maria Clara Binguemer, as dicotomias que aparecem no tecido eclesial, entre os clérigos e religiosos consagrados e os leigos como pertencentes ao mundo profano, provêm, pois, de dualismos externos à experiência cristã primitiva e autêntica, comportando consequências teológicas e eclesiais, tais como: em primeiro lugar, a desqualificação do sacerdócio comum dos fiéis e minimização da importância do Batismo como consagração a Deus; seguidamente, o rebaixamento da dignidade dos cristãos, em relação aos ministros ordenados; por sua vez, a subordinação e passividade dos cristãos batizados na responsabilidade pela construção da Igreja e na participação nas tarefas eclesiais comuns a

---

<sup>74</sup> Cf. Kasper, *Iglesia Católica*, 306.

<sup>75</sup> Cf. Kasper, *Iglesia Católica*, 306.

<sup>76</sup> Cf. Kasper, *Iglesia Católica*, 305-306.

todos; e, finalmente, uma compreensão distorcida, que identifica o clero com o letrado e o leigo como o iletrado, o que não lê as Escrituras, nem tem poder de decisão na Igreja<sup>77</sup>. Face a isto, será intenção da “teologia do laicado” restituir a plena dignidade à condição laical e promover uma definição positiva da vocação e missão dos leigos<sup>78</sup>.

Por conseguinte, foi decisiva a obra *Jalons pour une théologie du laicat* (1953), escrita por Yves Congar, o qual partiu da participação ativa e comum dos batizados, no triplo ministério de Jesus Cristo como Profeta, Sacerdote e Pastor, para sublinhar o estatuto de sujeito dos leigos na Igreja, vendo o serviço dos leigos no serviço do mundo<sup>79</sup>.

Neste sentido, destacam-se dois nomes: Congar e Philips<sup>80</sup>. Ambos tiveram como ponto de partida a Ação Católica, a qual consideraram como a forma mais própria do laicado organizado, para o apostolado na Igreja. Congar parte «da afirmação de que aos leigos corresponde uma atividade propriamente espiritual e um papel ativo *na Igreja*: isto é o que exige uma verdadeira teologia do laicado»<sup>81</sup>. Conforme referia logo na introdução da obra, «os leigos formarão sempre na Igreja, uma ordem subordinada, mas estão reencontrando uma mais plena consciência de serem organicamente seus membros ativos, de pleno direito e de pleno exercício»<sup>82</sup>. Resulta daqui uma teologia do laicado que sublinha, numa eclesiologia centrada na hierarquia, a distinção entre os leigos e os presbíteros, colocando a função dos leigos no estar comprometidos com o mundo. Isto não fornece uma resposta suficiente a uma conceção de comunhão da Igreja, dando, ao invés, prioridade à questão dos poderes que o ordenado pode exercer, numa visão tomista<sup>83</sup>.

---

<sup>77</sup> Cf. Bingemer, *Viver como crentes num mundo em mudança*, 62-63.

<sup>78</sup> Cf. Pié-Ninot, *Eclesiología*, 293.

<sup>79</sup> Cf. Kasper, *Iglesia Católica*, 307.

<sup>80</sup> Cf. Pié-Ninot, *Eclesiología*, 293.

<sup>81</sup> Ramiro Pellitero, *La teología del laicado en la obra de Yves Congar*, (Pamplona: Navarra Gráfica Ediciones, 1996), 132.

<sup>82</sup> Yves Congar, *Os leigos na Igreja*, 1.

<sup>83</sup> Cf. Pié-Ninot, *Eclesiología*, 293-294.

## 2. Os ministérios laicais nas conclusões do Concílio Ecuménico Vaticano II

O Concílio Vaticano II foi o grande responsável pelo «boom oficial da emergência do laicado e a assunção, por parte do Magistério da Igreja, de uma teologia do laicado que já vinha sendo sistematizada, por grandes teólogos europeus»<sup>84</sup>. Na verdade, o Concílio pôs as suas afirmações sobre a essência e missão dos leigos, no contexto da doutrina sobre o sacerdócio comum dos batizados, interessada em superar a tradicional descrição negativa dos leigos como não-clérigos e não-religiosos, e dar uma determinação positiva, chamando-os de *christifideles*, tal como os ministros ordenados e os religiosos, sendo que todos, pelo Batismo e Confirmação, participam plenamente na Igreja e no triplo ministério de Jesus Cristo – *Profeta, Sacerdote e Rei* – pelo Espírito Santo (LG 31). Assim, a sua dignidade e missão está fundada ontologicamente na realidade batismal e deriva do dinamismo interno do batismo, não bastando dar aos leigos uma missão meramente funcional, nem lhes dar umas funções ou direitos isolados<sup>85</sup>. É pela participação comum de todos os membros na única missão da Igreja que se afirma a existência da igualdade radical ou fundamental de todos os fiéis, o que não implica uma sociedade igualitária, pois o sacramento da ordem cria uma distinção essencial, mas trata-se de uma igualdade radical, em que todos os que pertencem ao Povo de Deus são chamados a realizar a missão da Igreja<sup>86</sup>.

Após o Concílio, as reflexões de Congar passaram a derivar da noção de ministério, termo traduzido para afirmar uma nova forma de relações entre a Igreja e o mundo, isto é, trata-se da mesma Igreja, que, através das diversas vocações eclesiais, é constituída por uma diversidade de tarefas, a partir de uma única missão, da qual ela é o sujeito<sup>87</sup>.

---

<sup>84</sup> Bingemer, *Viver como crentes num mundo em mudança*, 67.

<sup>85</sup> Cf. Kasper, *Iglesia Católica*, 207-308.

<sup>86</sup> Cf. Álvaro del Portillo, *Fieles y Laicos en la Iglesia*, (Navarra: Universidad de Navarra, 1969): 30-31.

<sup>87</sup> Cf. Pellitero, *La teologia del laicado en la obra de Yves Congar*, 442.

Por isso, neste capítulo, pretende-se fazer uma pequena abordagem aos documentos da Igreja, com especial incidência nos documentos produzidos no Concílio Ecuménico Vaticano II, o qual foi o primeiro concílio a tratar, com grande amplitude, a realidade dos leigos<sup>88</sup>, bem como os documentos relativos aos Sínodos posteriores que abordaram a temática dos ministérios laicais.

## **2.1. A Igreja do Concílio Ecuménico Vaticano II**

O Concílio realizou-se sob os pontificados de João XXIII e de Paulo VI, durante os anos de 1962 e 1965. Nele, decorreram quatro longas sessões, pretendendo-se refletir e apontar novos caminhos para a vida da Igreja e do Povo de Deus, não tendo havido, por conseguinte, uma preocupação em definir doutrinas e dogmas.

«O sagrado Concílio, desejando tornar mais intensa a atividade apostólica do Povo de Deus, volta-se com muito empenho para os cristãos leigos, cujas funções próprias e indispensáveis na missão da Igreja já em outros lugares recordou» (AA1).

Ao longo da história, percebe-se que existiram vários problemas eclesiológicos e pastorais. Com o Concílio Vaticano II, apresentou-se uma nova visão e foram lançados novos desafios, tanto a nível teológico como a nível ministerial, onde existiu uma estreita colaboração com os teólogos e com as novas conceções eclesiológicas, estando-se numa época da história marcada por avanços na ciência, e com a Europa saída de duas Guerras Mundiais, e sob uma forte influência dos ideais marxistas, que dividia o continente em dois blocos: político e económico.

Todos estes problemas contribuíram para o despoletar dum novo concílio, preocupando-se com uma nova unidade de atuação da Igreja, procurando-se uma Igreja que deixasse de estar

---

<sup>88</sup> Cf. Forte, *A missão dos leigos*, 40.

fechada em si mesma, completamente afastada da sociedade e das novas realidades, passando-se para uma Igreja presente no mundo, em atitude de diálogo e não de condenação.

Assim, o Concílio Vaticano II consagrou a teologia do laicado. Das suas constituições, merece destaque o capítulo IV da constituição dogmática *Lumen Gentium*, que atribui, de forma decisiva, o enfoque teológico à identidade do leigo dentro da eclesiologia do Povo de Deus, presente no capítulo II<sup>89</sup>. Consequentemente, a constituição pastoral *Gaudium et Spes* retoma a maioria dos temas típicos da teologia do laicado, na sua relação com o mundo, apontando alguns problemas mais urgentes na época da sua redação, dos quais se contam a promoção da dignidade do matrimónio e da família, a promoção do progresso cultural, a vida económico-social, a vida da comunidade política e a promoção da paz e a comunidade internacional<sup>90</sup>. Retém-se ainda o *Decreto Apostolicam Actuositatem*, que aponta elementos operativos sobre o apostolado dos leigos<sup>91</sup>, que consiste em toda a atividade do corpo místico. Daí, Cristo confiar à Igreja «a missão de ensinar, santificar e governar em seu nome e com o seu poder. Mas os leigos, dado que são participantes do múnus sacerdotal, profético e real de Cristo, têm um papel próprio a desempenhar na missão do inteiro Povo de Deus, na Igreja e no mundo» (AA, 2).

Dada importância destes documentos, torna-se necessária uma reflexão mais profunda sobre o seu contributo para a renovação do leigo na vida da Igreja. De facto, a *Lumen Gentium* marca decisivamente a teologia do laicado, situando-a na perspetiva global da comunhão e missão de toda a Igreja<sup>92</sup>, restaurando a base sobre a qual a Igreja pode edificar-se: o Batismo, definição por excelência de todos os cristãos, que, *a posteriori*, se explicitará em ministérios específicos, segundo os carismas atribuídos pelo Espírito. Identifica-se o leigo, centrando-o na sua secularidade: o leigo é a pessoa do seu tempo, ocupada com as realidades temporais (família, mundo do trabalho, da política, etc), necessário para que o Evangelho e, por

---

<sup>89</sup> Cf. Pié-Ninot, *Eclesiologia*, 294.

<sup>90</sup> Cf. Pié-Ninot, *Eclesiologia*, 294.

<sup>91</sup> Cf. Pié-Ninot, *Eclesiologia*, 294.

<sup>92</sup> Cf. Pié-Ninot, *Eclesiologia*, 294-295.

consequente, a Igreja, possa chegar a toda a parte<sup>93</sup>. Os leigos devem encarnar o valor próprio das coisas criadas no caráter secular, sendo que, sem a dimensão secular, será impossível reconhecer a obra da criação de Deus, dado que os valores temporais têm um significado para os membros da Igreja, ainda que a sua importância varie, segundo a qualidade dos grupos em que estão inseridos<sup>94</sup>. Mas se desempenham a sua função sem referência a Deus, se não buscam o Reino de Deus, renunciam ao cristianismo, não sendo, nem leigos, nem cristãos<sup>95</sup>.

Por sua vez, a *Gaudium et Spes* tem os seus temas precedentes da “teologia do laicado” pré-conciliar, devido ao seu enraizamento na Ação Católica (apostolado organizado no mundo) e na teologia das realidades temporais<sup>96</sup>. Ao falar do apostolado dos leigos, também a *Apostolicam Actuositatem* sublinha a sua índole secular, afirmando ser «próprio do estado dos leigos viver no meio do mundo e das ocupações seculares, eles são chamados por Deus para, cheios de fervor cristão, exercerem como fermento o seu apostolado no meio do mundo (AA 2)<sup>97</sup>. A sua ação no mundo dá-se pelos dons particulares, carismas, que o Espírito Santo concede aos fiéis, para exercerem o apostolado (AA 3), que consiste numa «santificação pessoal, extensão da salvação a todos os homens e *consecratio mundi*»<sup>98</sup>.

A questão mais decisiva do Vaticano II, na teologia do laicado é a sua centralidade cristológica, pois os cristãos estão unidos por estarem «incorporados a Cristo pelo Batismo» (LG 31), sendo a partir daqui que se podem distinguir ministros ordenados, religiosos e leigos, tendo os últimos «como vocação própria o buscar o reino de Deus, ocupando-se das realidades temporais e ordenando-as segundo Deus» (LG 31). Assim, todos os batizados são chamados à santidade e a relação entre pastores e leigos deve ser pensada numa lógica relacional e de comunhão, em que o ministério pastoral deve ser concebido como «*diakonia*» e serviço ao povo

---

<sup>93</sup> Cf. Bingemer, *Viver como crentes num mundo em mudança*, 71-72.

<sup>94</sup> Cf. Philips, *El laicado en la época del Concilio por un Cristiannismo adulto*, 25.

<sup>95</sup> Cf. Philips, *El laicado en la época del Concilio por un Cristiannismo adulto*, 29.

<sup>96</sup> Cf. Pié-Ninot, *Eclesiología*, 295.

<sup>97</sup> Cf. Bingemer, *Viver como crentes num mundo em mudança*, 73.

<sup>98</sup> Portillo, *Fieles y Laicos en la Iglesia*, 28.

de Deus<sup>99</sup>, devendo abrir-se à cooperação dos leigos, os quais podem participar em diversos serviços ministeriais, como na liturgia, catequese, teologia, diaconia, construção e estruturação da comunidade<sup>100</sup>.

Desta forma, precisa-se que o Concílio pretendeu colocar a teologia do laicado em duas linhas: «recuperar o caráter “cristão” básico da figura do leigo e sublinhar a índole “secular” própria da vocação laical»<sup>101</sup>. Assim, o sacerdócio especial é um sacerdócio ministerial, de serviço, devendo escutar todos os cristãos em questões de fé, pois Deus deu o Espírito Santo a todo o cristão, instruindo-o e dotando-o do sentido da fé (*sensus fidei*). Por isso, deve desaparecer a distinção entre cristãos espirituais ou religiosos e mundanos, pois todos os batizados são “espirituais” e chamados à mesma vocação para a santidade (LG 39-42)<sup>102</sup>.

Desta forma, emerge do Concílio uma eclesiologia total, passando a assumir-se a dimensão laical como dimensão de toda a Igreja presente na história<sup>103</sup>. Mas deve assumir-se que este trabalho de análise histórica à evolução do conceito e estatuto dos leigos, que teve no Vaticano II a sua “revolução copernicana”, foi fruto de toda uma reflexão pré-conciliar. Os leigos não se limitam a pertencer à Igreja, são Igreja. Por isso, neste dinamismo de comunhão dos fiéis em Cristo e de presença de Cristo no mundo, os leigos constituem a primeira visibilidade do mistério da Igreja no mundo e, se é verdade que a hierarquia se assume como o rosto autorizado na Igreja, são os leigos que, de forma comum e quotidiana, tornam a Igreja presente e visível nas várias dimensões e lugares da vida social<sup>104</sup>. Torna-se necessário, pois, refletir e revalorizar e progressivamente conceder aos leigos uma autonomia que lhes permita emergir da passividade e os torne colaboradores dos irmãos, que exercem ministérios ordenados na vida da mesma. Só assim se poderá caminhar para uma eclesiologia de comunhão.

---

<sup>99</sup> Cf. Pié-Ninot, *Eclesiología*, 295.

<sup>100</sup> Cf. Kasper, *Iglesia Católica*, 309.

<sup>101</sup> Pié-Ninot, *Eclesiología*, 296.

<sup>102</sup> Cf. Kasper, *Iglesia Católica*, 310.

<sup>103</sup> Cf. Bingemer, *Viver como crentes num mundo em mudança*, 76.

<sup>104</sup> Cf. Barata Pereira, *Ser Igreja, ser na Igreja*, 69.

O Concílio Ecuménico Vaticano II trouxe uma nova forma de olhar para o leigo, realçando o seu papel como membro do Povo de Deus, no qual, por meio do Batismo, é chamado a viver o tríplice múnus de Cristo - Sacerdote, Profeta e Rei -, num reconhecimento desse caminho como Povo de Deus que caminha e que é chamado a continuar a missão de Cristo, realizada hoje pela Igreja, de anunciar a Boa-Nova a todos os povos.

«Os fiéis que, incorporados em Cristo pelo Batismo, constituídos em Povo de Deus e tornados participantes, a seu modo, da função sacerdotal, profética e real de Cristo, exercem, pela parte que lhes toca, a missão de todo o Povo cristão na Igreja e no mundo» (LG 31).

O Concílio Vaticano II propôs, e continua a propor, uma renovação permanente da Igreja na dimensão da comunhão eclesial e da corresponsabilidade de todos os fiéis. Com este movimento, a Igreja busca uma renovação, que teve profundas repercussões na Igreja (*ad intra*) e na sociedade (*ad extra*), sendo apresentada uma nova organização e uma nova forma de estar e de olhar o mundo, procurando-se criar relação com as ciências, as Igrejas e as religiões, numa atitude de maior proximidade e de diálogo, conceção que se tornou visível na teologia e em certas práticas pastorais <sup>105</sup>.

«É verdade que todos os membros da Igreja participam na sua dimensão secular, mas de maneiras diferentes. Nomeadamente a participação dos fiéis leigos tem uma sua modalidade de atuação e de função, que, segundo o Concílio, lhes é “própria e peculiar”: tal modalidade é indicada na expressão “índole secular”» (ChL 15).

No Concílio, confluíram em várias reflexões a nível teológico, eclesiológico e pastorais diferentes: as que concebiam a Igreja desde a sua exterioridade jurídica; as que partiam do mistério da comunhão com Cristo, desenvolvido pela teologia do Corpo Místico; e as que partiam dos novos conceitos sacramentais apresentados à Igreja. A maioria não chegou aos trabalhos preparatórios, sendo discutidas depois na aula conciliar, de onde resultaram novas tendências<sup>106</sup>.

---

<sup>105</sup> Cf. Paolo Asolan, “*Ministerios Laicales*”, 874- 882,874.

<sup>106</sup> Cf. Júlio A. Ramos Guerreira, *Teologia Pastoral* (Madrid: Biblioteca de Autores Cristianos, 2013), 56.

Contudo, deve ter-se presente que as concepções pastorais relacionam-se com as teológicas, por isso, a constituição pastoral foi posterior à dogmática sobre a Igreja. Ao inaugurar a segunda sessão conciliar, Paulo VI indicou que a doutrina cristã era palavra que gerava vida e ação, e que o fim pastoral tinha sido anteposto ao fim dogmático<sup>107</sup>.

De facto, tratar o Concílio Vaticano II conduz a falar de abertura e a assumir uma postura de diálogo para com o mundo por parte da Igreja. «O Papa Paulo VI promulga o decreto sobre o ecumenismo junto com a constituição sobre a Igreja *Lumen Gentium*»<sup>108</sup>, abrindo a um diálogo de ideias e de dinâmicas, e do qual todos são convidados a participar. Este diálogo levou a um compromisso de todos na construção de uma nova sociedade, ou seja, a Igreja está presente no Mundo e cada um deve prestar o seu contributo<sup>109</sup>.

Daí que a reflexão do Concílio Vaticano II partiu de uma análise em que se considerou que o leigo deve assumir um papel ativo, tanto na Igreja como no mundo, por forma a dar continuidade à missão a que cada um é chamado a tornar-se responsável, ao designar a sua participação como “Povo de Deus”.

O Concílio teve um diálogo frutuoso da teologia e do magistério, no qual confluíram distintos modos de pensar e diferentes concepções eclesiológicas. Em consequência, os documentos aprovados fazem o encontro real, em muitos pontos fundamentais, dos diferentes membros e tendências. Portanto, o Vaticano II constitui o ponto de chegada de um desenvolvimento eclesiológico que se revelou em diversas tendências e correntes. A *Gaudium et Spes* é o exemplo mais claro de como se chegou a um texto final a partir da conciliação de distintas formas de pensar presentes no Concílio<sup>110</sup>.

Ao mergulhar-se no Concílio do Vaticano II deve ter-se sempre presente as quatro grandes constituições que foram elaboradas, porém, bastará recorrer à Constituição *Gaudium*

---

<sup>107</sup> Cf. Ramos Guerreira, *Teologia Pastoral*, 56.

<sup>108</sup> Kasper, *Eglesia Católica*, 445.

<sup>109</sup> Cf. Kasper, *Eglesia Católica*, 445.

<sup>110</sup> Cf. Ramos Guerreira, *Teologia Pastora*, 55-56.

*et Spes*, para se referirem as grandes linhas pastorais, visto que se trata de uma constituição pastoral.

Pode-se, portanto, afirmar que «todos os documentos conciliares têm uma intenção pastoral, exortando a que a teologia da Igreja seja pastoral, de modo a fazer chegar aos homens do nosso tempo a revelação de Deus de forma compreensível, para que encontrem nela a salvação. A intenção do Concílio foi pastoral»<sup>111</sup>.

## **2.2. Os ministérios no Vaticano II**

Um dos maiores contributos do Concilio Vaticano II foi a nível pastoral, sendo que se depreende na ação do Espírito Santo a base da identidade e da corresponsabilidade de todos os fiéis: «a cada um é dada a manifestação do Espírito, para proveito comum» (1Cor 12, 7), estando o leigo chamado a exercer a sua missão na Igreja e no mundo. A par disso, o Concílio Vaticano II recuperou o conceito de eclesiologia de comunhão presente na antiguidade cristã<sup>112</sup>.

Neste sentido, a Igreja oferece, de várias formas e através dos fiéis leigos, que são os protagonistas do exercício da caridade social e do princípio da solidariedade, o seu peculiar contributo para a sociedade civil e para a vida política, refletindo-se de várias formas, como o aparecimento de diversas formas de voluntariado, sobretudo nos jovens, que não procuram o seu próprio interesse, mas se doam a si mesmos pelos outros (cf. Lc 17, 33).

Por outras palavras, pode dizer-se que o Cristianismo, quer pelo seu ideal evangélico praticado pelas primeiras comunidades cristãs, quer pela teorização dos grandes teólogos e filósofos, operou a revolução da solidariedade, conferindo-lhe uma abertura universalista e total. Deste modo, a solidariedade é a expressão social da doutrina principal do fundamental conselho evangélico, ou seja, da *caritas*. Neste sentido, entrevê-se que a grande revolução do

---

<sup>111</sup> Ramos Guerreira, *Teologia Pastora*, 77-78.

<sup>112</sup> Cf. Ricardo Blazquez, *La Iglesia del Concilio Vaticano II*, (Salamanca, Ediciones Sigueme, 1988), 372.

Cristianismo consistiu na revolução da solidariedade universal, que consagra, em nome do amor ao próximo, a necessidade do cuidado que se molda, e afirma, como dever essencial, até nos variados rituais sacramentais da liturgia da Igreja<sup>113</sup>.

É neste sentido que se pode entender melhor o desenvolvimento das comunidades cristãs, que cresceram como comunidades de fé alicerçadas em verdadeiras redes de solidariedade, dado que a solidariedade, que nas outras religiões e civilizações era vista como uma doutrina acessória, no Cristianismo torna-se fundamental, enquanto confirmação humana do amor a Deus<sup>114</sup>. Em suma, «ser cristão é viver em regime de solidariedade a tempo pleno. É o que dá sentido à sua fé»<sup>115</sup>.

### **2.3. Magistério recente**

Em linha com as conclusões apontadas no Concílio Vaticano II, presentes nas principais constituições, nas quais se afirmou a dignidade fundamental de todos os leigos, com base no sacerdócio comum dos fiéis, tema que se relaciona com a temática dos ministérios laicais, urge agora proceder-se a uma análise dos documentos mais recentes, emanados do Magistério, que vão apontando para a necessidade de afirmação e valorização dos ministérios laicais.

#### **2.3.1. *Evangelii Nuntiandi***

A Exortação Apostólica *Evangelii Nuntiandi* é fruto do Sínodo dos Bispos em 1974, escrita pelo Papa Paulo VI, tendo sempre em conta as reformas do Vaticano II e os documentos dele emanados, principalmente as Constituições *Lumen Gentium* e *Gaudium et Spes*, e ainda o Decreto *Ad Gentes* (Cf. EN 17).

---

<sup>113</sup> Cf. José Eduardo Franco, “Cristianismo e solidariedade: a utopia da misericórdia,” *Brotéria* 179 (2014), 45-46.

<sup>114</sup> Cf. Franco, “Cristianismo e solidariedade: a utopia da misericórdia,” 49.

<sup>115</sup> Franco, “Cristianismo e solidariedade: a utopia da misericórdia,” 46.

Parte de uma visão do cristão no mundo, como Povo de Deus, onde é chamado a ser evangelizador na Igreja e que essa evangelização deve começar por se evangelizar a si mesma, onde se vive o mandamento novo do amor e um amor fraterno em Igreja. De facto, a Igreja

«precisa de ouvir, incessantemente, proclamar as grandes obras de Deus, que a converteram para o Senhor; precisa sempre ser convocada e reunida de novo por ele. Numa palavra, é o mesmo que dizer que ela tem sempre necessidade de ser evangelizada, se quiser conservar frescor, alento e força para anunciar o Evangelho» (EN 15).

Também é de salientar uma abertura ao exercício dos ministérios eclesiais, onde se afirma que o ministério laical se situa junto ao ministério ordenado, sendo daí que o leigo desempenha um papel importante nas comunidades, segundo refere o Papa Paulo VI, numa dinamização pastoral:

«Assim, a presença ativa dos leigos nas realidades temporais assume toda a sua importância. No entanto, é preciso não descurar ou não deixar no esquecimento outra dimensão: os leigos podem também sentir-se chamados ou vir a ser chamados para colaborar com os próprios Pastores ao serviço da comunidade eclesial, para o crescimento e a vida da mesma, pelo exercício dos ministérios muito diversificados, segundo a graça e os carismas que o Senhor houver por bem depositar nele» (EN 73).

Segundo a *Evangelii Nuntiandi*, os leigos são chamados a uma vocação específica e encontram-se no meio do mundo, exercendo vários ministérios na Igreja, sendo que a missão de fundo consiste em evangelizar pelo testemunho. Tal diversidade de ministérios inscreve-se na diversidade de tarefas evangelizadoras que todos os cristãos são chamados a desempenhar na missão de evangelização, sendo que a sua riqueza e beleza advém da diversidade de serviços na unidade da mesma missão (EN 66). Nesse sentido, o bispo de Roma escreve que

«Quanto mais leigos houver impregnados do Evangelho, responsáveis em relação a tais realidades e comprometidos claramente nas mesmas, competentes para as promover e conscientes de que é necessário fazer desabrochar a sua capacidade cristã muitas vezes escondida e asfixiada, tanto mais essas realidades, sem nada perder ou sacrificar do próprio coeficiente humano, mas patenteando uma dimensão transcendente para o além, não raro

desconhecida, se virão a encontrar ao serviço da edificação do reino de Deus e, por conseguinte, da salvação em Jesus Cristo» (EN 70).

O Papa Paulo VI apresenta alguns ministérios laicais que o leigo pode desempenhar na comunidade, tais como: catequista, animador da liturgia, através das admoções entre outros momentos, bem como no canto como cantor ou leitor, ou na ausência do ministro sagrado dar assistência à comunidade com a devida autorização, presidindo à celebração da palavra, ou orientando grupos de reflexão, tais como da *Lectio Divina* ou de outros movimentos. Mas, para isso acontecer, é necessário que os leigos estejam preparados, daí a necessidade de formação daqueles ministros que irão atuar na evangelização, principalmente os que exercem o ministério da palavra, para que possam transmitir e anunciar Jesus Cristo dentro das celebrações que presidem. O cristão é chamado a ser fermento, um fermento baseado na palavra e no testemunho, que se reflete na construção da comunidade e na evangelização (Cf. EN 73). Neste sentido, os leigos podem ser chamados a colaborar com os pastores no serviço da comunidade eclesial, mediante o exercício dos diversos tipos de ministérios, de acordo com a graça e os carismas recebidos, sendo que o papa deixou um apelo para que a Igreja, num primeiro plano, se abra à reflexão e, de seguida, se abra para os ministérios eclesiais suscetíveis de rejuvenescer e de reforçar o seu próprio dinamismo evangelizador (Cf. EN 73).

Nessa linha, «ao lado dos ministérios ordenados (...) a Igreja reconhece também o lugar de ministérios não-ordenados, e que são aptos para assegurar um especial serviço da mesma Igreja» (EN 73). Por sua vez, estes ministérios são preciosos para a implantação e crescimento da Igreja, além de fomentarem a sua capacidade de irradiar a mensagem às periferias e aos não crentes (Cf. EN 73). Todavia, o Bispo de Roma alerta que é necessária uma preparação séria para todos os obreiros da evangelização (Cf. EN 73).

### 2.3.2. *Christifideles Laicis*

A exortação Apostólica pós-sinodal *Christifideles Laicis*, emanada pelo Papa João Paulo II, no ano de 1988, tem como principal questão de fundo a abordagem de todos os ministérios da Igreja, sendo que todos participam no mesmo ministério de Jesus Cristo (Cf. CL 21).

«De modo especial o Concílio, com o seu riquíssimo património doutrinal, espiritual e pastoral, dedicou páginas maravilhosas à natureza, dignidade, espiritualidade, missão e responsabilidade dos fiéis leigos» (ChL2).

Da mesma forma, «as Conferências Episcopais são chamadas a descobrir a forma mais oportuna de desenvolver, a nível nacional ou regional, a consulta e a colaboração dos fiéis leigos, homens e mulheres: assim se poderão examinar bem os problemas comuns e melhor se manifestará a comunhão eclesial de todos»<sup>116</sup>.

João Paulo II refere, nas primeiras páginas deste documento, entre muitas questões que se debatiam então, diversos ministérios e aos serviços eclesiais confiados ou que deverão confiar-se aos fiéis leigos, a difusão e o crescimento de novos «movimentos» ao lado de outras agregações de leigos, o lugar e a função da mulher tanto na Igreja como na sociedade (Cf. ChrL 2). Desta forma, a Exortação Apostólica “*Christifideles Laici*” recomenda que haja uma participação dos leigos no múnus sacerdotal e, desta forma, uma participação no múnus profético de Cristo, pelo testemunho da vida e pela força do anúncio pela Palavra. Assim, habilitam-se e empenham-se os leigos a evangelizar pelas palavras e pelo testemunho. Não se pode esquecer do múnus real, porque pertencem a Cristo Senhor, rei do universo, sendo que, desse modo, os leigos participam e são chamados a viver o serviço do Reino de Deus (Cf. ChrL 14).

---

<sup>116</sup> Arnaldo Pinho, *Os Fiéis Leigos - Texto da Exortação “Christifideles, Laici”*, (Porto: Editora Perpétuo Socorro, 1989), 74.

Quanto à relação entre os pastores e os leigos, o Papa indica que a comunhão eclesial estrutura-se como uma comunhão “orgânica”, em comparação com a de um corpo vivo e operante, na medida em que se caracteriza pela presença simultânea da diversidade e da complementariedade das vocações e condições de vida, dos ministérios, carismas e responsabilidades, através da qual cada fiel leigo encontra-se em relação com todo o corpo e dá-lhe o seu próprio contributo (Cf. ChrL 20). Nessa linha, refere que

«Os pastores devem reconhecer e promover os ofícios e as funções dos fiéis leigos que têm o seu fundamento sacramental no Baptismo e na Confirmação bem como, para muitos deles, no Matrimónio. E quando a necessidade ou utilidade da Igreja o pedir, podem segundo as normas estabelecidas pelo direito universal, confiar aos leigos certos ofícios e certas funções que, embora ligadas ao seu próprio ministério de pastores, não exigem, contudo, o sacramento da Ordem» (ChrL 23).

O fundamento dos ministérios encontra-se em Jesus Cristo, o bom Pastor e o servo humilde, sendo que os ministérios presentes e operantes na Igreja são todos, embora a partir de diversas modalidades, uma participação no seu ministério (Cf. ChrL 21). Nesse sentido, após referir o ministério ordenado, refere os ministérios exercidos pelos leigos, sempre que os pastores pedirem, de acordo com a necessidade ou a utilidade da Igreja o exigir, confiando aos fiéis leigos certos ofícios e certas funções que, embora ligadas ao seu próprio ministério de pastores, não exigem o carácter da Ordem (Cf. ChrL 23). Contudo, o Papa alerta para a necessidade de formar os leigos para o desempenho dos ministérios, ofícios e funções, instruindo-os sobre a raiz batismal destas tarefas, ao mesmo tempo que os pastores deverão zelar para que se evite um recurso fácil e abusivo a presumíveis “situações de emergência” ou de “necessária suplência”, que não existam ou possam ser colmatadas (Cf. ChL 23).

### 2.3.3. *Evangelii Gaudium*

A Exortação Apostólica *Evangelii Gaudium* do Papa Francisco pede uma Igreja em saída, que anuncie o Evangelho, onde a ação missionária que deve ser realizada por todos com alegria no anúncio, em que «a Igreja “em saída” é a comunidade de discípulos missionários que “primeireiam”, se envolvem, que acompanham, que frutificam e festejam» (EG 24).

Na exortação apostólica *Evangelii Gaudium*, o Papa Francisco refere que, apesar da crescente tomada de consciência da identidade e missão dos leigos na Igreja, desde o Concílio Vaticano II, a sua participação continua a ser escassa, fruto de uma fraca formação dos mesmos e da manutenção de um forte clericalismo.

«A imensa maioria do povo de Deus é constituída por leigos. Ao seu serviço, está uma minoria: os ministros ordenados. Cresceu a consciência da identidade e da missão dos leigos na Igreja. Embora não suficiente, pode-se contar com um numeroso laicado, dotado de um arreigado sentido de comunidade e uma grande fidelidade ao compromisso da caridade, da catequese, da celebração da fé. Mas, a tomada de consciência desta responsabilidade laical que nasce do Baptismo e da Confirmação não se manifesta de igual modo em toda a parte» (EG 102).

Somos marcados ainda nos dias de hoje por alguns casos, onde a formação está pouco desenvolvida e existe uma grande incapacidade dos leigos, para assumir responsabilidades importantes. Por outro lado, os leigos não encontram lugar dentro das suas Igrejas particulares, para poderem dar o seu contributo por causa dum excessivo clericalismo, ainda dentro da Igreja, que os mantém à margem das decisões (Cf. EG 102).

«Apesar de se notar uma maior participação de muitos nos ministérios laicais, este compromisso não se reflecte na penetração dos valores cristãos no mundo social, político e económico; limita-se muitas vezes às tarefas no seio da Igreja, sem um empenhamento real pela aplicação do Evangelho na transformação da sociedade. A formação dos leigos e a evangelização das categorias profissionais e intelectuais constituem um importante desafio pastoral» (EG 102).

Deste modo, todos os cristãos são interpelados a viver com entusiasmo o Evangelho num dinamismo e impulso missionário constantes, uma vez que «a missão renova a Igreja,

revigora a sua fé e identidade cristãs, dá-lhe novo entusiasmo e novas motivações. É dando a fé que ele se fortalece! A nova evangelização dos povos cristãos também encontrará inspiração e apoio, no empenho pela missão universal»<sup>117</sup>, porque «ou a Igreja é missionária ou não é a Igreja de Cristo»<sup>118</sup>.

«Cada um dos baptizados, independentemente da própria função na Igreja e do grau de instrução da sua fé, é um sujeito activo de evangelização, e seria inapropriado pensar num esquema de evangelização realizado por agentes qualificados enquanto o resto do povo fiel seria apenas receptor das suas acções» (EG 120).

Por fim, a propósito da *Evangelii Nuntiandi*, o Papa Francisco refere que esta teve uma grande influência

«na piedade popular, pode-se captar a modalidade em que a fé recebida se encarnou numa cultura e continua a transmitir-se. Vista por vezes com desconfiança, a piedade popular foi objecto de revalorização nas décadas posteriores ao Concílio. Quem deu um impulso decisivo nesta direcção foi Paulo VI na sua Exortação Apostólica *Evangelii Nuntiandi*. Nela explica que a piedade popular “traduz em si uma certa sede de Deus, que somente os pobres e os simples podem experimentar” e “torna as pessoas capazes para terem rasgos de generosidade e predispõe-nas para o sacrifício até ao heroísmo, quando se trata de manifestar a fé”» (EG 123).

#### **2.3.4. *Gaudete et Exsultate***

A Exortação Apostólica *Gaudete et Exsultate* do papa Francisco tem como principal objetivo lembrar aos cristãos que a santidade deve ser vivida, no já e agora, «procurando encarná-la no contexto atual, com os seus riscos, desafios e oportunidades, porque o Senhor escolheu cada um de nós “para ser santo e irrepreensível na sua presença, no amor” (cf. Ef 1, 4)» (GE, 2).

---

<sup>117</sup> João Paulo II, *A Missão de Cristo Redentor, Carta Apostólica Redemptoris Missio*, (Lisboa: Edição Paulistas, 1991) (2), 7.

<sup>118</sup> Manuel Morujão, *Ser cristão à luz do Vaticano II*, (Braga: Difusora A.O., 1998), 99.

Desta forma, o chamamento à santidade é entendido como uma propriedade divina, porque só Deus é santo. E quando se afirma que a Igreja é santa, considera-se o modo em que participa de Deus, precisamente a sua relação com a Santíssima Trindade, não sendo reduzível a um único paradigma racional<sup>119</sup>.

Através do Batismo todos participam no Sacerdócio de Cristo, sendo por isso chamados à santidade, além de que «participam também da função profética de Cristo, difundindo o seu testemunho vivo, sobretudo pela vida de fé e de caridade» (LG,12), de modo a que cada um desempenhe a sua função. Conforme refere Maria Clara Bingemer, «o batizado, seja qual for o carisma recebido e o ministério que exerce, foi, mediante o Batismo, incorporado a Cristo e ungido pelo Espírito e, assim, constituído membro pleno do Povo de Deus»<sup>120</sup>. Tal afirmação é, pois, espelho do capítulo V da Constituição Dogmática sobre a Igreja (LG 39-42), que trata da vocação universal de todos à santidade<sup>121</sup>. Conforme refere a Constituição conciliar,

«Todos na Igreja, quer pertençam à Hierarquia quer por ela sejam pastoreados, são chamados à santidade, segundo a palavra do Apóstolo: “esta é a vontade de Deus, a vossa santificação” (1 Tess. 4,3; cfr. Ef. 1,4). Esta santidade da Igreja incessantemente se manifesta, e deve manifestar-se, nos frutos da graça que o Espírito Santo produz nos fiéis; exprime-se de muitas maneiras em cada um daqueles que, no seu estado de vida, tendem à perfeição da caridade, com edificação do próximo; aparece dum modo especial na prática dos conselhos chamados evangélicos. A prática destes conselhos, abraçada sob a moção do Espírito Santo por muitos cristãos, quer privadamente quer nas condições ou estados aprovados pela Igreja, leva e deve levar ao mundo um admirável testemunho e exemplo desta santidade» (LG 39).

Nessa mesma linha, o papa Francisco afirma que todos nós, batizados, como cristãos no mundo, «somos chamados a viver a contemplação mesmo no meio da ação, e santificamo-nos no exercício responsável e generoso da nossa missão» (GE 26).

---

<sup>119</sup> Cf. Miguel de Salis, “Santidad”, in José R. Vilar, coord., *Diccionario de Ecclesiología*, (Madrid, Biblioteca de Autores Cristianos, 2016), 1352-1367, 1352

<sup>120</sup> Bingemer, *Viver como crentes no mundo em mudança*, 130.

<sup>121</sup> Cf. Pinho, *Os Fiéis Leigos - Texto da Exortação “Christifideless, Laici”*, 53.

Tal missão radica na morte e ressurreição de Jesus Cristo, que é o ponto de partida, de onde surge a necessidade de anunciar o Evangelho e de levar a cabo a construção do Reino, por forma, a que o caminho fosse aberto a todos os crentes e não fosse adulterada a mensagem<sup>122</sup>.

Daí, o crente necessita «dum espírito de santidade que impregne tanto a solidão como o serviço, tanto a intimidade como a tarefa evangelizadora, para que cada instante seja expressão de amor doado sob o olhar do Senhor» (GE, 31). Por conseguinte,

«A santificação é um caminho comunitário, que se deve fazer dois a dois. Reflexo disto temo-lo em algumas comunidades santas. Em várias ocasiões, a Igreja canonizou comunidades inteiras, que viveram heroicamente o Evangelho ou ofereceram a Deus a vida de todos os seus membros» (GE, 141).

Na verdade, já os primeiros cristãos, pelo anúncio do Evangelho e do Reino de Deus, tratavam-se como *discípulos, irmãos, santos*, “comunidades de Deus”, numa vivência plena do Evangelho, ao jeito de Jesus<sup>123</sup>. Trata-se, pois, da ação de um homem em divinização, em processo permanente de Páscoa no mundo, sendo, por isso, ação de cada um e em cada um de teor teândrico. Esta ação faz-se a partir da memória operativa e substantiva das Palavras<sup>124</sup>.

Durante várias épocas, o cristão sempre tentou construir uma espiritualidade adequada à sua vida e ao contexto histórico em que vivam, mas apenas com a renovação operada pelo Concílio Vaticano II é que se voltou a reconhecer «que todos os batizados são Igreja»<sup>125</sup>, conceção que durante séculos estivera pouco presente na consciência dos cristãos, fruto da hierarquização da Igreja. Daí que o cristão sinta necessidade de professar a sua fé, numa mistagogia que promova a unidade entre o anúncio da Palavra, a celebração do Sacramento e a vivência da fé, de forma a que «a espiritualidade dos leigos (na verdade, espiritualidade cristã tão somente) consistiria, então, em participar ativamente no mistério e na vida da Igreja, exercendo cada qual o seu carisma e tendo presença e voz inclusive a nível de decisões»<sup>126</sup>.

---

<sup>122</sup> Cf. Bingemer, *Viver como crentes no mundo em mudança*, 126.

<sup>123</sup> Cf. Bingemer, *Viver como crentes no mundo em mudança*, 131.

<sup>124</sup> Cf. Lima, *Teologia Prática Fundamental*, 242.

<sup>125</sup> Bingemer, *Viver como crentes no mundo em mudança*, 131.

<sup>126</sup> Bingemer, *Viver como crentes no mundo em mudança*, 131-132.

Contudo, é importante frisar que «todos os cristãos são, pois, chamados e obrigados a tender à santidade e perfeição do próprio estado» (LG 42), para atingir a plenitude de vida, «já que a vocação cristã é também, por sua própria natureza, vocação ao apostolado» (AA 2), de forma a viver-se cada vez mais configurado com Cristo.

Na verdade, a missão do fiel-leigo radica na comunhão trinitária. Não há ação eclesial sem unidade do Povo de Deus, cujo fundamento é a unidade da Trindade. Portanto, comunhão eclesial e missão estão estreitamente unidas, tal como comunhão da Trindade e missão do Filho. O leigo enviado é reflexo da origem que o envia<sup>127</sup>.

Dentro de uma eclesiologia integral de comunhão, ninguém é excluído e a ação de cada um contribui para o bem da comunhão. Cada membro do Corpo age em Cristo, pela inserção no Seu mistério Pascal. Age de forma confessada, num estilo consequente do mistério pascal, e não de forma indiferente ou neutro. A ação de cada um é pascal e teândrica, pois Deus age em cada um, de modo que a ação de cada cristão é também ação de Deus<sup>128</sup>.

Por sua vez, cada cristão, pela sua liberdade, age de forma criadora, havendo sempre um traço de novidade, de excesso do além e de utopia na ação de cada um. Há uma espécie de “mais” que remete a ação para outro lado e lhe atribui transcendência e permite a renovação. Por isso, a ação eclesial genuína e autêntica dos cristãos cria manhãs de renovação e torna-se co-criadora. Pela liberdade abre-se a porta à diferença e à diversidade no interior da transformação e enriquecimento da comunidade eclesial<sup>129</sup>.

De facto, é pela comunhão que «o leigo em missão activa desenvolve-se e desenvolve-a, articulando permanentemente quatro elos: o primeiro vertical, de origem e destino, a “intimidade com Deus” (cf.AA.4) cuja expressão teologal é a fé»<sup>130</sup>.

---

<sup>127</sup> Cf. Lima, *Teologia Prática Fundamental*, 254-255.

<sup>128</sup> Cf. Lima, *Teologia Prática Fundamental*, 241.

<sup>129</sup> Cf. Lima, *Teologia Prática Fundamental*, 243.

<sup>130</sup> Lima, *Teologia Prática Fundamental*, 255.

Por conseguinte, na *Gaudete et Exsultate* afirma-se que, para se aceder à santidade, não se necessita de ser ministro ordenado, ou apenas religioso ou religiosa que dedica a sua vida inteiramente à oração. De facto, a santidade parte de uma entrega pessoal, da vida de cada um, a partir das suas atividades diárias, porque todos são chamados a ser santos e a levar aos outros o amor e o testemunho de irmãos em Jesus Cristo, e de filhos do mesmo Pai que é Deus (Cf. GE 14).

Neste sentido, este caminho de santidade é feito a partir de pequenos gestos (Cf. GE 16), na vida quotidiana, onde o cristão se encontra, sendo chamado a ser portador da Boa Nova nos vários ambientes onde se insere, «como bons administradores das várias graças de Deus» (1 Pd 4,10). Porém, este caminho é feito de altos e baixos, de alegrias e tristezas, de vitórias e derrotas, porque todos são frágeis. Mas o amor de Deus para com a humanidade é maior, a Sua misericórdia é infinita, como afirma o Papa Francisco:

«Não tenhas medo de apontar para mais alto, de te deixares amar e libertar por Deus. Não tenhas medo de te deixares guiar pelo Espírito Santo. A santidade não te torna menos humano, porque é o encontro da tua fragilidade com a força da graça» (GE 34).

Assim, esta exortação apostólica constitui mais um importante subsídio na valorização da dignidade e missão de todos os batizados, independente do seu estado na Igreja, na medida em que a santidade é uma vocação universal de todos os batizados. Desta forma, apresenta uma linha de valorização dos ministérios laicais, em virtude de, e indo ao encontro de outros documentos do Magistério, afirmar que cada batizado, pelo exercício dos mais variados ministérios na Igreja, pode aí encontrar uma via para a santidade.

### 3. Análise das entrevistas

A Teologia trata a ciência da fé, que está presente no mundo e em diálogos com as outras ciências, porque «isto implica um sadio respeito pelos patamares culturais nos quais dizemos a fé»<sup>131</sup>. Desta forma, esta dissertação, realizada no âmbito da Teologia Prática, pretende enriquecer-se com os contributos de outras ciências. Por outro lado, o Concílio Vaticano II proclamou que a Igreja, Povo de Deus, reconhece que é seu dever «investigar, a todo o momento, os sinais dos tempos» (GS, 4), para o qual se prestam como poderosos auxílios as demais ciências.

Neste sentido, após se ter apresentado uma reflexão teológica sobre os ministérios laicais no primeiro capítulo e, seguidamente, se terem exposto os pronunciamentos recentes do Magistério acerca da dignidade fundamental de todos os batizados e da sua missão na Igreja, ao longo do segundo capítulo, pretende-se neste capítulo compreender a forma como estes conceitos e definições ganharam corpo nas comunidades eclesiais e na vida dos seus membros.

Para tal investigação, foram levadas a cabo um conjunto de entrevistas a clérigos e leigos de um espaço territorial concreto. Com isto, pretende-se também alinhar algumas linhas de ação para uma progressiva aproximação entre leigos e clérigos e, conseqüentemente, para uma valorização contínua dos ministérios laicais.

Deste modo, o presente capítulo inicia-se com uma exposição do protocolo de investigação e da exposição da metodologia, população entrevistada e perguntas, sendo uma importante base teórica que explana esta investigação e todos os seus passos, desde a escolha da metodologia concreta à realização das entrevistas e sucessiva análise das mesmas. De seguida, a segunda parte apresenta o resultado da análise das entrevistas, isto é, à luz dos

---

<sup>131</sup> Lima, *Teologia Prática Fundamental*, 363.

capítulos precedentes, analisam-se esses dados, relacionando-os com as respostas dos entrevistados.

### **3.1. Protocolo de investigação**

A análise da temática dos ministérios laicais, que nos capítulos precedentes foi preferencialmente teórica, será agora enriquecida com os resultados de um conjunto de entrevistas. O objetivo de tal metodologia consiste em comparar e, na medida do possível, enriquecer os conteúdos expostos e refletidos nos capítulos anteriores com a opinião/visão de um conjunto de pessoas que colaboram na pastoral de uma área geográfica específica<sup>132</sup>. Na verdade, reveste-se de grande importância, neste trabalho, perceber a forma como as pessoas que colaboram, ou mesmo dedicam-se totalmente, na vida eclesial entendem o seu lugar na Igreja e a sua relação com os demais membros. Por outras palavras, pareceu interessante conjugar a investigação teológica, e consequente síntese histórica e teológica dos ministérios laicais, com o testemunho daqueles que os exercem, ou que têm a responsabilidade de os coordenar, como é o caso dos clérigos. Desta forma, tenta-se perceber como as declarações e apelos do Magistério acerca da sua identidade e funções eclesiais, ressoam na sua forma de viver e de estar em Igreja.

Na verdade, a análise de conteúdo consiste numa técnica de análise das comunicações, com vista à análise do que foi dito nas entrevistas<sup>133</sup>. Assim, na análise do material, busca-se classificá-los em temas ou categorias que auxiliam na compreensão do que se encontra por detrás dos discursos<sup>134</sup>, ou seja, pretende-se apresentar o caminho percorrido com um conjunto de entrevistas realizadas a leigos bastante comprometidos com a vida eclesial e a clérigos,

---

<sup>132</sup> Cf. Marcel Viau, “La méthodologie empirique en théologie pratique”, in *Précis de théologie pratique*, Novalis, Editions de l'Atelier (Bruxelles:2007), 92.

<sup>133</sup> Cf. Andressa Hennig Silva and Maria Ivete Trevisan Fossá, “Análise de conteúdo: exemplo de aplicação da técnica para análise de dados qualitativos,” *Qualit@s Revista Eletrônica* 17, nº1 (2015), 2.

<sup>134</sup> Cf. Laurence Bardin, *Análise de Conteúdos*, (Lisboa: Edições 70,1977), 65-66.

ilustrando-se os passos percorridos, desde a realização das entrevistas até ao processo de análise das mesmas.

Portanto, «a análise de conteúdo atualmente pode ser definida como um conjunto de instrumentos metodológicos, em constante aperfeiçoamento, que se presta a analisar diferentes fontes de conteúdos (verbais ou não-verbais)»<sup>135</sup>. Por sua vez, a análise dos dados comporta diferentes etapas, com vista a atribuir significação aos dados coletados<sup>136</sup>.

Desta feita, a referida análise foi conduzida ao longo de três etapas. A primeira fase, denominada de pré-análise, consistiu na sistematização das ideias iniciais colocadas pelo quadro referencial teórico e no estabelecimento de indicadores para a interpretação das informações arrecadadas, organizando-se o material a ser analisado, realizando-se quatro diligências: uma leitura flutuante das entrevistas, com vista a serem conhecidas; a definição do *corpus* de análise, que coincidiu com as entrevistas realizadas; a formulação de hipóteses e objetivos a partir da leitura inicial dos dados, em relação com o quadro teórico realizado previamente; e a elaboração dos indicadores, com vista a interpretar o material fornecido, que muito coincidiu com as perguntas que formulámos para o guião da entrevista<sup>137</sup>.

Quanto à segunda fase, procedeu-se à exploração do material, que consistiu na construção de operações de codificação, sendo que, para tal, se realizou o recorte dos textos das entrevistas em unidades de registo - neste caso, em palavras e unidades de contexto -, agrupando-se tematicamente em categorias iniciais, intermediárias ou finais, as quais possibilitam as inferências, isto é, por este método pretende-se compreender uma outra significação nas palavras dos entrevistados, além da mensagem primeira que eles pretenderam transmitir<sup>138</sup>.

---

<sup>135</sup> Silva and Fossá, “*Análise de conteúdo: exemplo de aplicação da técnica para análise de dados qualitativos*”, 3.

<sup>136</sup> Cf. Silva and Fossá, “*Análise de conteúdo: exemplo de aplicação da técnica para análise de dados qualitativos*”, 3.

<sup>137</sup> Cf. Silva and Fossá, “*Análise de conteúdo: exemplo de aplicação da técnica para análise de dados qualitativos*”, 3.

<sup>138</sup> Cf. Silva and Fossá, “*Análise de conteúdo: exemplo de aplicação da técnica para análise de dados qualitativos*”, 3.

Por fim, a terceira fase corresponde ao tratamento dos resultados, à inferência e à interpretação, tratando de captar os conteúdos manifestos e latentes contidos em todo o material fornecido pelos entrevistados, sendo que a análise comparativa é realizada através da justaposição das diversas categorias existentes em cada análise, ressaltando os aspetos considerados semelhantes e os que foram concebidos como diferentes<sup>139</sup>.

De referir ainda que tal análise teve como pano de fundo os dados dos dois capítulos precedentes, a fim de se poder enquadrar a opinião destes cristãos de diferentes quadrantes com os recentes apelos do Magistério. Por outras palavras, pretende-se responder à questão sobre a forma como se podem perspetivar os ministérios laicais, em linha com a valorização dos leigos na vida da Igreja, por forma a promover-se progressivamente a igualdade fundamental de todos os batizados e uma progressiva cooperação entre os leigos e os clérigos.

### **3.2. Metodologia**

Em primeiro lugar, refere-se que se levou a cabo uma pesquisa qualitativa, isto é, promoveu-se uma investigação que partiu de perguntas qualitativas, com vista a compreender o comportamento e os estados subjetivos, ou seja, trataram-se de perguntas que exigiram respostas subjetivas<sup>140</sup>. De facto, «a primazia do “compreender a vida mental” reaparece em todas as discussões sobre a natureza da pesquisa qualitativa»<sup>141</sup>, isto é, trata-se de uma análise que tem como características gerais: prima-se a compreensão como princípio do conhecimento, em que a realidade social é entendida como construção e atribuição social de significados; a construção da realidade, no qual a pesquisa é compreendida como ato subjetivo de construção; a descoberta e a construção de teorias são objetos de estudo; e, por fim, esta pesquisa é uma

---

<sup>139</sup> Cf. Silva and Fossá, “Análise de conteúdo: exemplo de aplicação da técnica para análise de dados qualitativos”, 4.

<sup>140</sup> Cf. Hartmut Günther, “Pesquisa Qualitativa Versus Pesquisa Quantitativa: Esta É a Questão?,” *Psicologia: Teoria e Pesquisa* vol. 22, nº 2 (2006), 200-201.

<sup>141</sup> Günther, “Pesquisa Qualitativa Versus Pesquisa Quantitativa: Esta É a Questão?,” 202.

ciência baseada em textos, isto é, a recolha de dados origina textos que, nas diferentes técnicas analíticas, são interpretados hermenêuticamente<sup>142</sup>.

Desta feita, como ponto de partida - ou elemento essencial - da pesquisa qualitativa, encontra-se o estudo de caso, marcado por um princípio de abertura, ou seja, ao invés de se utilizar um método padronizado único, a pesquisa qualitativa caracteriza-se por uma variedade de métodos, sendo que o método deve-se adequar ao objeto de estudo<sup>143</sup>.

Desta forma,

«são características da pesquisa qualitativa sua grande flexibilidade e adaptabilidade. Ao invés de utilizar instrumentos e procedimentos padronizados, a pesquisa qualitativa considera cada problema objeto de uma pesquisa específica para a qual são necessários instrumentos e procedimentos específicos»<sup>144</sup>.

Por conseguinte, a coleta de dados foi realizada através da realização de um conjunto de entrevistas, focalizadas em determinadas problemáticas, a saber, a conceção que estes têm dos conceitos de leigos e de clérigos, as relações entre ambos, a sua possível valorização e caminhos a percorrer para uma maior sintonia com os apelos do Magistério, universal e local. Foram realizadas de forma verbal, tendo sido gravadas, e depois transcritas de forma literal.

A opção por esta modalidade de coleta de dados prende-se com a perceção de que as entrevistas são fundamentais para se precisar/mapear práticas, crenças, valores e sistemas classificatórios de universos sociais específicos, mais ou menos delimitados, as quais permitirão um mergulho em profundidade, recolhendo indícios sobre os modos como cada um percebe e significa a sua realidade<sup>145</sup>. Contudo, é de salientar que a análise de entrevistas é uma tarefa complicada e exige muito cuidado com a interpretação, a construção de categorias e, principalmente, com a existência de uma tendência bastante comum entre os investigadores, que consiste em debruçar-se sobre o material empírico procurando retirar dali elementos que

---

<sup>142</sup> Cf. Günther, “Pesquisa Qualitativa Versus Pesquisa Quantitativa: Esta É a Questão?,” 202.

<sup>143</sup> Cf. Günther, “Pesquisa Qualitativa Versus Pesquisa Quantitativa: Esta É a Questão?,” 203.

<sup>144</sup> Günther, “Pesquisa Qualitativa Versus Pesquisa Quantitativa: Esta É a Questão?,” 205.

<sup>145</sup> Cf. Rosália Duarte, “Entrevistas em pesquisas qualitativas”, *Educar*, n° 24 (2004), 215.

confirmem as suas hipóteses de trabalho e/ou os pressupostos das suas teorias de referência, ou seja, trata-se do perigo da subjetividade<sup>146</sup>.

Quanto à análise das entrevistas, uma maneira de as analisar consistirá em fragmentar o todo e reorganizar os fragmentos a partir de novos pressupostos, consistindo numa atitude de segmentar a fala dos entrevistados em unidades de significação – o mínimo de texto necessário para a compreensão do significado por parte de quem analisa – e iniciar um procedimento minucioso de interpretação de cada uma dessas unidades, articulando-as entre si, com a finalidade de formular de hipóteses explicativas do problema ou do universo estudado<sup>147</sup>. Salienta-se ainda que, ao longo da análise, o material empírico será analisado à luz da literatura científica de referência, produzindo uma «teoria articulada ao conjunto de produções científicas com o qual se identifica»<sup>148</sup>

Assim, a presente investigação centrou-se na realização de entrevistas a quinze pessoas do arciprestado de Fafe, pertencente à arquidiocese de Braga, tratando-se de cristãos que dedicam uma parte importante - e, nalguns casos a referir, a totalidade - do seu tempo ao serviço da Igreja. A escolha deste espaço geográfico de análise prende-se com o facto de corresponder ao local de origem do autor desta investigação, o qual pretendeu perceber o âmbito em que estas diferentes pessoas vivem e dinamizam a vida eclesial neste referido arciprestado. Para além da conveniência de não obrigar a deslocações muito demoradas e custosas.

Nesse sentido, entrevistaram-se dez leigos, que têm como característica comum uma ligação bastante forte à vida eclesial das suas paróquias, nomeadamente como catequistas, ministros extraordinários da comunhão, entre outras atividades e movimentos a que dedicam uma porção importante do seu tempo diário. Tais leigos foram indicados pelo então arcipreste, que os identificou de acordo com as suas funções na vida eclesial das comunidades paroquiais existentes, de modo a possuir-se a opinião de quem se dedica a diferentes atividades, que

---

<sup>146</sup> Cf. Duarte, “Entrevistas em pesquisas qualitativas”, 216.

<sup>147</sup> Cf. Duarte, “Entrevistas em pesquisas qualitativas”, 221.

<sup>148</sup> Duarte, “Entrevistas em pesquisas qualitativas”, 223.

comportam formações específicas, de uma forma o mais equitativa possível. Além disso, foram também entrevistados quatro presbíteros, que exercem o seu ministério no referido arciprestado, e um diácono permanente, cuja existência e trabalho neste território ressalta a importância da valorização dos leigos.

As entrevistas foram realizadas em agosto de 2018, e registradas através de um dispositivo áudio que gravou as suas intervenções, tendo sido, posteriormente, transcritas pelo autor desta investigação, encontrando-se em anexo na íntegra.

### **3.3. Questões**

As questões formuladas reúnem-se em três grupos, correspondendo a três temáticas que vão ao encontro do tema cimeiro desta investigação. Neste sentido, o primeiro grupo compreende às questões 1 a 5, sobre a forma como são entendidos pelos entrevistados os leigos e os clérigos; o segundo grupo corresponde às questões 6 a 9, sobre a forma como é que os entrevistados vêem a existência e pertinência dos ministérios laicais; e, por fim, as questões 10 a 15 compreendem o terceiro grupo, procurando saber-se quais as perspetivas que os entrevistados delineiam para uma possível valorização dos ministérios laicais no seio da Igreja.

O primeiro grupo, que pretende essencialmente saber a forma como estes cristãos entendem o seu estado e missão na Igreja - leigo ou clérigo - compreende um conjunto de perguntas de carácter muito específico: a primeira questão pergunta o que é que se entende por um leigo; sendo que a segunda vai-lhe ao encontro ao perguntar se o entrevistado considera que os leigos têm sido devidamente valorizados na Igreja; por sua vez, a terceira questão é paralela à anterior, pois questiona se a pessoa entende que os clérigos estejam a ser devidamente valorizados na Igreja; por fim, as quarta e quinta questões centram-se na relação leigo-clérigo,

a quarta pergunta ao entrevistado qual a diferença essencial entre estes dois estados, e a quinta pergunta se faz sentido falar-se do binómio leigo-clérigo.

De seguida, o segundo grupo de questões centra-se na temática dos ministérios laicais: com a sexta questão pretende-se saber se estes cristãos consideram que os ensinamentos da Igreja procuram valorizar os ministérios laicais, em torno da temática do compromisso dos leigos na Igreja; a sétima, indo ao encontro da anterior, questiona se as pessoas entendem que o caminho realizado no último meio século tem procurado atribuir um maior destaque aos leigos; da mesma forma, as oitava e nona questões procuram saber se os entrevistados pensam que os ministérios laicais continuam desvalorizados, isto é, excessivamente dependentes da autoridade eclesial (oitava), e como se pode desenvolver uma relação entre grupos laicais e autoridade eclesial que permita aos primeiros sentir-se realmente comprometidos na vida eclesial.

Por fim, o terceiro grupo de questões pretende que os entrevistados apontem perspetivas para um possível caminho de valorização dos ministérios laicais na vida eclesial, realizam-se questões muito diretas: na décima questão pergunta-se se os entrevistados entendem que os leigos podem assumir cargos de maior relevo e importância no governo da Igreja; a décima primeira questão pergunta se será possível confiar aos leigos, de modo estável e duradouro, concedendo-lhes total autonomia para os realizar; a décima segunda questão questiona se os entrevistados vêem a formação disponibilizada aos leigos como suficiente e adequada às exigências deste tempo e aos serviços que são chamados a realizar; as décima terceira e décima quarta questões incidem muito especificamente sobre o âmbito geográfico dos entrevistados, perguntando se é possível leigos e clérigos colaborarem em conjunto no governo da diocese (décima terceira) e se o caminho levado a cabo na zona onde eles vivem e trabalham vai ao encontro dos apelos da Igreja sobre a valorização do papel dos leigos (décima quarta); finalmente, a décima quinta questão pergunta se consideram que a recente exortação apostólica

do papa Francisco, sobre o apelo à santidade, esteja a ser um bom contributo para uma maior sensibilização para o papel dos leigos na Igreja.

### **3.4. Tratamento de Dados**

Uma vez que as entrevistas consistiam em quinze questões, a análise das respostas será levada a cabo em três diferentes momentos, correspondendo às três principais temáticas das questões e aos objetivos apontados previamente.

Nesse sentido, num primeiro momento vai-se procurar entender a forma como os entrevistados entendem o seu estado - leigo ou clérigo - na vida da Igreja, e sobre o contributo que cada um pensa prestar e a relação que na sua experiência diária têm as diferentes pessoas. De seguida, no segundo momento procede-se ao entendimento que os entrevistados têm dos ministérios laicais, tentando-se, de modo muito concreto, perceber-se qual a pertinência que ambos lhe dão no atual contexto eclesial e, inclusive, social. Por fim, o terceiro momento debruçar-se-á sobre as perspetivas para uma possível valorização dos ministérios laicais, ou seja, que atitudes a tomar, no pensamento dos entrevistados, para que os leigos possam dispor de condições para levarem a cabo um compromisso estável e duradouro na vida da Igreja.

Importante ainda será atender ao estado de vida dos entrevistados, isto é, se se tratam se leigos ou ministros ordenados, sendo que, para tal, se procedeu a uma grelha onde, numa coluna se sintetizam os dados apresentados pelos clérigos, e na outra coluna as respostas dos leigos. Esta forma de tratamento pretende auferir as diferentes (ou semelhantes) visões que cada uma destas pessoas, que vivem no mesmo local e contexto, e inclusivamente trabalham entre si - seja na paróquia ou no âmbito arciprestal - possui da sua missão, do seu papel na vida da Igreja e, por outro lado, do papel/contributo que entendem acerca das outras pessoas que possuem outro estado de vida.

De referir ainda que a análise das entrevistas será iluminada pelos dados auferidos pela investigação dos capítulos precedentes, por forma a enquadrar-se o pensamento destes cristãos com os apelos do Magistérios e, inclusive, com os dados bíblicos e patrísticos. As respostas fornecidas poderão apontar para alguns pontos de compreensão sobre o impacto dos documentos do Magistério e das reflexões teológicas das últimas décadas na vida concreta daquelas pessoas e daquelas comunidades eclesiais. Por outras palavras, tendo presente toda a reflexão teológica e pronunciamentos do Magistério, o objetivo destas entrevistas é verificar se as comunidades eclesiais foram impactadas por eles, isto é, se a palavra escrita tomou corpo na vida das paróquias e dos seus membros.

#### **3.4.1. Forma como são entendidos os leigos e os clérigos**

A presente investigação inicia-se com um conjunto de questões que procuram saber qual a consideração que os entrevistados têm sobre o seu estado e missão dentro da Igreja e sobre a relação existente entre estes dois estados - leigo e clérigo.

A primeira questão incide sobre o que é um leigo. Na verdade, o conceito de leigo foi, durante muito tempo, considerado como o oposto de clérigo, isto é, como o cristão não ordenado. Por sua vez, o Concílio Vaticano II reafirmou a dignidade de todos os cristãos, com base no Batismo, iniciando um processo de revalorização destes, com vista a que a sua conceção deixe de ser realizada com uma conotação negativa (como os não ordenados)<sup>149</sup>. Desta feita, os entrevistados leigos entendem que o leigo - e por sua vez eles mesmos - «é um cristão batizado»<sup>150</sup>, isto é, «alguém que faz parte do povo de Deus, é um batizado comprometido com a Igreja»<sup>151</sup>. No entanto, eles apresentam uma conceção essencialmente negativa, ou seja, como

---

<sup>149</sup> Cf. Bingemer, *Viver como crentes num mundo em mudança*, 58-59.

<sup>150</sup> Anexo 3, Leiga de 48 anos de idade.

<sup>151</sup> Anexo 12, Leiga de 49 anos de idade.

os não clérigos, portanto, pessoas que «não são ordenados, nem fazem parte da hierarquia eclesial»<sup>152</sup>, por outras palavras, alguém que colabora na vida da Igreja, mas que não recebeu o sacramento da Ordem<sup>153</sup>. De acrescentar que alguns dos entrevistados leigos referiram que os leigos são muitas vezes vistos com uma conotação negativa, desvalorizados e entendidos como uma pessoa que não possui conhecimentos sobre determinada área ou temática<sup>154</sup>. Persiste ainda uma dificuldade em se ver encarnada na vida destes leigos, muitos deles com formação no âmbito dos serviços que desempenham na vida paroquial, a noção renovada de leigo, o que não implica uma responsabilização dos mesmos por esta situação. Aliás, os clérigos entrevistados apontam precisamente para esta dificuldade, ou seja, que os leigos sempre foram entendidos de forma negativa, e que, mesmo após o Concílio tentasse revalorizá-lo, continua a ser visto como alguém que sabe menos<sup>155</sup>. Decerto que existem caminhos a traçar para que os leigos se possam afirmar como tais na vida eclesial e não apenas como “ajudantes dos padres”, sendo que os clérigos têm noção clara da sua dignidade fundada no Batismo, em virtude da qual os leigos assumem corresponsabilidade na construção da Igreja de Cristo<sup>156</sup>, no seu dia-a-dia na família, no trabalho e noutras dimensões em que esteja envolvido<sup>157</sup>, quer no seu compromisso com a sua comunidade cristã<sup>158</sup>.

De seguida, na segunda questão, as opiniões divergem muito quando ao entendimento que os entrevistados têm sobre a possível valorização dos leigos na vida da Igreja. Na verdade, os clérigos entrevistados são unânimes em reconhecer a importância da participação dos leigos na vida da Igreja, porém, não estão de acordo quanto ao trabalho levado a cabo desde o último concílio no sentido de se valorizar a sua dignidade e o seu serviço. De facto, se um dos entrevistados afirma que «que não existe Igreja sem leigos, sem laicado, portanto creio que

---

<sup>152</sup> Anexo 2, Leigo de 41 anos de idade.

<sup>153</sup> Cf. Anexos 2, 6, 7, 13.

<sup>154</sup> Cf. Anexos 1 e 2.

<sup>155</sup> Cf. Anexo 11, Sacerdote de 51 anos de idade.

<sup>156</sup> Cf. Anexo 5, Sacerdote de 37 anos de idade.

<sup>157</sup> Cf. Anexo 8, Sacerdote de 33 anos de idade.

<sup>158</sup> Cf. Anexo 9 e 15.

desde o princípio os leigos assumiram um papel preponderante na vida da Igreja, que graças a Deus, que o Vaticano II redescobriu e trouxe para cima e para a ribalta, também esse papel dos leigos e a sua valorização nos diversos ministérios e serviços da Igreja»<sup>159</sup>; na verdade, os esforços conduzidos para uma efetiva valorização ainda são incipientes, afirmando-se mesmo que «o Concílio Vaticano II ficou muito aquém passados cinquenta anos daquilo que se propôs, que era tentar a formação dos batizados de tal maneira que o conceito de leigo se fosse diluindo»<sup>160</sup>. Para esta situação, eles indicam que em grande parte se deve à falta de formação oferecida aos leigos, que lhes capacite para uma melhor interpretação da sua vocação e do seu trabalho na Igreja<sup>161</sup>. Este problema é bem explanado nas palavras deste clérigo, «os leigos são olhados como alguém que parece que estão a fugir do caminho e não se aproveita aquele compromisso que, às vezes, até intrínseco, até está lá dentro, e não se ajuda a que o leigo no seu compromisso com a Igreja seja mais ativo»<sup>162</sup>. Se é certo que o último Concílio prestou um grande contributo à revalorização dos estados laicais, com a proclamação da dignidade de todo o cristão a partir do batismo<sup>163</sup>, sendo que as reflexões teológicas subsequente tenderam a uma progressiva eliminação da divisão que essa palavra traz<sup>164</sup>, o certo é que entre os clérigos ainda há dificuldade em observar na prática a vivência de tal consciência.

Por sua vez, os leigos entrevistados apontam para opiniões divergentes, ou seja, reconhecem que «pelo menos teoricamente, com o Concílio Vaticano II, foi dado um grande passo na valorização e promoção do leigo na Igreja»<sup>165</sup>, estando a aumentar as funções que eles desempenham na vida eclesial, em parte devido à diminuição progressiva do número de presbíteros, que os torna demasiado sobrecarregados<sup>166</sup>. Face a estas afirmações, compreende-se que estes leigos também entendem que uma parte das suas atividades funciona como uma

---

<sup>159</sup> Anexo 5, Sacerdote de 37 anos de idade.

<sup>160</sup> Anexo 11, Sacerdote de 51 anos de idade.

<sup>161</sup> Anexos 9 e 11.

<sup>162</sup> Anexo 15, Diácono Permanente de 49 anos de idade.

<sup>163</sup> Cf. Galindo, “*Asociaciones de Fieles*”, 27.

<sup>164</sup> Cf. Bingemer, *Viver como crentes num mundo em mudança*, 77.

<sup>165</sup> Anexo 2, Leiga de 41 anos de idade.

<sup>166</sup> Cf. Anexos 12 e 6.

extensão do clero, isto é, entendem «que se constata uma certa estagnação nesta promoção do papel dos leigos, vendo-os muito reduzido à vida intraeclesial, tornando-os suplentes da ação do clero»<sup>167</sup>. Depreende-se que, para estes leigos que têm uma visão negativa acerca desta temática, apontam a relação com os clérigos como um dos principais motivos desta situação, a ponto de indicarem que «temos presbíteros que estão muito alto no altar, que os leigos dificilmente chegam»<sup>168</sup>, sendo notória a noção de que o trabalho de uma progressiva valorização dos leigos começa, na opinião geral dos entrevistados, por um esforço dos clérigos e, ao mesmo tempo, por ações de formação.

Quando à terceira questão que incide sobre a valorização dos clérigos, as opiniões também se apresentam díspares, embora haja uma linha geral que ainda reconhece uma grande sobrevalorização do clero, em linha com o pensamento do Papa Francisco, que alerta para a existência de um excessivo clericalismo (Cf. EG 102), ou seja, uma mentalidade muito clericalizada e hierarquizada que, por conseguinte, conduz a uma separação entre leigos e clérigos e um desconhecimento do papel dos leigos<sup>169</sup>. Por um lado, os clérigos são relativamente unânimes em indicar que eles estão demasiado sobrevalorizados ou, sobretudo, que são sobrecarregados. Sendo verdade que «os clérigos fazem tanto parte da Igreja, como fazem os leigos»<sup>170</sup>, e «que não há uma Igreja sem clérigos, portanto eles assumem esse papel central e que é preciso valorizar e redescobrir continuamente na vida da Igreja, também na fidelidade ao espírito de Deus»<sup>171</sup>. Estas afirmações vão naturalmente ao encontro da opinião geral que aponta para o progressivo aumento de trabalhos, resultado da diminuição do número efetivo de clérigos em serviço pastoral, estando muitos ocupados com funções que poderiam ser exercidas por leigos<sup>172</sup>. A este propósito, um entrevistado esclarece, de forma muito direta e simples, que

---

<sup>167</sup> Anexo 2, Leiga de 41 anos de idade.

<sup>168</sup> Anexo 4, Leigo de 57 anos de idade.

<sup>169</sup> Cf. Borobio, *Los ministerios en la comunidad*, 156.

<sup>170</sup> Anexo 5, Sacerdote de 37 anos de idade.

<sup>171</sup> Anexo 5, Sacerdote de 37 anos de idade.

<sup>172</sup> Cf. Anexos 8 e 15

«ao nível da valorização do clero, (...) a mim não me assusta nada desvalorizar o clero, no sentido de que, se nós entrarmos numa Igreja que seja mais uma comunhão, sem termos medo de falar dessa economia eclesial, em que a Igreja são todos os batizados, estás a perceber, todos batizados que pelo facto de serem batizados são missionários, portanto estão todos em missão»<sup>173</sup>,

Por outro lado, os leigos apontam como muito positiva a valorização dos clérigos na vida da Igreja, embora coloquem a tónica nas qualidades humanas e relacionais destes como fatores determinantes para a sua valorização por parte das comunidades<sup>174</sup>, assim como se chega a indicar que existe uma visão muito negativa deles por parte da mentalidade anticlerical que se respira na sociedade em geral<sup>175</sup>. Nesse sentido, alguns entrevistados apontam que os clérigos estão a ser desvalorizados, devido ao pouco respeito que muitas pessoas das comunidades nutrem por eles<sup>176</sup>. A respeito da sua valorização enquanto vocação no seio da Igreja, esta é colocada em torno da administração dos sacramentos<sup>177</sup>. Porém, um dos entrevistados indica que «a valorização destes, também, passa em grande parte pela valorização que eles próprios dão aos leigos e ao trabalho que estes realizam na Igreja»<sup>178</sup>.

A resposta à quarta questão recolhe unanimidade por parte dos clérigos e dos leigos. De facto, todos reconhecem a dignidade fundamental radicada no Batismo, indicando a distinção na receção - ou não - do sacramento da Ordem<sup>179</sup>. No entanto, é referido que no início todos «somos todos batizados, todos filhos do mesmo Pai, portanto formamos a mesma fraternidade»<sup>180</sup>. Daí se falar em povo de Deus, como todo o Batizado, partindo de uma mesma matriz que é o batismo, no entanto cada cristão vai desempenhando várias funções dentro da Igreja<sup>181</sup>. Contudo, essa diferença, entre leigo e clérigo «reside nas responsabilidades que cada

---

<sup>173</sup> Anexo 11, Sacerdote de 51 anos de idade.

<sup>174</sup> Cf. Anexos 13, 14, 10.

<sup>175</sup> Cf. Anexo 6, Leigo de 18 anos de idade.

<sup>176</sup> Cf. Anexos 2 e 4.

<sup>177</sup> Cf. Anexo 12, Leiga de 49 anos de idade.

<sup>178</sup> Anexo 7, Leiga de 39 anos de idade.

<sup>179</sup> Cf. Anexos 1,2,3,5,6, 7, 9, 10, 12, 13, 15.

<sup>180</sup> Anexo 11 Sacerdote de 51 anos de idade.

<sup>181</sup> Cf. 14, Leiga de 45 anos de idade.

um tem na Igreja»<sup>182</sup>, na disponibilidade para a vida paroquial e pastoral<sup>183</sup>, e no «grau de compromisso com a Igreja e com a fé e com o trabalho na comunidade»<sup>184</sup>. Neste sentido, as posições assumidas pelos entrevistados não caminha longe, aliás, vais mesmo ao encontro, da posição do mais recente Concílio, que define o leigo como o cristão que se ocupa das realidades temporais e seculares, ao passo que os clérigos se ocupam do domínio do sagrado<sup>185</sup>.

Por isso, torna-se relevante perceber o entendimento que os entrevistados têm sobre um possível binómio leigo-clero, ocupando-se disso a quinta questão. Na verdade, esse binómio tem-se revestido ao longo dos tempos de uma conotação negativa, pois traduz a subordinação e passividade dos leigos na construção da Igreja, visto como o iletrado, ao passo que o clero é visto como o letrado<sup>186</sup>. Por conseguinte, uma grande maioria dos entrevistados afirma que faz sentido falar-se do binómio leigo-clérigo, «porque o clérigo está para dirigir, para governar, para santificar, e o leigo não participa na administração dos sacramentos, é diferente e há aí uma separação, em que deve ser tida em conta»<sup>187</sup>. Tal perspetiva é defendida por muitos, apontando para uma diversidade de ministérios, entendidos como complementares, onde cada um pode desempenhar na Igreja a sua função, porque «um leigo e um clérigo, ou os leigos e os clérigos são pessoas que devem trabalhar em sintonia em comunhão, em equipa e que são batizados e são ambos cristãos, e por isso, não devem nunca estar em contradição»<sup>188</sup>, dado ser necessário estabelecer relação entre ambos. Mas uma grande parte vê ainda a Igreja ainda organizada em torno de uma estrutura hierarquizada, na qual os leigos se encontram a um nível inferior em relação aos clérigos.

---

<sup>182</sup> Anexo 7, Leiga de 39 anos de idade.

<sup>183</sup> Cf. Anexo 8, Sacerdote de 33 anos de idade.

<sup>184</sup> Anexo 9, Sacerdote de 31 anos de idade.

<sup>185</sup> Cf. Binguemer, *Viver como crentes num mundo em mudança*, 71.

<sup>186</sup> Cf. Binguemer, *Viver como crentes num mundo em mudança*, 62-63.

<sup>187</sup> Anexo 15, Diácono Permanente de 49 anos de idade.

<sup>188</sup> Anexo 9, Sacerdote de 31 anos de idade.

### **3.4.2. Ministérios laicais: visão que os entrevistados têm da sua existência e pertinência para a vida da Igreja**

Sobre a questão relacionada com a valorização dos ministérios laicais, refletiu-se no primeiro capítulo que, após o Concílio, emergiu uma eclesiologia total, passando-se a assumir a dimensão laical como dimensão de toda a Igreja presente na história<sup>189</sup>. Quanto à sua aplicação na prática eclesial ao longo das últimas décadas, os clérigos afirmam que houve uma maior valorização dos ministérios laicais a partir do Concílio Vaticano II em que «os papas do Concílio e pós Concílio trouxeram, como dizia há pouco, para a ribalta esta questão dos ministérios laicais assumidos em Igreja, como Igreja»<sup>190</sup>. Também, os clérigos vêem essa valorização como algo positivo, e afirmam a necessidade e «importância de valorizar os ministérios laicais, em que os leigos assumem mais algum compromisso na vida da Igreja, mas é um caminho que é preciso ser percorrido»<sup>191</sup>. Mas para alguns clérigos essa valorização trata-se de um processo lento e demorado, apesar de já se verem leigos a desempenhar alguns ministérios importantes para a vida comunitária<sup>192</sup>.

Quanto aos leigos entrevistados realçam o empenho da Igreja, através dos seus ensinamentos, na valorização dos ministérios laicais e na aposta da sua formação para desempenharem melhor a sua função<sup>193</sup>. E para isso o Concílio Vaticano II contribui com os seus ensinamentos e «com um riquíssimo património doutrinal, com tantos ensinamentos, acaba por nos dar muita ênfase à natureza, à dignidade, à espiritualidade, à missão e à responsabilidade dos leigos. Portanto, ensinamentos não nos faltam de certeza»<sup>194</sup>.

---

<sup>189</sup> Cf. Bingemer, *Viver como crentes num mundo em mudança*, 76.

<sup>190</sup> Anexo 5, Sacerdote de 37 anos de idade.

<sup>191</sup> Anexo 9, Sacerdote de 31 anos de idade.

<sup>192</sup> Cf. Anexos 9, 11, 15.

<sup>193</sup> Cf. Anexos 1, 2, 6, 10, 12, 13.

<sup>194</sup> Anexo 2, Leiga de 41 anos de idade.

Por outro lado, alguns leigos vêm essa valorização lenta, onde os ensinamentos da Igreja, têm sido uma coisa e os ministérios laicais têm sido outra<sup>195</sup>, e «que não há uma perfeita ligação e devia haver entre estas duas questões, porque, creio que os ministérios laicais são um pouco departamentos da própria Igreja e não uma continuidade da voz dessa Igreja junto do povo»<sup>196</sup>.

Quanto à sétima questão, uma das ideias centrais desta exposição prende-se com as mudanças levadas a cabo com o Concílio Vaticano II, o qual consagrou a teologia do laicado. De facto, a constituição dogmática *Lumen Gentium* marca decisivamente a teologia do laicado, situando-a na perspetiva global da comunhão e missão de toda a Igreja<sup>197</sup>, e atribuindo, de forma decisiva, o enfoque teológico à identidade do leigo dentro da eclesiologia do Povo de Deus, presente no capítulo II<sup>198</sup>. Por sua vez, o decreto *Apostolicum Actuositatem* referiu que Cristo confiou à Igreja «a missão de ensinar, santificar e governar em seu nome e com o seu poder. Mas os leigos, dado que são participantes do múnus sacerdotal, profético e real de Cristo, têm um papel próprio a desempenhar na missão do inteiro Povo de Deus, na Igreja e no mundo» (AA, 2). Face a isto, e centrando as atenções no caminho percorrido nos últimos 50 anos, os clérigos vêm-no como positivo, entendendo que existe um maior destaque aos leigos, partindo pela valorização realizada no Vaticano II<sup>199</sup>, em que «muitas comunidades que vivem já, graças ao esforço e ao trabalho dos leigos mais do que dos clérigos»<sup>200</sup>.

Mas alguns apontam as limitações pessoais e familiares dos leigos no exercício do seu ministério<sup>201</sup>, embora também apontam «a forma como outros paroquianos leigos vêm o seu papel, com alguma desconfiança, e, às vezes, egoísmo e ciúme»<sup>202</sup>.

---

<sup>195</sup> Cf. Anexo 3, 4.

<sup>196</sup> Anexo 4, Leigo de 57 anos de idade.

<sup>197</sup> Cf. Pié-Ninot, *Eclesiologia*, 294-295.

<sup>198</sup> Cf. Pié-Ninot, *Eclesiologia*, 294.

<sup>199</sup> Cf. Anexos 5, 8, 9, 11, 15.

<sup>200</sup> Anexo 9, Sacerdote de 31 anos de idade.

<sup>201</sup> Cf. Anexo 8, Sacerdote de 33 anos de idade.

<sup>202</sup> Anexo 8, Sacerdote de 31 anos de idade.

Os leigos afirmam que com o Vaticano II os leigos desempenham um papel importante ou de destaque, em que contribuiu principalmente com a diminuição de clérigos e as necessidades pastorais, daí se entrevê que a valorização do contributo dos leigos na vida da Igreja é entendida em muitos casos como uma suplência do clero, ou seja, os leigos vão desempenhando função por incapacidade dos ministros ordenados em realizá-las, dada a sua progressiva diminuição numérica.<sup>203</sup>, embora se diga que

«não falaria em “destaque” talvez “dignificação”, “valorização” dos ministérios laicais, que após o Concílio Vaticano II vê o leigo como parte integrante do povo de Deus, que faz parte do sacerdócio comum dos fiéis, que tem por função juntar-se ao sacerdócio ministerial dignificando e valorizando a Igreja»<sup>204</sup>.

De facto, a partir do Concílio, «dá-se uma grande abertura da parte da Igreja aos leigos, onde o leigo participa como leitor, acólito, cantor, ministro extraordinário da comunhão, isto que antes do Concílio Vaticano II não era possível»<sup>205</sup>.

Embora afirmem que «na sua essência os leigos ainda não são devidamente valorizados no seu compromisso diário e quotidiano com e na Igreja»<sup>206</sup>.

Na questão oito e indo ao encontro do que acaba de ser refletido, a maioria dos clérigos entrevistados entende que os ministérios laicais são um pouco desvalorizados, notando que ainda estão muito dependentes do clero, onde aponta a necessidade de formação<sup>207</sup>, ou seja, nota-se uma persistência de uma mentalidade e práticas próprias do período tridentino, que no concreto continua a supervalorizar o ministério sacerdotal frente ao sacerdócio dos fiéis, mantendo a sua divisão e a um desconhecimento real dos ministérios laicais, para além de provocar um esmorecimento do papel destes enquanto servidores da comunidade<sup>208</sup> Contudo, também se afirma que «um leigo não pode trabalhar por conta própria, tem de ter alguém que

---

<sup>203</sup> Cf. Anexo 2, Leiga de 41 anos de idade.

<sup>204</sup> Anexo 7, Leiga de 39 anos de idade.

<sup>205</sup> Anexo 12, Leiga de 49 anos de idade.

<sup>206</sup> Anexo 2, Leiga de 41 anos de idade.

<sup>207</sup> Cf. Anexo 8, 9, 11.

<sup>208</sup> Cf Borobio, *Los ministerios en la comunidad*, 156.

dirija e que o oriente»<sup>209</sup>, por isso, «digamos esta dependência, isto é como também não existe no fundo um presbiterado desligado e desgarrado da autoridade do bispo, e portanto eles precisam de estar aí radicados, mas penso que à caminho também para uma autonomia, digamos de proposta ao nível do laicado, mas claro na sua estreitíssima ligação ao bispo»<sup>210</sup>.

Os leigos apontam a existência de uma dependência face ao clero, visto que muitas vezes é apontada a falta ou a pouca formação<sup>211</sup>, e por outro lado, alguns desvalorizam embora seja sempre necessário uma «orientação, acompanhamento e, claro, avaliação, também sobre o trabalho realizado e nisso é importante que haja autoridade eclesial, para que não andem assim um bocado desorientadas, sem rumo, mas sim com objetivos e com fins próprios e convictos»<sup>212</sup>, de forma a servir melhor a comunidade. O que se precisa, a partir das reflexões apontadas, é de um caminho de maior proximidade entre os ministros ordenados e os leigos, o que requer uma conversão mútua na forma de se relacionarem e de trabalharem.

Na questão nove, os clérigos entrevistados apontaram como muito importante a relação entre os diferentes grupos laicais e a autoridade eclesial, além do diálogo que se deve estabelecer entre eles<sup>213</sup>, no qual «o pároco e o clérigo numa comunidade não é aquele que tem de fazer todos os trabalhos, mas é aquele que tem de garantir a unidade entre todos os que trabalham. Isso é que é ser um líder!»<sup>214</sup>.

Deste modo, a autoridade eclesial tem necessidade de entrar em diálogo, onde

«o clero ou a autoridade eclesial tem exatamente de exercer a autoridade nas comunidades, onde está inserida, através do diálogo entre os vários grupos, cada um deve ter bem claro e bem definido qual é a sua função, nessa Igreja, nessa porção, nessa paróquia, na diocese e ter consciência que tem de haver alguém que dirija, numa relação de diálogo de ajuda mútua, onde as pessoas não são donas mesmo do cargo, mas estão ao serviço»<sup>215</sup>.

---

<sup>209</sup> Anexo 15, Diácono Permanente de 49 anos de idade.

<sup>210</sup> Anexo 5, Sacerdote de 37 anos de idade.

<sup>211</sup> Cf. Anexos 7, 12, 13.

<sup>212</sup> Anexo 6, Leigo de 18 anos de idade.

<sup>213</sup> Cf. Anexos 5, 8, 9, 11, 15

<sup>214</sup> Anexo 9, Sacerdote de 31 anos de idade.

<sup>215</sup> Anexo 15, Diácono Permanente de 49 anos de idade.

Portanto, tal diálogo deve ser marcado pela ação do Espírito Santo que conduz a Igreja, a partir do qual haverá maior facilidade em construir esta relação, por forma a que uns e outros sintam o compromisso na construção da Igreja de Cristo<sup>216</sup>. Dessa forma, entendem que a Igreja tem procurado uma maior valorização dos ministérios laicais, mas esse caminho ainda precisa de ser feito para que os ministérios laicais possam ter uma independência face ao clero, sem que isso signifique a ausência de relação<sup>217</sup>.

Quanto aos leigos, em geral apontam afirmam que «são grupos que estão ao serviço para dinamizar a paróquia»<sup>218</sup>, porque é dessa relação que surgem os vários carismas na Igreja, em que cada um encontra o seu lugar, ou seja, desempenha a sua tarefa<sup>219</sup>. Deste modo, os leigos apontam como importante e necessário possibilitar uma maior formação aos leigos, com vista à possibilidade de um melhor serviço prestado<sup>220</sup>, permitindo que eles depois sintam que o seu papel, suas opiniões e sugestões na Igreja são tomadas em consideração<sup>221</sup>.

Por outro lado, também apontam a importância do clérigo na dinamização e comprometimento dos leigos na ação pastoral<sup>222</sup>, bem como a necessidade de ambos trabalharem em comunhão e partilha de saberes, porque leigos e clérigos complementam-se<sup>223</sup>.

Todavia, alguns leigos entrevistados sentem que a Igreja é bastante hierárquica e clerical, sendo que acreditam

«que há que desfazer, que desmontar esta estrutura tão interiormente hierárquica. Há que insistir numa formação de clérigos mais líderes e menos autoridade e autoritários. É fundamental uma formação adequada ao nível de cada grupo laical com a sua especificidade e sobretudo lado a lado com a formação eu creio que é essencial, é mesmo importante, mais do que nunca, que leigos e clérigos sejam dotados de coração, mais do que da razão»<sup>224</sup>.

---

<sup>216</sup> Cf. Anexo 5, Sacerdote de 37 anos de idade.

<sup>217</sup> Cf. Anexo 5, 8, 9, 15.

<sup>218</sup> Anexo 13, Leiga de 61 anos de idade.

<sup>219</sup> Cf. Anexo 1, Leiga de 58 anos de idade.

<sup>220</sup> Cf. Anexo 14, Leiga de 45 anos de idade.

<sup>221</sup> Cf. Anexo 7, Leiga de 39 anos de idade.

<sup>222</sup> Cf. Anexos 4, 5.

<sup>223</sup> Cf. Anexos 6, 10, 13.

<sup>224</sup> Anexo 2, Leiga de 41 anos de idade.

Portanto, existe ainda, na opinião dos entrevistados, caminho a fazer com vista a uma relação maior entre os ministérios laicais e a autoridade eclesial, devendo esta última reconhecer e promovê-los (ChL 23), sendo que a relação entre ambos estrutura-se numa comunhão “orgânica”, que se caracteriza pela presença simultânea da diversidade e da complementaridade das vocações e condições de vida (ChL 20).

### **3.4.3. Funções ministeriais e promoção de todos os membros do Povo de Deus**

Acerca da possibilidade dos leigos assumirem um maior relevo e importância no governo da Igreja, tem-se bem presente a Exortação Apostólica “*Christifideles Laici*”, a qual recomenda uma participação dos leigos no *múnus* sacerdotal e, desta forma, no *múnus* profético de Cristo, através do testemunho da vida e pela força do anúncio pela Palavra, habilitando-se e empenhando-se, assim, os leigos a evangelizar pelas palavras e pelo testemunho, não se podendo deixar de lado o *múnus* real, pois os leigos pertencem a Cristo Senhor, rei do universo, sendo que, desse modo, participam e são chamados a viver o serviço do Reino de Deus (Cf. ChL 14). Neste sentido, os clérigos entrevistados afirmam que isso já vai acontecendo, vendo isso como algo bom<sup>225</sup>, embora haja uma divisão nos entrevistados quanto ao modo como os leigos desempenham, havendo um que afirme que «o Santo Padre tem tentado isso, mas depois não se vê isso na Igreja, nem nas nossas dioceses, não se vê»<sup>226</sup>, ao passo que outro clérigo indica que existem atividades e funções que devem continuar a ser entregues e confiadas apenas aos clérigos<sup>227</sup>.

---

<sup>225</sup> Cf. Anexos 5, 8, 9, 15.

<sup>226</sup> Anexo 11, Sacerdote de 51 anos de idade.

<sup>227</sup> Cf. Anexo 8, Sacerdote de 33 anos de idade.

Quanto aos leigos, uma grande maioria refere a necessidade de se possuir uma preparação cuidadosa para exercer tais ministérios que lhes são confiados<sup>228</sup>, o que permitiria que os clérigos tivessem mais disponibilidade temporal para desempenharem a sua principal missão, que consiste em guiar o Povo de Deus<sup>229</sup>, apontando como positiva o facto dos leigos assumirem um maior relevo e importância no governo da Igreja, como nos conselhos pastorais, conselhos económicos, administrativos, sociais, e sócio caritativos nas comunidades, como auxiliar do pároco<sup>230</sup>.

Não deixa de ser interessante a afirmação de um leigo, que acrescenta a necessidade de se escolherem as pessoas certas para os diferentes locais a colocar, lamentando que muitas vezes não exista esta *preocupação*, havendo uma passividade em permitir que as pessoas ocupem funções para as quais não têm as devidas condições<sup>231</sup>, frisando a necessidade de um critério de escolha da pessoa para desempenhar as diferentes tarefas.

Quanto à questão onze, esta reflexão sobre a importância e valorização dos ministérios laicais tem como pano de fundo o facto de que «os fiéis leigos fazem parte integrante na mesma comunhão. São o Povo de Deus com diferentes serviços, na diversidade de dons, carismas e funções»<sup>232</sup>. Nessa linha, ressoam ainda as palavras de João Paulo II na exortação apostólica *Christifideles Laici*, na qual indica que «as Conferências Episcopais são chamadas a descobrir a forma mais oportuna de desenvolver, a nível nacional ou regional, a consulta e a colaboração dos fiéis leigos, homens e mulheres: assim se poderão examinar bem os problemas comuns e melhor se manifestará a comunhão eclesial de todos»<sup>233</sup>. Por conseguinte, relacionada ainda com a temática dos trabalhos confiados aos leigos, a questão em que se pergunta se é possível confiar mais trabalhos eclesiais aos leigos, com total autonomia e de carácter duradouro e estável, praticamente todos os entrevistados apontaram como possível. Os clérigos apontam como

---

<sup>228</sup> Cf. Anexos 2, 3, 10, 12, 14.

<sup>229</sup> Cf. Anexo 12, Leiga de 49 anos de idade.

<sup>230</sup> Cf. Anexos 1, 6, 7, 12, 13.

<sup>231</sup> Cf. Anexo 3, Leiga de 48 anos de idade.

<sup>232</sup> Cf. Lima, *Teologia Prática Fundamental*, 339.

<sup>233</sup> Pinho, *Os Fiéis Leigos - Texto da Exortação "Christifideles, Laici"*, 74.

positivo, embora o diácono entrevistado aponte para a necessidade de «uma contínua vigilância e procura de confiança da parte dos clérigos, algo que se pode conquistar e confiar totalmente aos poucos»<sup>234</sup>, porque essa autonomia pode degenerar numa autossuficiência, isto é, o perigo de as pessoas pensarem-se únicas e, conseqüentemente, deixarem de dialogar com o pároco e com os outros membros da comunidade<sup>235</sup>. Daí surge a necessidade de criar uma relação com quem tem competência própria para o governo da Igreja diocesana, que é o bispo, porque não existe nada na Igreja que se faça desgarrado nem desligado, mas numa relação de crescimento entre o bispo, clérigos e leigos<sup>236</sup>, sendo através dessa relação com o bispo «que é possível continuar a confiar aos leigos de modo estável e duradouro, trabalhos na cooperação e na ligação permanente com o bispo e com os serviços da diocese»<sup>237</sup>.

Quanto aos leigos, uns afirmam que existem leigos com capacidade de realizar trabalhos de forma estável e duradoura na Igreja<sup>238</sup>, enquanto outros afirmam que tais funções deveriam ser exercidas com caráter de rotatividade, de forma a implementar uma maior dinâmica pastoral<sup>239</sup>.

Para que se possa avançar com as perspectivas apontadas acima, urge uma formação adequada aos leigos, pois, como refere a *Christifideles Laici*, a formação dos leigos é necessária, para que estes se consciencializem da raiz batismal dessas tarefas (Cf. ChL 23). Neste sentido, esta questão doze pretende saber a opinião dos entrevistados acerca da formação disponibilizada aos leigos. Na verdade, uma das condições fundamentais para um maior empenho dos leigos na vida eclesial prende-se com a necessidade de uma adequada formação. Os clérigos entrevistados afirmam que a formação é importante e necessária para o exercício do seu ministério<sup>240</sup>, mas essa formação também deve ser realizada nos seminários, isto é, na

---

<sup>234</sup> Anexo 8, Sacerdote de 33 anos de idade.

<sup>235</sup> Cf. Anexo 15, Diácono Permanente de 49 anos de idade.

<sup>236</sup> Cf. Anexo 5, 15.

<sup>237</sup> Anexo 5, Sacerdote de 37 anos de idade.

<sup>238</sup> Cf. Anexos 2, 4, 7, 12, 13.

<sup>239</sup> Cf. Anexos 7, 10, 13, 14.

<sup>240</sup> Cf. Anexos 5, 8, 9, 11, 15.

preparação dos futuros clérigos, para se prepararem para trabalhar com os leigos e saber responder às exigências atuais<sup>241</sup>. Lamentam alguns, porém, que a formação aos leigos seja «muito centralizada, muito complexa, demasiado presencial, devia ser mais facilitada, atendendo às novas tecnologias que temos e devia de ser, digamos assim, menos burocrática»<sup>242</sup>. Por outro lado, um dos clérigos aponta para a necessidade de uma formação espiritual, porque «nós vamos dando muita informação, mas formação falta aí, muitas vezes, a espiritual, acho que é a maior lacuna»<sup>243</sup>.

Por outro lado, os leigos entrevistados classificam a formação que lhes é proporcionada como insuficiente, pouco eficaz, mal aproveitada<sup>244</sup>. Na verdade, uma parte dos leigos entrevistados aponta para a necessidade de uma formação dirigida<sup>245</sup>, ou seja, direcionada para o seu campo de ação, para um melhor desempenho da sua missão, afirmando que:

«é necessária formação organizada e dirigida, tendo em conta a escolaridade das pessoas e pré-requisitos essenciais (que conhecimentos a que as pessoas possuem). Às vezes, em determinados encontros de formação, fica uma sensação de alguma frustração no sentido em que nos questionamos se a mensagem foi efetivamente compreendida e apreendida pela maioria dos presentes. A própria linguagem que é utilizada não é alcançada por grande parte das pessoas»<sup>246</sup>.

De referir que alguns lamentam em certos casos o pouco interesse dos párocos e das pessoas em realizar as formações<sup>247</sup>, algo que é visível nas formações, além da falta de empenho e da não valorização dessas formações, o que se reflete com o reduzido número de pessoas que as frequentam<sup>248</sup>.

Fruto de uma Igreja em caminho sinodal, tem-se procurado uma maior colegialidade entre todos os membros da Igreja, na medida em que todos são corresponsáveis por força do

---

<sup>241</sup> Cf. Anexo 5, Sacerdote de 37 anos de idade.

<sup>242</sup> Anexo 9, Sacerdote de 31 anos de idade.

<sup>243</sup> Anexo 15, Diácono Permanente de 49 anos de idade.

<sup>244</sup> Cf. Anexos 2, 4, 6, 10, 13, 14.

<sup>245</sup> Cf. Anexos 2, 7 14.

<sup>246</sup> Anexo 2, Leiga de 41 anos de idade.

<sup>247</sup> Cf. Anexo 12, Leiga de 49 anos de idade.

<sup>248</sup> Cf. Anexos 1, 12, 13, 14.

Espírito Santo, tratando-se de uma eclesiologia de comunhão, conceito recuperado pelo Concílio Vaticano II<sup>249</sup>. Portanto, esta questão treze realça um tema importante: será possível que os leigos possam colaborar em conjunto com os clérigos no governo da diocese? Todos os clérigos vêm com bons olhos, considerando que os leigos podem prestar um importante contributo na dinamização da diocese<sup>250</sup>, e frisando que a diocese «já vai apostando nos leigos para na colaboração com o sacerdote para participar no governo da Igreja diocesana de Braga»<sup>251</sup>, na qual, «fazendo cada um o que lhe compete, fazer por ofício, por vocação ou por missão, na ligação com o bispo possa, sobretudo ajudar com os dons e os talentos de cada um ajudar a construir a Igreja de Jesus Cristo»<sup>252</sup>, sendo ainda frisado que

«se nós somos Igreja somos chamados a edificá-la, todos. Muitas vezes nós invertemos um bocado isso, pensamos que a Igreja é nossa, depois damos esta identidade, aquela identidade, e falta um bocado isto, não é, mas acho que é possível colaborarem mais, trabalharemos em conjunto»<sup>253</sup>.

Os leigos partilham opinião semelhante, sendo que grande parte diz que essa colaboração entre os leigos e os clérigos já se verifica na diocese<sup>254</sup>, uma vez que os leigos e clérigos que têm a função de auxiliar a Igreja, a partir da grande variedade de ministérios e de serviços que ela oferece<sup>255</sup>. Da mesma forma, também são mencionados que existem leigos bem formados e com grandes aptidões para desempenhar cargos de administração e de gestão, alguns deles que já vão prestando colaboração na diocese, nos seus departamentos<sup>256</sup>. Mas frisam a necessidade de uma confiança e de diálogo entre as várias pessoas, pois a diocese precisará de ouvir os leigos para se conseguir dinamizar<sup>257</sup>, relação requer diálogo para que haja interajuda entre as partes.

---

<sup>249</sup> Cf. Blazquez, *La Iglesia del Concilio Vaticano II*, 372.

<sup>250</sup> Cf. 5, 8, 9, 11, 15.

<sup>251</sup> Anexo 15, Diácono Permanente de 49 anos de idade.

<sup>252</sup> Anexo 5, Sacerdote de 37 anos de idade.

<sup>253</sup> Anexo 11, Sacerdote de 31 anos de idade.

<sup>254</sup> Cf. Anexos 2, 7, 10, 13, 14.

<sup>255</sup> Cf. Anexo 3, Leiga de 48 anos de idade.

<sup>256</sup> Cf. Anexo 3, Leiga de 48 anos de idade.

<sup>257</sup> Cf. Anexo 12, Leiga de 49 anos de idade.

A pergunta catorze incide diretamente no local de estudo, no qual os entrevistados vivem e colaboram. Em relação aos clérigos, os clérigos referem que o papel dos leigos ainda está muito pouco valorizado, uma vez que se «podia ainda ir mais, mas temos de fazer esta mudança, esta transformação também atendendo aos ritmos da comunidade e do arciprestado»<sup>258</sup>. Tal visão vai ao encontro do Papa Francisco, o qual, embora refira que tem havido uma progressiva consciencialização sobre a sua identidade e missão, na prática a escassa formação e o forte clericalismo impedem uma participação forte (Cf. EG 102). Porém, isso não impede que se reconheça no referido arciprestado um importante caminho que se vai fazendo, passo a passo, sendo que, por isso

«eu creio que (...) se tem feito aqui caminho no sentido, digamos este dar de mãos entre clérigos e leigos, também, seja a nível do arciprestado, nas equipas arciprestais, nas propostas do arciprestado, seja também, nas comunidades paroquiais, como digo, não conheço comunidades que subsista ou que exista sem o mínimo de corresponsabilidade laical entre o pároco e a comunidade e os leigos que se disponibilizam para as diferentes tarefas e ações da quilo que é a comunidade cristã. Já se caminha, é certo, mas este é um caminho nunca terminado, um caminho que se tem de fazer cada dia da nossa existência»<sup>259</sup>.

Tal afirmação, que confirma um caminho já levado a cabo, caminha a par com a opinião de outros clérigos, que salientam que esse caminho feito no arciprestado tem sido algo lento, mas significativo<sup>260</sup>, sendo que, embora pequeninos e lentos, se vão dando alguns passos<sup>261</sup>.

Por outro lado, os leigos afirmam que esse caminho tem sido traçado, realçando um grande esforço do arciprestado a nível da atividade catequética, referindo ainda que tem sido feito muito pouco a nível paroquial<sup>262</sup>. Como consequência, indica-se que existe um maior dinamismo pastoral realizado pelos leigos a nível arciprestal, onde desempenham vários

---

<sup>258</sup> Anexo 9, Sacerdote de 31 anos de idade.

<sup>259</sup> Anexo 5, Sacerdote de 37 anos de idade.

<sup>260</sup> Cf. Anexos 5, 8, 9, 15.

<sup>261</sup> Cf. Anexo 15, Diácono Permanente de 49 anos de idade.

<sup>262</sup> Cf. Anexo 2, Leiga de 41 anos de idade.

ministérios, sendo que tal facto se torna notório com a aposta na formação desses leigos<sup>263</sup>, daí que

«a valorização do papel do leigo é bastante notória, principalmente pela força como somos tratados e acolhidos, pelo incentivo à participação em formações que se vão realizando nas paróquias, como o grupo bíblico, grupo de leitores, semana bíblica, e também o incentivo à participação nas atividades das paróquias, em que se pede sempre a colaboração dos leigos»<sup>264</sup>.

Assim, realça-se que os leigos reconhecem que existe um trabalho importante a nível arceprelato na valorização dos leigos, através da criação de ferramentas para eles exercerem melhor os seus ministérios e prestarem melhores serviços às comunidades, dos quais são exemplo um conjunto de atividades de formação - bíblica, catequética, a nível dos movimentos - que vão sendo facultadas, ainda que algumas de carácter ocasional.

Por fim, questiona-se sobre a incidência da mais recente Exortação Apostólica *Gaudete et exultate*, do Papa Francisco, numa maior sensibilização dos leigos. A este respeito, os clérigos salientam que «este documento, apesar de ainda não ter sido, se calhar, bem estudado e bem conhecido das comunidades, é um grande exemplo para que as pessoas compreendam que a santidade não é a mesma coisa que beatice»<sup>265</sup>. Na verdade, dado que os cristãos são chamados e obrigados a caminhar para a santidade a partir do seu próprio estado (Cf. LG 42), o chamamento à santidade a partir da realidade do batismo faz de todos os cristãos iguais em dignidade, não obstante os diferentes compromissos que cada um tem no seio da Igreja e do mundo. Entendem, por isso, que esta exortação é um auxílio a compreender que os leigos, tal como os clérigos e como todos os batizados, são chamados à santidade e, por isso, são chamados a assumir um contributo na Igreja<sup>266</sup>, uma vez que ser cristão consiste em caminhar para a santidade, sendo que esta começa a ser entendida como uma valorização, também, da

---

<sup>263</sup> Cf. Anexos 6, 7, 10, 12, 13, 14.

<sup>264</sup> Anexo 7, Leiga de 39 anos de idade.

<sup>265</sup> Anexo 9, Sacerdote de 31 anos de idade.

<sup>266</sup> Cf. Anexo 9, Sacerdote de 31 anos de idade.

misericórdia de Deus<sup>267</sup>, embora ainda existam de muitos cristãos uma mentalidade que entende a santidade como privilégio de um pequeno grupo ou elite, razão pela qual esta exortação adquire importância, pois nela o Papa Francisco vai criando a consciência de que todo o Cristão Batizado caminha para a santidade<sup>268</sup>.

Por outro lado, os leigos, além de salientarem que todo o batizado é chamado à santidade<sup>269</sup>, também realçam a simplicidade e a humanidade do Papa Francisco que leva à consciencialização de que todos são chamados à santidade, sendo que é preciso trabalhar para tal<sup>270</sup>. Ao mesmo tempo, partilham a opinião geral da importância do ministério do atual bispo de Roma, o qual, nos seus documentos, vai apelando à igualdade e participação de todos na construção de uma nova Humanidade, sendo um importante contributo para uma maior sensibilização do papel dos leigos<sup>271</sup>, pois através do exercício dos vários ministérios laicais poder-se-á contribuir para a santidade dos leigos, ou seja, os ministérios e funções exercidos pelos leigos serão entendidos como um caminho de santidade<sup>272</sup>.

---

<sup>267</sup> Cf. Anexo 15, Diácono Permanente de 49 anos de idade.

<sup>268</sup> Cf. Anexo 15, Diácono Permanente de 49 anos de idade.

<sup>269</sup> Cf. Anexos 1, 2, 7, 12, 13, 14.

<sup>270</sup> Cf. Anexo 13, Leiga de 61 anos de idade.

<sup>271</sup> Cf. Anexo 2, Leiga de 41 anos de idade.

<sup>272</sup> Cf. Anexos 1, 7, 12.

## Conclusão

Neste trabalho podemos perceber que é necessário abordar os conceitos de leigos e ministérios laicais de forma mais matizada. O leigo não se trata apenas daquele que não é ordenado, mas sim do batizado que vive inserido no mundo secular, e lá procura irradiar a força do Evangelho a partir do seu testemunho de vida. Quanto aos ministérios laicais, não se tratam de exercer cargos de suplência, forçada pela diminuição e envelhecimento do clero, mas sim de o leigo levar a cabo a sua missão no seio da Igreja, a qual tem como fundamento o Batismo e que é fruto de um dom do Espírito Santo.

Disto resulta uma mudança na maneira de pensar a relação entre leigos e clérigos, e sobre o alcance da missão dos leigos no seio da hierarquia. Não nos podemos esquecer que “somos um só corpo” (Rm 12,5) - como diz S. Paulo - composto por vários membros, sendo Cristo a cabeça desse “Corpo”, que representa a união da Igreja. Porque a Igreja não pode existir sem ministérios, e porque a maioria dos membros do Povo de Deus é constituída pelos leigos, não se pode continuar uma prática pastoral centrada nas decisões do clero, as quais cabe aos leigos executarem, como auxiliares dos párocos e de outros responsáveis clericais. Isto implica que os leigos também deverão ser chamados a contribuir na hora de se refletir sobre o caminho a traçar nas comunidades cristãs.

Esta constatação é uma das grandes conclusões retiradas da análise das respostas dadas às entrevistas realizadas. Nestas, pode-se perceber que, embora os entrevistados, clérigos e leigos – que receberam formação para os serviços que desempenham nas suas comunidades – tenham uma noção do seu estado e missão em relativa sintonia com o pensamento do Magistério, o certo é que permanecem certas concepções que remontam ao período de Cristandade, nomeadamente na relação entre os leigos e clérigos, nos quais alguns dos leigos ainda a concebem em regime de auxílio e de suplência.

Por outro lado, outra das chaves desta reflexão, largamente apontada pelos entrevistados, é a necessidade de fornecer uma formação, tanto aos leigos como aos clérigos, que não seja meramente teológica, mas que parta igualmente de uma espiritualidade aberta aos dons do Espírito, e de pressupostos antropológicos, o que permitirá o discernimento da sua vocação e missão na comunidade eclesial, além de os capacitar para saberem dar razões da sua fé, desempenhando com maior consciência, a sua missão.

Muitas foram as ideias abordadas; procuraram-se respostas às questões iniciais. Porém, muitas mais questões se perspetivaram. E todas convergem para a questão fundamental: estará a Igreja do tempo presente preparada para levar a cabo um novo esforço de reflexão, que permita lhe não apenas “sobreviver” no seio de uma sociedade secularizada e indiferente perante o fenómeno religioso, mas que a leve a entrar em diálogo e, por conseguinte, evangelizar a partir da cultura que a sociedade atual oferece?

Muitos são os esforços a levar cabo, e nisso os entrevistados foram unânimes, pois apenas uma Igreja que seja cada vez mais sinodal, onde todos são membros de uma singular dignidade e chamados a cooperar na instauração do Reino de Deus a partir dos diversos carismas, poderá ter força para testemunhar e transmitir o “tesouro” que recebeu.

## **Bibliografia**

### **MAGISTÉRIO**

FRANCISCO Papa. Exortação Apostólica «*Gaudete et Exultate*». Lisboa: Paulus Editora, 2018.

FRANCISCUS PP, “Adhortatio Apostolica ‘*Evangelii Gaudium*’, *AAS* 105 (2013), 1019-1137.

IOANNES PAULUS II PP, “Adhortatio Apostolica Post-Synodalis ‘*Christifideles Laici*’”, *AAS* 81 (1989), 393 - 521.

IOANNES PAULUS II PP, “Adhortatio Apostolica postsynodalis ‘*Pastores dabo vobis*’”, *AAS* 84 (1992) 657-804.

PAULUS VI, “Adhortatio Apostolica ‘*Evangelii Nuntiandi*’”, *AAS* 68 (1976), 5-76.

SACROSANCTUM CONCILIUM OECUMENICUM VATICANUM II, “Constitutio Dogmatica de Ecclesia ‘*Lumen Gentium*’” *AAS* 57 (1965) 5-75.

SACROSANCTUM CONCILIUM OECUMENICUM VATICANUM II, “*Constitutio Pastoralis de Ecclesia in mundus huius temporis ‘Gaudium et Spes’*”, *AAS* 58 (1966) 1025-1115.

### **LIVROS**

Anton, Angel. *La Iglesia de Cristo. El Israel de la Vieja y de la Nueva Alianza*. Madrid: Biblioteca de Autores Cristianos, 1977.

Asolan, Paolo. “Ministerios Laicales”, in José R. Vilar, coordenador, *Diccionario de Ecclesiología*. Madrid, Biblioteca de Autores Cristianos, 2016.

Bardin, Laurence. *Análise de Conteúdos*, Lisboa: Edições 70, 1977.

Bingemer, Maria Clara. *Viver como crentes num mundo em mudança*. São Paulo: Editora Paulinas, 2013.

Blazquez, Ricardo. *La Iglesia del Concilio Vaticano II*. Salamanca, Ediciones Sigueme, 1988.

Borobio, Dionisio. *Los ministerios en la comunidade*. Barcelona: Biblioteca Litúrgica, 1999.

Congar, Yves. *Os Leigos na Igreja. Escalões para uma Teologia do Laicato*. São Paulo: Editôra Herder, 1966.

Floristan, Casiano. *Teología Práctica. Teoría y praxis de la acción pastoral*. Salamanca: Ediciones Sígueme, 2009.

Forte, Bruno. *A missão dos leigos*. Brasil: Paulinas, 1990.

Franco, José Eduardo. *Cristianismo e solidariedade: a utopia da misericórdia*. in *Brotéria* 179 (2014).

Galindo, Miguel Delgado. “*Asociaciones de Fieles*”, in José R. Vilar (Coordenador), *Diccionario de Ecclesiología*. Madrid, Biblioteca de Autores Cristianos, 2016.

Guerreira, Júlio A. Ramos. *Teologia Pastoral Sapientia Fidei*. Madrid: Biblioteca de Autores Cristianos, 2013.

Kasper, Walter. *Iglesia Católica. Esencia, Realidade, Misión*. Salamanca: Ediciones Sígueme, 2013.

Ladaria, Luis F.. *Jesucristo, salvación de todos*. Madrid, San Pablo, 2007.

Lima, José da Silva. *Teologia Prática Fundamental. Fazei Vós Também*. Lisboa: Universidade Católica Editora, 2009.

Morujão, Manuel. *Ser cristão à luz do Vaticano II*. Braga: Difusora A.O., 1998.

Pellitero, Ramiro. *La teología del laicado en la obra de Yves Congar*. Pamplona: Navarra Gráfica Ediciones, 1996.

Pereira, José Miguel Barata. *Ser Igreja, ser na Igreja. Do ser comunhão ao agir vocacional*. Lisboa: Paulus Editora, 2015.

Philips, G.. *El Laicado en la Epoca del Concilio por un Cristiannismo adulto*. San Sebastian: Ediciones Dinor, 1966.

Pié-Ninot, Salvador. *Ecclesiología. La sacramentalidad de la comunidade cristiana*. Salamanca: Ediciones Sígueme, 2015.

Pinho, Arnado. *Os Fiéis Leigos - Texto da Exortação “Christifideless, Laici”*. Porto: Editora Perpétuo Socorro, 1989.

Portillo, Álvaro del. *Fieles y Laicos en la Iglesia*. Navarra: Universidad de Navarra, 1969.

Salis, Miguel de. “*Santidad*”, in José R. Vilar (Coordenador), *Diccionario de Ecclesiología*, (Madrid, Biblioteca de Autores Cristianos), 2016.

## REVISTAS

Duarte, Rosália. “Entrevistas em pesquisas qualitativas”, *Educar*, nº 24 (2004): 213-225.

Galvão, H. Noronha. “Do Mistério aos Ministérios da Igreja: Significado Teológico dos Estados Eclesiais.” *Didaskalia*, nº25 (1995): 505-530.

Günther, Hartmut. “Pesquisa Qualitativa Versus Pesquisa Quantitativa: Esta É a Questão?,” *Psicologia: Teoria e Pesquisa* vol. 22, nº 2 (2006): 201-210.

Silva, Andressa Hennig, and Maria Ivete Trevisan Fossá, “*Análise de conteúdo: exemplo de aplicação da técnica para análise de dados qualitativos*”, *Qualit@s Revista Eletrônica* 17, nº1 (2015):1-14.

Stilwell, Peter. “Ministérios Laicais Fundamentação Teológica e Problemática Pastoral.”, *Revista Communio* II (1985):405-416.

Taborda, Francisco. “O ministério eclesial à luz da atuação de Jesus: a propósito do ‘ano sacerdotal’.” *Perspectiva Teológica*, nº42 (2010): 13-43.

## Anexo 1

### Entrevista

**Sexo:** Feminino

**Idade:** 58

**Função que desempenha:** Catequista e membro da Pastoral da Catequese Arciprestal.

#### *1. O que é para si um leigo?*

Para mim um leigo, o termo pode querer dizer que é uma pessoa que não entende de nada de determinada matéria. No entanto, para mim, um leigo é uma pessoa que está disponível para ajudar o clero, ou seja, a Igreja.

#### *2. Considera que os leigos têm sido devidamente valorizados na vida da Igreja?*

Acho que, nestes últimos tempos, a Igreja tem-lhe dado algum valor, em que a valorização do leigo tem vindo a crescer e aumentado a sua missão. Começando por desempenhar várias funções na Igreja, como catequistas, ministros extraordinários da comunhão, entre outras funções dentro da Igreja.

#### *3. E, já agora, os clérigos têm sido devidamente valorizados na vida da Igreja?*

Acho que os clérigos estão a ser valorizados, muito contribui a sua escassez, mas é pedido que eles, também, devem contribuir para isso, com o seu testemunho, pois isso é que os define de um leigo.

#### *4. Para si, em que consiste a diferença essencial entre leigo e clérigo?*

Para mim, leigo é a pessoa que ajuda, por assim dizer, que faz parte da máquina da Igreja, e o clérigo é uma pessoa que recebe o sacramento da ordem com diáconos, sacerdote, bispo, e estão acima dos leigos. na hierarquia da Igreja.

#### *5. Pensa que faz sentido falar-se do binómio leigo-clérigo?*

Acho que faz muito sentido, porque trabalhamos todos para a mesma causa, com o mesmo empenho para formar a Igreja de Jesus Cristo, por isso é necessário o empenho dos leigos e dos

clérigos e com a ajuda do Espírito Santo, onde ambos têm a mesma missão de anunciar Jesus a todos.

**6. *Considera que os ensinamentos da Igreja, nas últimas décadas, incidem sobre a valorização dos ministérios laicais, no compromisso dos leigos na Igreja?***

Sim, acho que os movimentos laicais são mais valorizados, também à partida são pessoas mais informadas e formadas, vivemos numa sociedade marcada de desenvolvimento e a Igreja tem vindo a apostar na formação dos leigos na catequese, no estudo da bíblia com os cursos bíblicos, porque um leigo bem formado é meio caminho andado para a evangelização.

**7. *Pensa que o caminho realizado nos últimos 50 anos tem ido no sentido de dar maior destaque aos leigos?***

Em relação ao destaque dos leigos, penso que sim, têm sido mais valorizados, até porque eles têm uma atividade bastante visível. A Igreja dificilmente poderia estar ativa, sem o trabalho dos leigos.

**8. *Pensa que os ministérios laicais continuam desvalorizados, isto é, que continuam a ser demasiado dependentes da autoridade eclesiástica, do clero?***

Sim, dependentes do clero sem dúvida, mas não vamos chamar desvalorizados. Mas compreendo que assim o seja, para que exista um equilíbrio saudável, porque os padres precisam dos leigos, como os leigos precisam dos padres, é essa interajuda que valoriza a Igreja.

**9. *Indo ao encontro da questão anterior, como desenvolver uma relação entre os diferentes grupos laicais e a autoridade eclesiástica, por forma a que estes se sintam realmente comprometidos na vida da Igreja?***

É preciso pedir ao Espírito Santo que suscite na igreja um renovado dinamismo, e que deixem os leigos entrar como trabalhadores da vinha e que são todos membros do povo de Deus: sacerdotes, religiosas, fiéis leigos, todos simultaneamente. Temos que ser todos testemunhas, de acordo com o carisma de cada um, devem ser distribuídas as tarefas.

***10. Crê que os leigos poderiam ainda assumir cargos de maior relevo e importância no governo da Igreja?***

Acho que sim, e mesmo seria benéfico para uma Igreja mais aberta, mais no terreno. Temos leigos com competências para cargos de destaque como a administração dos bens da igreja, obras, centros sociais, escolas, todos os fiéis leigos devem oferecer à Igreja uma parte do seu tempo, vivendo com coerência a própria fé. Deixando assim mais tempo livre aos sacerdotes, para estar com o próximo do povo de Deus, e cuidar do rebanho a ele confiado, o Papa Francisco assim o diz “o pastor deve cheirar as suas ovelhas” ou uma Igreja em “saída”, o que noto é que os sacerdotes andam sempre ocupados com funções que poderiam ser desempenhadas por leigos.

***11. Considera que se poderiam confiar trabalhos aos leigos, de modo estável e duradouro, dando-lhe total autonomia para os realizar?***

Claro que se poderia dar autonomia caso em alguns lugares se verifiquem abusos e práticas transgressoras, os sacerdotes apliquem os meios necessários e oportunos, para impedir prontamente a sua difusão e evitar que prejudique a Igreja.

***12. Pensa que a formação disponibilizada aos leigos, para o exercício de ministérios e funções na Igreja, é adequada às exigências deste tempo e dos serviços que vão prestar?***

A formação disponibilizada aos leigos só conheço a da catequese. E essa acho que está adequada só é pena não ser aproveitada por todos, ou seja, por mais. Porque temos que estar sempre atualizados sendo este cargo muito exigente por parte dos jovens adolescentes e mesmo crianças.

***13. Como é que vê a possibilidade de leigos e sacerdotes colaborarem juntamente no governo da sua Diocese?***

Não deve ser muito difícil colaborarem juntamente, desde que sejam mente aberta, ambas as partes. É óbvio que nem todas as pessoas estão habilitadas a exercerem todas as atividades. É preciso que haja competência e afinidade com tal função. É necessário que haja realização

humana para o exercício. E as habilidades destacam-se de várias maneiras. Tem que existir uma relação entre ministério e carisma.

***14. Entende que o caminho realizado na sua zona vai ao encontro dos apelos da Igreja na valorização do papel dos leigos?***

Acho que, na minha paróquia, existe essa valorização dos leigos embora eu entenda que anda muita gente por fora que é uma pena, devíamos ser mais abertos e acarinhar os que se aproximam. Por vezes, quando damos por ela são sempre os mesmo, e isso deixa-me triste.

***15. Pensa que o Papa Francisco, que ultimamente escreveu uma exortação apostólica sobre o chamamento à santidade, tem sido um bom contributo para uma maior sensibilização para o papel dos leigos na Igreja?***

O chamamento à Santidade da exortação do Papa Francisco é, sem dúvida, um bom motor para sensibilizar todos os cristãos. Evidente que o papel dos leigos é fundamental para que isso aconteça, mas todos nós somos chamados seja qual for a sua condição a ser santo. Esta exortação apostólica veio em boa hora! Acorda-nos e faz-nos remar contra a corrente. “Todos somos chamados a ser santos, vivendo com amor e oferecendo o próprio testemunho nas ocupações de cada dia, onde cada um se encontra”. O Senhor quer-nos Santos e espera que não nos resignemos com uma vida medíocre, superficial e indecisa. Por isso, acho que na verdade esta exortação vem dar um abanão a todos nós leigos e não só.

## Anexo 2

### Entrevista

**Sexo:** Feminino

**Idade:** 41

**Função que desempenha:** Catequista, Ministro Extraordinária da Comunhão, Membro dos Casais de Nossa Senhora e Representante Arciprestal no Conselho Pastoral Arquidiocesano.

#### *1. O que é para si um leigo?*

A nível da Igreja Católica, para mim, leigos são cristãos que não fazem parte do clero, ou seja, não são ordenados, nem fazem parte da hierarquia eclesial, mas participam ativamente em atividades ligadas à Igreja. Se falarmos no sentido comum, leigo é um indivíduo com pouco ou nenhum conhecimento em determinada matéria ou área.

#### *2. Considera que os leigos têm sido devidamente valorizados na vida da Igreja?*

Eu creio que, pelo menos teoricamente, com o Concílio Vaticano II, foi dado um grande passo na valorização e promoção do leigo na Igreja.

No entanto, na minha opinião e na realidade em que vivo, creio que se constata uma certa estagnação nesta promoção do papel dos leigos, vendo-o muito reduzido à vida intraeclesial, tornando-o suplente da ação do clero. Alguém que faz coisas e “cumpre” ordens.

#### *3. E, já agora, os clérigos têm sido devidamente valorizados na vida da Igreja?*

A meu ver os clérigos são aqueles que têm poder e voz ativa na Igreja. Pela Igreja, enquanto Instituição, acho que sim os clérigos têm sido devidamente valorizados. Já pelo povo cristão, na realidade que vivo, acho que cada vez são menos desvalorizados e em alguns casos respeitados. As pessoas recorrem cada vez menos aos clérigos e não lhe atribuem o devido valor.

#### *4. Para si, em que consiste a diferença essencial entre leigo e clérigo?*

Clérigos e leigos são corresponsáveis pelo apostolado de toda a Igreja, pois a tarefa de evangelizar é uma tarefa comum a todo o Povo de Deus. Está escrito no Concílio Vaticano II, portanto não é nenhuma novidade, com o batismo não há maior, nem menor entre os membros de Cristo. Todos participam igualmente do único sacerdócio de Cristo. Assim, o que difere é apenas a forma de participação. Os clérigos enquanto ministros ordenados do corpo eclesial e os leigos enquanto membros desse corpo eclesial.

***5. Pensa que faz sentido falar-se do binómio leigo-clérigo?***

Sim, continua a fazer sentido, até porque a Igreja não deixou de ser uma estrutura hierárquica, não esquecendo a sua missão de santidade.

Eu compararia este binómio, clérigo-leigo, ao binómio, discípulo-aluno, “aprende-se sobre” e depois fala-se e dá-se testemunho.

***6. Considera que os ensinamentos da Igreja, nas últimas décadas, incidem sobre a valorização dos ministérios laicais, no compromisso dos leigos na Igreja?***

Sim. De uma forma geral, sim. A questão é a distância que vai dos ensinamentos àquilo que se executa na prática. De facto, ensinamentos não nos faltam. De forma, particular o Concílio, com um riquíssimo património doutrinal, com tantos ensinamentos, acaba por nos dar muita ênfase à natureza, à dignidade, à espiritualidade, à missão e à responsabilidade dos leigos. Portanto, ensinamentos não nos faltam de certeza.

***7. Pensa que o caminho realizado nos últimos 50 anos tem ido no sentido de dar maior destaque aos leigos?***

Eu creio que se tem dado algum destaque aos leigos, principalmente, no sentido em que há diminuição de clérigos e os leigos são necessários para a execução de determinadas tarefas que não tem obrigatoriamente de ser feitas por clérigos. No entanto, creio que na sua essência os leigos ainda não são devidamente valorizados no seu compromisso diário e quotidiano com e na Igreja.

**8. *Pensa que os ministérios laicais continuam desvalorizados, isto é, que continuam a ser demasiado dependentes da autoridade eclesiástica, do clero?***

Sim. Na linha que venho a dizer, sem dúvida nenhuma.

**9. *Indo ao encontro da questão anterior, como desenvolver uma relação entre os diferentes grupos laicais e a autoridade eclesiástica, por forma a que estes se sintam realmente comprometidos na vida da Igreja?***

Eu creio que há que desfazer, que desmontar esta estrutura tão interiormente hierárquica. Há que insistir numa formação de clérigos mais líderes e menos autoridade e autoritários. É fundamental uma formação adequada ao nível de cada grupo laical com a sua especificidade e, sobretudo, lado a lado, com a formação. Eu creio que é essencial, é mesmo importante, mais do que nunca, que leigos e clérigos sejam dotados de coração, mais do que da razão.

**10. *Crê que os leigos poderiam ainda assumir cargos de maior relevo e importância no governo da Igreja?***

No governo de uma instituição, não é tarefa simples, seja ela qual for. Mas sim, poderá ser útil a participação de leigos com formação específica para a tarefa do governo da igreja, concretamente a nível local, no que se refere, por exemplo, à gestão do património e administração e distribuição de bens. Creio que sim.

**11. *Considera que se poderiam confiar trabalhos aos leigos, de modo estável e duradouro, dando-lhe total autonomia para os realizar?***

A questão da total autonomia não é simples...

Creio que há pessoas muito bem formadas, dotadas de um excelente coração e de capacidades extraordinárias com dedicação e até vontade para ajudar e poder assumir determinadas tarefas e trabalhos de uma forma estável e por algum tempo. Sendo que a rotatividade, a meu ver deverá ser sempre preferível à efetividade e permanência nos “cargos”.

**12. *Pensa que a formação disponibilizada aos leigos, para o exercício de ministérios e funções na Igreja, é adequada às exigências deste tempo e dos serviços que vão prestar?***

Eu creio que a formação é pouco eficaz. É necessário formação organizada e dirigida, tendo em conta a escolaridade das pessoas e pré-requisitos essenciais (que conhecimentos a que as pessoas possuem). Às vezes, em determinados encontros de formação, fica uma sensação de alguma frustração, no sentido em que nos questionamos se a mensagem foi efetivamente compreendida e apreendida pela maioria dos presentes.

A própria linguagem que é utilizada não é alcançada por grande parte das pessoas.

Sem dúvida que a formação é essencial.

Não apostando na quantidade, mas na qualidade que passa pela simplicidade e, essencialmente, por fazer entender a necessidade do coração.

Fica também, muitas vezes, a sensação, do “eu sou”, “eu sei”, porque eu fiz a formação e fica o vazio de um saber sem ser, sem coração.

***13. Como é que vê a possibilidade de leigos e sacerdotes colaborarem juntamente no governo da sua Diocese?***

Não é algo que me pareça impossível, nem irrealizável. No entanto, acho que ainda há um grande caminho longo a percorrer, que, mais uma vez, friso, passa pela formação, mas essencialmente pelo coração. E passará, porque não, por determinadas tarefas remuneradas a quem, com família, se entregue profissionalmente a uma situação mais efetiva.

***14. Entende que o caminho realizado na sua zona vai ao encontro dos apelos da Igreja na valorização do papel dos leigos?***

Sinceramente e tristemente muito pouco... A nível arceprelato vejo, nos últimos anos, algum esforço e alguns passos dados, particularmente ao nível da catequese, mas a nível paroquial creio que posso dizer justamente que muito pouco é feito.

Creio que, na maioria das paróquias, vão-se chamando pessoas para realizar determinadas tarefas que são necessárias em determinados momentos, por exemplo, procissões, visita pascal, funerais, pessoas essas que não têm o mínimo de formação e que nem sequer sabem estar na missão que vão a desempenhar pontualmente.

***15. Pensa que o Papa Francisco, que ultimamente escreveu uma exortação apostólica sobre o chamamento à santidade, tem sido um bom contributo para uma maior sensibilização para o papel dos leigos na Igreja?***

O Papa Francisco tem sido, sem qualquer sombra de dúvida uma “lufada” de ar fresco para toda a Humanidade e não só para a Igreja.

Nas suas doutrinas, encíclicas, cartas apostólicas, exorta sempre à participação de todos, à participação de todos, à igualdade de todos, e à importância de todos na construção de uma nova Humanidade, como tal é, sem dúvida, um bom contributo, para uma maior sensibilização do papel dos leigos, tenhamos nós o coração aberto.

## Anexo 3

### Entrevista

**Sexo:** Feminino

**Idade:** 48

**Função que desempenha:** Catequista, membro dos Casais de Nossa Senhora, membro dos Cursilhos da Cristandade e Ministro Extraordinário da Comunhão.

#### *1. O que é para si um leigo?*

Para mim um leigo é um cristão batizado. Deve viver o evangelho e nos ambientes onde se encontra. A sua vida deve ser pautada por valores e vivê-lo de acordo com o evangelho, e tornar-se santo. Deve ajudar a comunidade, de acordo com a sua disponibilidade.

#### *2. Considera que os leigos têm sido devidamente valorizados na vida da Igreja?*

Sim, considero. Uns mais que os outros, mas também não deve ser pelo reconhecimento que o leigo deve trabalhar, devem trabalhar porque tem uma certa obrigatoriedade e, também, deve dar do seu tempo à Igreja.

#### *3. E, já agora, os clérigos têm sido devidamente valorizados na vida da Igreja?*

Sim, considero que são valorizados e muito respeitados, pelo menos aquilo que eu vejo, aquilo que eu noto.

#### *4. Para si, em que consiste a diferença essencial entre leigo e clérigo?*

Para mim, um clérigo é um homem que é ordenado sacerdote, portanto recebe o sacramento da ordem. O leigo não é ordenado, simplesmente é um cristão batizado, com obrigações de um cristão.

#### *5. Pensa que faz sentido falar-se do binómio leigo-clérigo?*

Sim, penso que sim. Como cristãos batizados e após o Concílio Vaticano II, leigos e clérigos, digamos que são considerados filhos de Deus, ambos têm obrigação de proclamar o Evangelho e diariamente devem procurar vivê-lo e procurar também a santidade de cada um e a dos outros. Daí, clérigos e leigos terem uma função muito semelhante.

***6. Considera que os ensinamentos da Igreja, nas últimas décadas, incidem sobre a valorização dos ministérios laicais, no compromisso dos leigos na Igreja?***

Nem por isso, embora tenha havido, ao longo dos anos, uma certa progressão, mas há um longo caminho a percorrer.

***7. Pensa que o caminho realizado nos últimos 50 anos tem ido no sentido de dar maior destaque aos leigos?***

Penso que, em algumas paróquias, isso já é notório, noutras não.

***8. Pensa que os ministérios laicais continuam desvalorizados, isto é, que continuam a ser demasiado dependentes da autoridade eclesiástica, do clero?***

É assim, eu considero que os ministérios laicais são um pouco desvalorizados e ainda muito dependentes do clero.

***9. Indo ao encontro da questão anterior, como desenvolver uma relação entre os diferentes grupos laicais e a autoridade eclesiástica, por forma a que estes se sintam realmente comprometidos na vida da Igreja?***

Eu acho que os ministérios laicais deviam ser desenvolvidos por pessoas e dar-lhe a eles mais autonomia, para que eles desempenhem as funções com sentido de responsabilidade, dedicação, brio e também sentir-se responsáveis e comprometidos.

***10. Crê que os leigos poderiam ainda assumir cargos de maior relevo e importância no governo da Igreja?***

Sim, considero que há leigos que têm bastante formação e que podiam ajudar e a desempenhar funções para cargos no governo da Igreja. Agora é preciso colocar nos sítios certos as pessoas certas, porque, por vezes, não há esta astúcia, digamos assim, em fazer isso, qualquer pessoa serve para desempenhar um papel, e não. Deve haver aqui um trabalho, que deve ser feito antes para assim ter mais sucesso na concretização desse serviço.

***11. Considera que se poderiam confiar trabalhos aos leigos, de modo estável e duradouro, dando-lhe total autonomia para os realizar?***

Sim. No entanto, este serviço como é feito de uma forma voluntária e eu sei que a maior parte dos leigos trabalham, têm que sustentar uma família, têm de cuidar dos seus idosos e, além disso, ainda têm que, muitas vezes, fazer o serviço para a igreja, quer como catequistas, quer como estar com os jovens, outros serviços, como ministro extraordinário da comunhão. Isso envolve muito, isto é, rouba-lhes digamos “muito tempo”, e isso tira-lhes muito na vida social e muito tempo que eles poderiam dedicar à família. Primeiro, têm que criar as bases, criar uma certa estabilidade com a família, ter uns bons alicerces, e depois então servir a comunidade. No entanto, eu acho pena que a Igreja não tenha uma certa estabilidade financeira para poder dar empregabilidade, nem que seja a tempo parcial para alguns leigos desempenharem funções de “chefia”. E assim, talvez os sacerdotes se dedicassem mais à missão, de evangelizar, de estar com os mais necessitados e não ser tão administradores, que eu penso que agora, os padres são mais administradores em certas circunstâncias.

***12. Pensa que a formação disponibilizada aos leigos, para o exercício de ministérios e funções na Igreja, é adequada às exigências deste tempo e dos serviços que vão prestar?***

Não. Acho que a formação ainda está muito aquém! Ainda há muito a fazer, no entanto, em alguns serviços já começa a haver alguma formação, posso falar em termos da catequese, as catequistas já vão tendo alguma formação para exercer essa missão.

***13. Como é que vê a possibilidade de leigos e sacerdotes colaborarem juntamente no governo da sua Diocese?***

Vejo que seria bastante enriquecedor para ambas as partes, afinal, como já referi, temos leigos muito bem formados e possuem grandes aptidões para desempenhar cargos de gestão e administração, e também a Igreja é formada por todos estes cristãos. Leigos, clérigos que têm a função de ajudar a Igreja, tendo ela tantos ministérios e tanto serviço para fazer, porque não a união de todas as partes. Mas, como eu disse, cada pessoa no sítio certo.

***14. Entende que o caminho realizado na sua zona vai ao encontro dos apelos da Igreja na valorização do papel dos leigos?***

Sim, acho que sim. Embora considere que há muitos serviços que estão centrados na opinião do sacerdote e que deviam ser entregues aos leigos, com uma certa autonomia.

***15. Pensa que o Papa Francisco, que ultimamente escreveu uma exortação apostólica sobre o chamamento à santidade, tem sido um bom contributo para uma maior sensibilização para o papel dos leigos na Igreja?***

Sim. O Papa Francisco é um homem muito inteligente e vê o mundo de uma forma muito para além de, e como estamos numa fase de muita necessidade de sacerdotes, ele então acha que, os leigos devem ser formados para desempenharem algumas funções da Igreja. E, também, todo o homem que trabalha, que vive dignamente o evangelho e cumpre os mandamentos, porque é que este não poderá ser considerado leigo santo?

## Anexo 4

### Entrevista

**Sexo:** Masculino

**Idade:** 57

**Função que desempenha:** Ministro Extraordinário da Comunhão e membro dos Casais de Nossa Senhora.

#### ***1. O que é para si um leigo?***

O leigo é um contraponto a um presbítero, é a pessoa que ouve através do presbítero a palavra de Deus e que responde a essa mesma formação desse mesmo presbítero na sua paróquia.

#### ***2. Considera que os leigos têm sido devidamente valorizados na vida da Igreja?***

Não, de maneira nenhuma. Eu creio que temos presbíteros que estão muito alto no altar, que os leigos dificilmente chegam.

#### ***3. E, já agora, os clérigos têm sido devidamente valorizados na vida da Igreja?***

Os bons clérigos, que o povo gosta, têm sido devidamente valorizados, embora, muitas vezes, sejam injustamente, também, acusados. Mas no fundo, aqueles que servem bem o povo de Deus que lhes confiou acredito que são valorizado pelo seu povo.

#### ***4. Para si, em que consiste a diferença essencial entre leigo e clérigo?***

Eu diria que clérigo é um retransmissor da palavra de Deus, e leigo é aquele que ouve.

#### ***5. Pensa que faz sentido falar-se do binómio leigo-clérigo?***

Creio que não. Quer se dizer as funções são diferentes, embora sejamos todos batizados, mas na Igreja temos posições e temos funções diferentes.

#### ***6. Considera que os ensinamentos da Igreja, nas últimas décadas, incidem sobre a valorização dos ministérios laicais, no compromisso dos leigos na Igreja?***

Eu creio que se separa um pouco aí o que os ensinamentos da Igreja, creio que é uma coisa e os ministérios laicais têm sido outra. Eu creio, que não há uma perfeita ligação e devia haver entre

estas duas questões, porque, creio que os ministérios laicais são um pouco departamentos da própria Igreja e não uma continuidade da voz dessa Igreja junto do povo.

***7. Pensa que o caminho realizado nos últimos 50 anos tem ido no sentido de dar maior destaque aos leigos?***

Eu creio que sim, pelo menos em muitas situações, sim. Eu creio que há muito mais debates sobre a religião nos jovens, nos adultos, em diversos fóruns. Creio que, antigamente, não sou do tempo, mas há 50 anos atrás não havia nenhum. Aquilo que me dizem é que as senhoras iam rezar o terço para a igreja e nem percebiam o que o padre dizia, portanto acho que houve uma grande evolução.

***8. Pensa que os ministérios laicais continuam desvalorizados, isto é, que continuam a ser demasiado dependentes da autoridade eclesiástica, do clero?***

Eles são desvalorizados e devem ser dependentes da autoridade eclesiástica. Eu creio que há movimentos laicais que são criados, creio eu, só para fazer o favor a alguém, e não para exercer a função que deve ser exercida.

***9. Indo ao encontro da questão anterior, como desenvolver uma relação entre os diferentes grupos laicais e a autoridade eclesiástica, por forma a que estes se sintam realmente comprometidos na vida da Igreja?***

Em primeiro lugar, o pároco será sempre o presidente, será sempre quem dirige esses ministérios, portanto tudo que acontece nesses ministérios laicais também é responsabilidade do pároco. Não é? E portanto, se houver uma sintonia perfeita e passar a mensagem do que se pretende, eu creio que pode haver sintonia, eu creio que falta aí é a ligação das pessoas e a mensagem que, muitas vezes, creio que não é bem entendida ou bem passada.

***10. Crê que os leigos poderiam ainda assumir cargos de maior relevo e importância no governo da Igreja?***

Em muitas funções sim. Até porque, eu creio que a Igreja falha em muitas questões. Na questão exatamente de determinada organização, na questão por exemplo, que é a minha profissão que

é de contabilista certificado, sinceramente as contas de uma igreja, aquilo são uma miséria, não tem ponta por onde se lhe pegue.

***11. Considera que se poderiam confiar trabalhos aos leigos, de modo estável e duradouro, dando-lhe total autonomia para os realizar?***

Em determinadas funções sim, como essa que acabei de falar, como na questão do património, como na questão, digamos da parte prática da religião, quanto à parte moral e religiosa creio que aí tem de ter sempre a autoridade do presbítero.

***12. Pensa que a formação disponibilizada aos leigos, para o exercício de ministérios e funções na Igreja, é adequada às exigências deste tempo e dos serviços que vão prestar?***

Aquela que eu tenho conhecimento é insuficiente.

***13. Como é que vê a possibilidade de leigos e sacerdotes colaborarem juntamente no governo da sua Diocese?***

Eu acho que seria fundamental até pelo que disse atrás, há um vasto património que não sei se está bem organizado, há as contas que não têm, não respondem aquilo que é a exigência atual da sociedade. Eu creio que a própria Igreja, se é repositório moral das pessoas todas, deve prestar contas claras e limpas a toda a sociedade. E não prestam!

***14. Entende que o caminho realizado na sua zona vai ao encontro dos apelos da Igreja na valorização do papel dos leigos?***

Tenho dúvidas, não tenho certezas a esse respeito.

***15. Pensa que o Papa Francisco, que ultimamente escreveu uma exortação apostólica sobre o chamamento à santidade, tem sido um bom contributo para uma maior sensibilização para o papel dos leigos na Igreja?***

Eu creio, que o Papa Francisco no que à caridade diz respeito e no que à ligação entre as pessoas sejam elas de que raça, de que cor, de que religião, acho que é um ar fresco na religião, acho que é para continuar, bastava isso para ele já ser um grande sumo pontífice.

## **Anexo 5**

### **Entrevista**

**Sexo:** Masculino

**Idade:** 37

**Função que desempenha:** Pároco.

#### ***1. O que é para si um leigo?***

Um leigo é um homem ou uma mulher que tendo recebido o batismo na Igreja, assume, também, esse papel da corresponsabilidade, da construção da Igreja de Cristo, nos mais diversos serviços ou movimentos, ou como um fiel participante dos sacramentos da vida da Igreja.

#### ***2. Considera que os leigos têm sido devidamente valorizados na vida da Igreja?***

Bom, eu acho, que não existe Igreja sem leigos, sem laicado, portanto creio que desde o princípio os leigos assumiram um papel preponderante na vida da Igreja, que graças a Deus, que o Vaticano II redescobriu e trouxe para cima e para a ribalta, também esse papel dos leigos e a sua valorização nos diversos ministérios e serviços da Igreja. Mas, têm sido valorizados, mas creio que podem e devem continuar a ser valorizados na vida da Igreja.

#### ***3. E, já agora, os clérigos têm sido devidamente valorizados na vida da Igreja?***

É a mesma coisa que digo em relação aos leigos, digo em relação aos clérigos. Claro, não há uma igreja só de clérigos. Portanto, os clérigos fazem tanto parte da Igreja, como fazem os leigos. Claro que não há uma igreja sem clérigos, portanto eles assumem esse papel central e que é preciso valorizar e redescobrir continuamente na vida da Igreja, também na fidelidade ao espírito de Deus.

#### ***4. Para si, em que consiste a diferença essencial entre leigo e clérigo?***

Há um sacramento que os irmana, isto é, que os faz irmãos, que é o do Batismo. Há um que os distingue, digamos assim que é o sacramento da Ordem. Os clérigos são aqueles que receberam o sacramento da Ordem, essa é a diferença essencial.

***5. Pensa que faz sentido falar-se do binómio leigo-clérigo?***

Em certo sentido, do ponto de vista sacramental, sim faz sentido, até porque, como dizia, o clérigo é aquele que recebeu da Igreja o sacramento da Ordem. Agora se é um binómio do ponto de vista, digamos que faz uma distinção que não seja positiva, não é um bom binómio, mas a realidade da Igreja é composta de uma diversidade ministerial, e portanto nesse sentido o binómio se for devidamente entendido acho que faz todo o lugar e sentido.

***6. Considera que os ensinamentos da Igreja, nas últimas décadas, incidem sobre a valorização dos ministérios laicais, no compromisso dos leigos na Igreja?***

Nas últimas décadas sim, mais fortemente a partir do Vaticano II, creio que sim. Mesmo o magistério, os papas do Concílio e pós Concílio trouxeram, como dizia há pouco, para a ribalta esta questão dos ministérios laicais assumidos em Igreja, como Igreja. E portanto, sim, têm sido.

***7. Pensa que o caminho realizado nos últimos 50 anos tem ido no sentido de dar maior destaque aos leigos?***

Têm e é facilmente compreensível, claro. O Vaticano II foi esse Concílio que descobriu e que trouxe, digamos que trouxe para o topo as preocupações da Igreja na sua fidelidade, também, ao espírito de Deus esta questão do laicado, fortemente esta questão, sim.

***8. Pensa que os ministérios laicais continuam desvalorizados, isto é, que continuam a ser demasiado dependentes da autoridade eclesiástica, do clero?***

Se são dependentes, eles todos têm de depender de uma autoridade eclesiástica, porque necessariamente que depender do bispo. Agora como se processa essa, digamos esta dependência, isto é como também não existe no fundo um presbiterado desligado e desgarrado da autoridade do bispo, e portanto eles precisam de estar aí radicados, mas penso que há

caminho também para uma autonomia, digamos de proposta ao nível do laicado, mas claro na sua estreitíssima ligação ao bispo.

***9. Indo ao encontro da questão anterior, como desenvolver uma relação entre os diferentes grupos laicais e a autoridade eclesial, por forma a que estes se sintam realmente comprometidos na vida da Igreja?***

Sei lá, não sei muito bem. Confesso que este assunto está sempre na ordem do dia, digamos as relações eclesiais, mais do que eclesiásticas a nível da Igreja, da comunhão diocesana, do Povo de Deus na união e na ligação, seja ao presbítero a nível paroquial, seja ao bispo na comunidade diocesana. Mas penso que quanto mais formos capazes de nos abirmos, também, à ação do Espírito de Deus que conduz a Igreja, penso que mais fácil construir esta relação, também para que uns e outros sintam o compromisso na construção da Igreja de Cristo.

***10. Crê que os leigos poderiam ainda assumir cargos de maior relevo e importância no governo da Igreja?***

Eu acho que já há leigos que assumem digamos, cargos e missões, tarefas na vida da Igreja de grandíssima relevância, a todos os níveis nas comunidades paroquiais. As ações da comunidade paroquial na sua grande maioria são encabeçadas pelo dinamismo e pela criatividade dos leigos, mas não faltará na vida das dioceses e nas igrejas diocesanas, digamos assim, ações eclesiais que são já desenvolvidas grandemente por leigos e fazem com muito entusiasmo e também com muita autenticidade, e com grandíssima qualidade. Assim como na Igreja Universal até do ponto de vista do que tem sido a reforma mais recente do Papa Francisco, também, colocando tarefas tão fundamentais da vida da Igreja nas mãos de leigos. Portanto, penso que o laicado tem assumido este relevo, esta importância no governo da Igreja e penso que muito bem.

***11. Considera que se poderiam confiar trabalhos aos leigos, de modo estável e duradouro, dando-lhe total autonomia para os realizar?***

Não sei bem o que quer dizer total autonomia, não existe total autonomia, porque não existe aqui, como há pouco dizia, não existe nada na Igreja que se faça desgarrado, desligado, daquele

que tem competência própria para o governo da Igreja diocesana, concretamente que é o bispo. Portanto, na ligação ao bispo, sim creio que é possível continuar a confiar aos leigos de modo estável e duradouro, trabalhos na cooperação e na ligação permanente com o bispo e com os serviços da diocese.

***12. Pensa que a formação disponibilizada aos leigos, para o exercício de ministérios e funções na Igreja, é adequada às exigências deste tempo e dos serviços que vão prestar?***

Esta questão da formação é sempre uma questão, digamos da atualidade, que a formação precisa sempre de ser revista, de ser projetada e ser pensada, tendo em conta, obviamente aquilo que é o tempo que vivemos, a ambiência em que nos inserimos. Tudo isso é sempre preciso pôr em renovação, digamos assim, esta questão da formação que se presta aos leigos. Mas dizemos aos leigos, como se poderia falar da formação aos clérigos, até nos seminários e tudo mais. Essa atenção à formação é muito importante é bem certo, e que ela naquilo que é, digamos dar mãos dos diversos saberes, diversas ciências até. Portanto, sejamos capazes como Igreja de disponibilizar ao laicado a melhor formação possível para as tarefas que têm de realizar.

***13. Como é que vê a possibilidade de leigos e sacerdotes colaborarem juntamente no governo da sua Diocese?***

Vejo boa possibilidade, não vejo impedimento algum deste dar mãos entre o laicado e os clérigos e os sacerdotes. Fazendo cada um o que lhe compete, fazer por ofício, por vocação ou por missão, na ligação com o bispo possa, sobretudo, ajudar com os dons e os talentos de cada um ajudar a construir a Igreja de Jesus Cristo. Vejo com belíssima possibilidade essa colaboração.

***14. Entende que o caminho realizado na sua zona vai ao encontro dos apelos da Igreja na valorização do papel dos leigos?***

Vai indo, com certeza. As coisas são assim mesmo, fazem-se com consciência de que é preciso amadurecer, é preciso, também, fazer as coisas ao ritmo que todos podem fazer, nem sempre ao ritmo que queremos correr, digamos assim. Nestas coisas da Igreja, nós não fazemos corridas

a solo, digamos assim, precisamos ir como Igreja, precisamos de ir todos, é certo. Procurando, também, um modo de caminhar que seja adequado a todas as pessoas, a todas as realidades. Mas eu creio que no nosso arciprestado, concretamente de Fafe, se tem feito aqui caminho no sentido, digamos deste dar de mãos entre clérigos e leigos, também seja a nível do arciprestado, nas equipas arciprestais, nas propostas do arciprestado, seja, também, nas comunidades paroquiais, como digo, não conheço comunidades que subsista ou que exista sem o mínimo de corresponsabilidade laical entre o pároco e a comunidade e os leigos que se disponibilizam para as diferentes tarefas e ações daquilo que é a comunidade cristã. Já se caminha, é certo, mas este é um caminho nunca terminado, um caminho que se tem de fazer cada dia da nossa existência.

***15. Pensa que o Papa Francisco, que ultimamente escreveu uma exortação apostólica sobre o chamamento à santidade, tem sido um bom contributo para uma maior sensibilização para o papel dos leigos na Igreja?***

Eu creio que o Papa Francisco releva a exortação apostólica desta exortação sobre a santidade, naquilo que ele desde princípio do seu ministério tem dito daquilo que ele tem feito, daquilo que ele tem refletido e posto, também, em documentos, em magistério. Penso que é de facto um inestimável contributo para esta sensibilização do papel dos leigos na Igreja, até pelos sinais que dá, digamos assim do ponto de vista como ele vive o seu ministério, mas também, sobretudo por aquilo ao nível da chamada reforma da própria cúria da Santa Sé, do Vaticano. Como ele tem posto em lugares de relevo aquilo que é a estrutura da Santa Sé, os leigos e o papel do laicado. Portanto penso que sim, que tudo aquilo que ele diz, tudo aquilo que ele escreve, aquilo que ele nos provoca, também, positivamente falando, da maneira como exerce o seu ministério tem sido de facto um belíssimo, um grandioso contributo para esta sensibilização do papel dos leigos na Igreja.

## Anexo 6

### Entrevista

**Sexo:** Masculino

**Idade:** 18

**Função que desempenha:** Acólito, coralista e catequista.

#### *1. O que é para si um leigo?*

Um leigo é todo aquele que sendo batizado e participante, na atividade da Igreja, não recebeu o sacramento da ordem.

#### *2. Considera que os leigos têm sido devidamente valorizados na vida da Igreja?*

Sim, considero que sim e penso que isso se nota cada vez mais, devido ao facto de serem cada vez mais necessários, uma vez que as vocações sacerdotais escasseiam e os padres se encontram sobrecarregados. E, nesse sentido, são importantes e penso que são valorizados.

#### *3. E, já agora, os clérigos têm sido devidamente valorizados na vida da Igreja?*

Nesta questão, há uma dicotomia, ou seja, por vezes, não são tão valorizados quanto deviam, mas por muitas vezes, também, são valorizados por aquilo que representam. Representam a presença de Cristo nas comunidades a que lhe foram confiadas e, nesse sentido, sim são valorizados, porque as pessoas precisam dos serviços de um sacerdote e uma vez que é necessário obrigatoriamente valorizado.

Por outro lado, não porque a sociedade moderna torna-se um bocado anticlerical, anti-elesiástica e desprezam um bocadinho essa necessidade de uma vida espiritual, e claro dos serviços de um sacerdote.

#### *4. Para si, em que consiste a diferença essencial entre leigo e clérigo?*

Um leigo é todo aquele que sendo batizado participa do ministério do sacerdócio comum dos fiéis, ou seja, o sacerdócio que é de todos aqueles que são batizados.

Nisto se diferencia o clero, porque participa de um sacerdócio, mas ministerial, porque recebe o sacramento da Ordem. Aí está a diferença entre os dois.

***5. Pensa que faz sentido falar-se do binómio leigo-clérigo?***

Sim, faz sentido. Porque, como disse anteriormente, são necessários os leigos. Porque um padre não pode tomar em si todas as responsabilidades que lhes são exigidas nas paróquias. Por exemplo, são necessários acólitos, leitores... todos esses ministérios que o padre não pode assumir, mas que alguém deve assumir, e que são importantes e necessários, essencialmente, para o bom funcionamento das comunidades.

***6. Considera que os ensinamentos da Igreja, nas últimas décadas, incidem sobre a valorização dos ministérios laicais, no compromisso dos leigos na Igreja?***

Sim, considero que sim. Pois, ao longo das décadas, também se tem verificado uma maior atividade dos leigos nas paróquias, seja em setores como a catequese, como os ministérios que já referi atrás, o eleitorado, o acolitado e tantas outras atividades.

***7. Pensa que o caminho realizado nos últimos 50 anos tem ido no sentido de dar maior destaque aos leigos?***

Sim. Tenho certeza que sim, nomeadamente, a partir do Concílio Vaticano II, em que se verifica na Igreja uma reforma profunda e que permite uma abertura à participação de todos. Logo desde de terminarem as missas que eram celebradas em latim, com todo o cerimonial que lhe estava associado, e que permitiu que a missa não fosse uma celebração quase inatingível, um espetáculo, mas sim uma participação, em que todos poderiam participar dela e todos podiam sentir-se mais próximo daquele Jesus que veneravam.

***8. Pensa que os ministérios laicais continuam desvalorizados, isto é, que continuam a ser demasiado dependentes da autoridade eclesiástica, do clero?***

Depende do ponto de vista, porque existir uma autoridade eclesiástica não pressupõe que sejam desvalorizados os ministérios laicais. Porque são sempre necessárias: orientação, acompanhamento e, claro, avaliação, também sobre o trabalho realizado e nisso é importante que haja autoridade eclesiástica, para que não andem assim um bocado desnorteadas, sem rumo, mas sim com objetivos e com fins próprios e convictos.

***9. Indo ao encontro da questão anterior, como desenvolver uma relação entre os diferentes grupos leicais e a autoridade eclesial, por forma a que estes se sintam realmente comprometidos na vida da Igreja?***

Por natureza, uma paróquia só irá funcionar se tiver um pároco e um pároco só conseguirá todo o seu trabalho pastoral se tiver uma paróquia, ou seja, os dois complementam-se, e os dois dependem um do outro. E nisto, é importante que o pároco saiba escutar acima de tudo a comunidade em geral, mas sobretudo os ministérios leicais. Porque já frisei a sua importância. E nisto, é importante que o pároco dê valor e valorize todos os ministérios leicais e sejam desenvolvidas atividades que dinamizem esses ministérios, com formações importantíssimas. Mas, também, que esses ministérios saibam acolher a autoridade do pároco, e saibam ajudar em tudo o que for preciso, para que a comunidade possa finalmente conseguir aquilo que quer.

***10. Crê que os leigos poderiam ainda assumir cargos de maior relevo e importância no governo da Igreja?***

Sim creio, até porque já acontece. O exemplo vivo são os conselhos económicos paroquiais, também as equipas arciprestais da catequese, conselhos pastorais e tantos outros, que já são exemplos vivos de que os leigos participam e têm cargos importantes na vida da Igreja.

***11. Considera que se poderiam confiar trabalhos aos leigos, de modo estável e duradouro, dando-lhe total autonomia para os realizar?***

Concordo. Na medida, em que essa atribuição de cargos seja rotativo, ou seja, por um determinado tempo. Porque, em primeiro lugar, para que essa oportunidade seja dada a mais pessoas e para que o trabalho possa ser também avaliado, mais propriamente controlado.

***12. Pensa que a formação disponibilizada aos leigos, para o exercício de ministérios e funções na Igreja, é adequada às exigências deste tempo e dos serviços que vão prestar?***

Por muitas vezes não, mas nos casos em que são parcialmente proveitosas as formações, parece que as pessoas a quem se destinam não tiram proveito e, nesse sentido, sentimos um certo vazio

na atividade que desenvolvem, porque não têm consciência, ou não têm gosto naquilo que fazem e apenas fazem por fazer.

***13. Como é que vê a possibilidade de leigos e sacerdotes colaborarem juntamente no governo da sua Diocese?***

É possível. É possível, e como já antes frisei, é necessário, porque se são escassas as vocações sacerdotais e missionárias e tudo o resto. É necessário que as portas da Igreja estejam abertas a quem quer colaborar, mas nisto é preciso que essas pessoas tenham competências, sejam bem escolhidas, bem acompanhadas, orientadas e avaliadas. Acho muito importante a avaliação.

***14. Entende que o caminho realizado na sua zona vai ao encontro dos apelos da Igreja na valorização do papel dos leigos?***

Sim, felizmente, na minha paróquia, sim verifico. É notória as atividades, movimentos como a LIAM, o grupo de jovens “Criar Asas”, a Conferência Vicentina, os Cursilhos da Cristandade, há formação de leitores, há um grupo bíblico, formação de acólitos, formações para corais, e penso que isso é muito importante para o bom funcionamento das comunidades. Nesse sentido, acho que são valorizados os ministérios dos leigos.

***15. Pensa que o Papa Francisco, que ultimamente escreveu uma exortação apostólica sobre o chamamento à santidade, tem sido um bom contributo para uma maior sensibilização para o papel dos leigos na Igreja?***

Sim. O Papa Francisco e todo o seu pontificado foram rosto da abertura da Igreja, nesta época moderna. E considero, por isso, que o seu legado é um legado que reaproxima Cristo das pessoas e as impele a participar ativamente na Igreja. Deste modo, verifica-se essa atividade, essa participação que o Papa Francisco impulsiona e que as comunidades cristãs vivem nesta época moderna.

## Anexo 7

### Entrevista

**Sexo:** Feminino

**Idade:** 39

**Função que desempenha:** Catequista, Ministro Extraordinário da comunhão, membro da Pastoral da Catequese Arciprestal, coralista e membro dos Cursilhos da Cristandade.

#### *1. O que é para si um leigo?*

Um “leigo”, para mim, tem dois significados, essa palavra. Um deles está relacionado com alguém que tem pouco conhecimento em determinado assunto, por exemplo: um leigo, nós dizemos “ai eu não percebo nada disso, eu sou leigo”. Um leigo, em culinária, jardinagem. Outro significado está um pouco mais relacionado com a Igreja Católica, os leigos são aqueles que não fazem parte do clero, ou seja, que não receberam o sacramento da ordem.

#### *2. Considera que os leigos têm sido devidamente valorizados na vida da Igreja?*

Penso que sim, os leigos têm sido valorizados na vida da Igreja, principalmente depois do Concílio Vaticano II e se nós repararmos, agora, também são muito valorizados com o nosso Papa Francisco. Se não estou em erro, o tema da oração do mês de maio de 2018 do Papa Francisco foi pela missão dos leigos na Igreja. De alguma forma, ele próprio também está a valorizar.

#### *3. E, já agora, os clérigos têm sido devidamente valorizados na vida da Igreja?*

Acho que sim, contudo apenas me posso referir mais concretamente aos sacerdotes da minha paróquia e alguns que conheço. Do conhecimento que tenho e por aquilo que posso observar, os sacerdotes são valorizados e acarinhados pelos leigos. A valorização destes, também, passa em grande parte pela valorização que eles próprios dão aos leigos e ao trabalho que estes realizam na Igreja. Se as pessoas se sentem valorizadas e acarinhadas, estes sentimentos passam para a restante comunidade, incluindo o próprio sacerdote.

#### *4. Para si, em que consiste a diferença essencial entre leigo e clérigo?*

A diferença entre leigo e clérigo reside nas responsabilidades que cada um tem na Igreja. Parece-me que há muito mais coisas que os aproxima, do que aquilo que os afasta.

Tanto o leigo como o clero são ambos batizados e têm como missão a construção do Reino de Deus.

***5. Pensa que faz sentido falar-se do binómio leigo-clérigo?***

Penso que não. A palavra binómio, digo eu, parece que supõe algo antagónico e, por isso, não é isso que se trata. Leigo e clérigo são ambos batizados e como refere S. Paulo aos Romanos, devem servir a Deus e louvar o seu nome. Claro está que cada um tem os dons e as responsabilidades específicas que lhe estão atribuídas.

***6. Considera que os ensinamentos da Igreja, nas últimas décadas, incidem sobre a valorização dos ministérios laicais, no compromisso dos leigos na Igreja?***

Os ensinamentos da Igreja incidem na valorização dos ministérios laicais, principalmente desde o Concílio Vaticano II. Este Concílio é um marco muito importante para a valorização dos leigos na Igreja, até podemos dizer que antes do Concílio havia uma divisão rígida dos membros da Igreja em duas classes de cristãos: clérigos (sacerdotes) e os leigos. Os leigos devem apenas deixar-se conduzir e guiar pela hierarquia.

Depois do Concílio Vaticano II, este vai situar o leigo dentro da própria Igreja, no interior, referindo que a tarefa de edificar a Igreja compete a todos os batizados. Todos os cristãos, sem exceção, têm a tarefa de testemunhar o Evangelho no mundo e entranhar neste os valores do Reino de Deus. Neste sentido, penso que a Igreja, nas últimas décadas, têm-se pautado por valorizar os ministérios laicais, indo de encontro às diretrizes do Concílio Vaticano II.

Nas paróquias, dinamiza-se com grande destaque e frequência inúmeras formações para acólitos, leitores, catequistas, ministros extraordinários da comunhão, entre outras de forma a valorizar e dignificar estes ministérios.

***7. Pensa que o caminho realizado nos últimos 50 anos tem ido no sentido de dar maior destaque aos leigos?***

Em relação a esta questão, não falaria em “destaque” talvez “dignificação”, “valorização” dos ministérios laicais, que após o Concílio Vaticano II vê o leigo como parte integrante do povo de Deus, que faz parte do sacerdócio comum dos fiéis, que tem por função juntar-se ao sacerdócio ministerial, dignificando e valorizando a Igreja.

***8. Pensa que os ministérios laicais continuam desvalorizados, isto é, que continuam a ser demasiado dependentes da autoridade eclesiástica, do clero?***

Penso, infelizmente, que os ministérios laicais continuam demasiado dependentes da autoridade eclesiástica, uma vez que os leigos não se sentem seguros, em termos de formação, naquilo que estão ou têm de realizar. Sentem algum receio, daí esta dependência em relação ao sacerdote, contudo não considero que sejam desvalorizados.

***9. Indo ao encontro da questão anterior, como desenvolver uma relação entre os diferentes grupos laicais e a autoridade eclesiástica, por forma a que estes se sintam realmente comprometidos na vida da Igreja?***

Para que se desenvolva uma relação entre os diferentes grupos laicais e a autoridade eclesiástica, por forma a que estes se sintam realmente comprometidos na vida da Igreja, penso que deve existir um trabalho conjunto, não cada um fazer as suas “coisas”, mas fazê-las juntos. Os leigos devem sentir que o seu papel na Igreja, as suas opiniões e sugestões são importantes e tidas em conta. Há sacerdotes e leigos, mas resumindo somos todos filhos de Deus.

Na minha opinião, um leigo comprometido com a Igreja não deve ser visto apenas como aquele que exerce o ministério X ou Y, mas como aquele que celebra os sacramentos e que, no silêncio e na humildade, está comprometido com a Igreja no mais pobre, no vizinho doente, no jovem sem norte, na criança que necessita de um incentivo, na colaboração familiar, no colega de trabalho que está em dificuldade, no trabalho que realiza todos os dias com responsabilidade. Este sim, também é um leigo na Igreja.

***10. Crê que os leigos poderiam ainda assumir cargos de maior relevo e importância no governo da Igreja?***

Creio que sim. Por exemplo: em conselhos económicos e paroquiais, diretor ou diretora de um centro social, que é um organismo da Igreja de cariz sócio-caritativo, entre outros.

***11. Considera que se poderiam confiar trabalhos aos leigos, de modo estável e duradouro, dando-lhe total autonomia para os realizar?***

Penso que sim. Partindo do princípio que os leigos são responsáveis, homens e mulheres de boa vontade. Porque não? Desta forma, até se podia libertar alguns sacerdotes de certos trabalhos, que passariam a ser realizados por leigos. “Ganhavam” todos! Mas esses trabalhos deviam ser rotativos, não ser sempre os mesmos, de forma a criar uma certa dinâmica nas paróquias.

***12. Pensa que a formação disponibilizada aos leigos, para o exercício de ministérios e funções na Igreja, é adequada às exigências deste tempo e dos serviços que vão prestar?***

A formação disponibilizada aos leigos é muito adequada para o exercício de ministérios e funções na Igreja, contudo os leigos nem sempre a podem frequentar por os mais diversos motivos. Mas convém, também referir que esta formação deve ser mais dirigida às necessidades de cada um, deve-se fazer um diagnóstico sério e depois uma formação mais direcionada.

***13. Como é que vê a possibilidade de leigos e sacerdotes colaborarem juntamente no governo da sua Diocese?***

Pessoalmente, eu vejo esta colaboração com bons olhos, e penso que esta colaboração já se vai fazendo, como é o caso de vários leigos que estão à frente dos vários departamentos da Diocese, como é o caso da catequese, da saúde e da família. Que juntamente com os sacerdotes dinamizam um X número de atividades bastante interessantes, nisto notasse que já existe esta colaboração e que ela é possível e que é bastante profícua.

***14. Entende que o caminho realizado na sua zona vai ao encontro dos apelos da Igreja na valorização do papel dos leigos?***

Pelo que eu sei da minha zona, a valorização do papel do leigo é bastante notória, principalmente pela força como somos tratados e acolhidos, pelo incentivo à participação em formações que se vão realizando nas paróquias, como o grupo bíblico, grupo de leitores, semana

bíblica, e também o incentivo à participação nas atividades das paróquias, em que se pede sempre a colaboração dos leigos.

***15. Pensa que o Papa Francisco, que ultimamente escreveu uma exortação apostólica sobre o chamamento à santidade, tem sido um bom contributo para uma maior sensibilização para o papel dos leigos na Igreja?***

Sem dúvida que sim. O Papa Francisco diz-nos nesta exortação apostólica, que um cristão deve aspirar a ser santo, ou seja, o papel de cada leigo é alcançar a santidade, não apenas a sua, mas contribuir para a santificação dos outros, pois santificamo-nos no exercício responsável e generoso da nossa função.

Os ministérios laicais podem levar ou contribuir para a santidade dos leigos, pelos trabalhos que os leigos realizam na sua comunidade, realizando a sua missão. E perguntamo-nos e qual é a nossa missão?

Na mesma exortação apostólica, o Papa refere: “Dado que não se pode conceder Cristo sem o Reino que ele veio trazer, também a tua missão é inseparável da construção do Reino”. Neste sentido, a missão de cada leigo na Igreja é a construção de Rei de Cristo, todos os dias, em todos os lugares, sempre.

## Anexo 8

### Entrevista

**Sexo:** Masculino

**Idade:** 33

**Função que desempenha:** Pároco

#### *1. O que é para si um leigo?*

Para mim, um leigo é um cristão, paroquiano, geralmente praticante, que vive diariamente a sua vida com a sua profissão, a sua família, o seu lar, mas que tem características pessoais, intelectuais, espirituais para se dedicar ao serviço da Igreja, especialmente da paróquia.

#### *2. Considera que os leigos têm sido devidamente valorizados na vida da Igreja?*

Os leigos têm sido geralmente valorizados na vida da Igreja, poderia realmente ser feito mais por eles e com eles, mas também tem os seus limites, pessoais, familiares e na relação com a vida da comunidade.

#### *3. E, já agora, os clérigos têm sido devidamente valorizados na vida da Igreja?*

Os clérigos são valorizados na vida da Igreja, muitas vezes, subvalorizados e ainda sobrecarregados, com tarefas que pertenceriam aos leigos.

#### *4. Para si, em que consiste a diferença essencial entre leigo e clérigo?*

Para mim, a diferença essencial entre leigo e clérigo é o sacramento da ordem do clérigo e, conseqüentemente, a maior disponibilidade, porque se dedica totalmente à vida paroquial e pastoral.

#### *5. Pensa que faz sentido falar-se do binómio leigo-clérigo?*

Faz sentido, falar-se do binómio leigo-clérigo, especialmente, quando se trata de grupos como conselhos pastorais e económicos, e na gestão geral da paróquia.

Cada vez mais sozinho, o clérigo não consegue fazê-la.

#### *6. Considera que os ensinamentos da Igreja, nas últimas décadas, incidem sobre a valorização dos ministérios laicais, no compromisso dos leigos na Igreja?*

Os ensinamentos da Igreja valorizam cada vez mais os ministérios laicais no compromisso com a Igreja, considero que sim.

***7. Pensa que o caminho realizado nos últimos 50 anos tem ido no sentido de dar maior destaque aos leigos?***

Tem sido dado maior destaque aos leigos. Contudo, poderia dar-se mais, mas as limitações pessoais deles, familiares não o permitem. E, muitas vezes, a forma como outros paroquianos leigos vêm o seu papel, com alguma desconfiança, e, às vezes, egoísmo e ciúme.

***8. Pensa que os ministérios laicais continuam desvalorizados, isto é, que continuam a ser demasiado dependentes da autoridade eclesiástica, do clero?***

Creio que alguns ministérios laicais continuam desvalorizados, mas, também, é preciso dar os passos certos, para que se tornem verdadeiramente independentes. É necessário mais formação.

***9. Indo ao encontro da questão anterior, como desenvolver uma relação entre os diferentes grupos laicais e a autoridade eclesiástica, por forma a que estes se sintam realmente comprometidos na vida da Igreja?***

A relação entre os grupos laicais e a autoridade eclesiástica, deve ser cada vez mais estudada e aprofundada. É necessário rever os limites de cada um e particularmente possibilidades que o clérigo pode dar ainda aos leigos comprometidos. É necessário, também, conseguir perceber até que ponto a comunidade aceita a intromissão ou o exercício do seu papel dos leigos na igreja.

***10. Crê que os leigos poderiam ainda assumir cargos de maior relevo e importância no governo da Igreja?***

Os leigos podem e devem assumir cargos de maior relevo com os devidos limites. Há atividades, papéis que devem continuar a ser entregues e confiadas apenas aos clérigos.

***11. Considera que se poderiam confiar trabalhos aos leigos, de modo estável e duradouro, dando-lhe total autonomia para os realizar?***

Considero que sim. Pode-se confiar trabalhos aos leigos de modo estável e duradouro, dando autonomia para os realizar, mas com uma contínua vigilância e procura de confiança da parte dos clérigos, algo que se pode conquistar e confiar totalmente aos poucos.

***12. Pensa que a formação disponibilizada aos leigos, para o exercício de ministérios e funções na Igreja, é adequada às exigências deste tempo e dos serviços que vão prestar?***

É necessário haver mais formação para os leigos, contudo há um problema comum são quase sempre os mesmos leigos a participar nas formações, ficam sobrecarregados e há poucos que se disponibilizam e arriscam, para participar em diversas atividades da igreja.

***13. Como é que vê a possibilidade de leigos e sacerdotes colaborarem juntamente no governo da sua Diocese?***

Os leigos creio que já colaboram no governo da Diocese, particularmente no conselho pastoral arquidiocesano.

***14. Entende que o caminho realizado na sua zona vai ao encontro dos apelos da Igreja na valorização do papel dos leigos?***

Creio que a nível pastoral e paroquial de zona, o papel dos leigos vai sendo estável, sem grandes inovações. Poderia haver mais trabalho.

***15. Pensa que o Papa Francisco, que ultimamente escreveu uma exortação apostólica sobre o chamamento à santidade, tem sido um bom contributo para uma maior sensibilização para o papel dos leigos na Igreja?***

O Papa Francisco tem sido, como em todas as coisas, um bom pastor no caminho do desenvolvimento do papel dos clérigos e, sobretudo, dos leigos na Igreja.

## Anexo 9

### Entrevista

**Sexo:** Masculino

**Idade:** 31

**Função que desempenha:** Pároco

***1. O que é para si um leigo?***

O leigo no nosso contexto eclesial é um cristão batizado, comprometido com a sua comunidade e com a vivência da sua fé.

***2. Considera que os leigos têm sido devidamente valorizados na vida da Igreja?***

Eu creio que sim. Se bem que podiam ser mais valorizados, se também estivessem melhores preparados para isso.

***3. E, já agora, os clérigos têm sido devidamente valorizados na vida da Igreja?***

Eu creio que não.

***4. Para si, em que consiste a diferença essencial entre leigo e clérigo?***

A diferença essencial entre um leigo e um clérigo está no grau de compromisso com a Igreja e com a fé e com o trabalho na comunidade. Um leigo faz desse trabalho, desse grau de compromisso com a comunidade e com a fé, algo essencial, mas não absoluto. Um clérigo faz disso, digamos assim, a sua vida, o seu compromisso absoluto.

***5. Pensa que faz sentido falar-se do binómio leigo-clérigo?***

Como opostos não, como complementares sim. Um leigo e um clérigo, ou os leigos e os clérigos são pessoas que devem trabalhar em sintonia, em comunhão, em equipa e que são batizados e são ambos cristãos e, por isso, não devem nunca estar em contradição.

***6. Considera que os ensinamentos da Igreja, nas últimas décadas, incidem sobre a valorização dos ministérios laicais, no compromisso dos leigos na Igreja?***

Sim. A Igreja tem insistido na importância de valorizar os ministérios laicais, em que os leigos assumem mais algum compromisso na vida da Igreja, mas é um caminho que é preciso ser percorrido.

***7. Pensa que o caminho realizado nos últimos 50 anos tem ido no sentido de dar maior destaque aos leigos?***

Tem. Ainda há muito caminho a fazer, mas já muitos ministérios que têm surgido, muitos leigos têm assumido papéis importantes na vida das comunidades. Há muitas comunidades que vivem já, graças ao esforço e ao trabalho dos leigos mais do que dos clérigos. Mas ainda há muito caminho a percorrer.

***8. Pensa que os ministérios laicais continuam desvalorizados, isto é, que continuam a ser demasiado dependentes da autoridade eclesiástica, do clero?***

Em muitos casos, penso que sim. Penso que a excessiva dependência do clero e da autoridade eclesiástica, ou até às vezes de uma dependência quase doentia, que o Papa Francisco chama de clericalismo, e bem! É o que faz com que os ministérios laicais fiquem, muitas vezes, dependentes do seu progresso e comprometam, digamos assim, o seu desenvolvimento por causa disso.

***9. Indo ao encontro da questão anterior, como desenvolver uma relação entre os diferentes grupos laicais e a autoridade eclesiástica, por forma a que estes se sintam realmente comprometidos na vida da Igreja?***

Para que os grupos laicais e a autoridade eclesiástica tenham uma relação saudável precisam também de saber viver em caridade, em respeito, em colaboração e penso que é aí que entra, de forma decisiva, um papel de um pároco ou de um clérigo, que não é o faz tudo, mas é aquele que garante que cada um faz aquilo que deve. E o pároco e o clérigo numa comunidade não é aquele que tem de fazer todos os trabalhos, mas é aquele que tem de garantir a unidade entre todos os que trabalham. Isso é que é ser um líder! E se os párocos e os clérigos assumirem essa

responsabilidade, creio que os grupos laicais e a autoridade eclesial funcionarão sempre em comunhão.

***10. Crê que os leigos poderiam ainda assumir cargos de maior relevo e importância no governo da Igreja?***

Creio que sim, sem dúvida.

***11. Considera que se poderiam confiar trabalhos aos leigos, de modo estável e duradouro, dando-lhe total autonomia para os realizar?***

Sim. Porque os leigos têm tantas capacidades às vezes, ou mais, para realizar esses trabalhos do que os próprios clérigos. É preciso confiar neles, eles perceberem essa autonomia, não de uma forma arredada, como um domínio ou um poder absoluto, mas como uma responsabilidade que a comunidade lhe confia.

***12. Pensa que a formação disponibilizada aos leigos, para o exercício de ministérios e funções na Igreja, é adequada às exigências deste tempo e dos serviços que vão prestar?***

Sinceramente, penso que não. Eu penso que a formação é essencial, é urgente, é importante. Mas, neste momento, é muito centralizada, muito complexa, demasiado presencial, devia ser mais facilitada, atendendo às novas tecnologias que temos e devia de ser, digamos assim, menos burocrática.

***13. Como é que vê a possibilidade de leigos e sacerdotes colaborarem juntamente no governo da sua Diocese?***

Muito bem, já assim acontece aqui.

***14. Entende que o caminho realizado na sua zona vai ao encontro dos apelos da Igreja na valorização do papel dos leigos?***

Creio que sim, podia ainda ir mais, mas temos de fazer esta mudança, esta transformação também atendendo aos ritmos da comunidade e do arciprestado. Mas creio que o caminho é positivo.

***15. Pensa que o Papa Francisco, que ultimamente escreveu uma exortação apostólica sobre o chamamento à santidade, tem sido um bom contributo para uma maior sensibilização para o papel dos leigos na Igreja?***

Sem dúvida, que sim. Este documento, apesar de ainda não ter sido, se calhar, bem estudado e bem conhecido das comunidades, é um grande exemplo, para que as pessoas compreendam que a santidade, não é a mesma coisa que beatice. Ser santo é ser feliz, é ser comprometido, não é aniquilar a nossa vida, para nos dedicarmos a Deus, mas é precisamente levarmos Deus para a nossa vida e fazermos da nossa vida um espaço, também, de evangelização e de serviço do Reino.

Por isso, creio que este documento ajuda a perceber que os leigos, tal como os clérigos e como todos os batizados, são chamados à santidade e, por isso, são chamados a assumir o seu papel na Igreja.

## Anexo 10

### Entrevista

**Sexo:** Feminino

**Idade:** 48

**Função que desempenha:** Leitora.

#### ***1. O que é para si um leigo?***

Um leigo é alguém que não está propriamente ligado à Igreja, que não tem funções eclesiais.

#### ***2. Considera que os leigos têm sido devidamente valorizados na vida da Igreja?***

Eles têm entrado na vida da Igreja, para cumprir algumas funções, nomeadamente na comissão fabriqueira, parte, também, da catequese, etc. Eu acho, que também depende muito dos padres que vão ou não chamando os leigos para esses cargos. Só que, também, acho que algumas funções como da comissão fabriqueira só eles próprios é que podem nomear. Portanto, os externos não se podem apresentar ou candidatar-se. Isto aqui, acho que é um se não, poderia abrir aí o leque para mais pessoas e, neste caso, sim fazer com que os leigos sejam mais valorizados.

#### ***3. E, já agora, os clérigos têm sido devidamente valorizados na vida da Igreja?***

Nem sempre, tem tudo a ver com a personalidade deles, se eles se envolverem também bastante na comunidade e forem ativos, e conseguirem fazer com que a população participe e empenhe-se nas atividades. Aí sim, é que são valorizados, nem sempre acontece, porque, às vezes, eles também são vistos como um aparte, num círculo fechado e nem sempre as pessoas conseguem chegar ao pé deles.

#### ***4. Para si, em que consiste a diferença essencial entre leigo e clérigo?***

O leigo tem uma formação básica a nível da Igreja. Enquanto que o clérigo tem uma formação mais aprofundada, portanto que exerce já cargos dentro da Igreja.

#### ***5. Pensa que faz sentido falar-se do binómio leigo-clérigo?***

Sim, porque acho que há uma inter-relação entre os dois, em que o leigo tem a base, o clérigo, mas depois o clérigo é mais aprofundado, mas depois tem de se relacionar com o leigo. Portanto, acho que faz todo o sentido.

**6. *Considera que os ensinamentos da Igreja, nas últimas décadas, incidem sobre a valorização dos ministérios laicais, no compromisso dos leigos na Igreja?***

Acho que, ultimamente, tem se verificado realmente mais um pouco, uma vez que as pessoas recebem formação, fazem atualizações. E acho que o papel está a ser mais valorizado, ultimamente.

**7. *Pensa que o caminho realizado nos últimos 50 anos tem ido no sentido de dar maior destaque aos leigos?***

Acho que sim, têm surgido umas mudanças, que têm vindo a introduzir os leigos também nesse sentido. Portanto, acho que tem sido positivo, há uma abertura maior que só se pode verificar há uns anos para trás.

**8. *Pensa que os ministérios laicais continuam desvalorizados, isto é, que continuam a ser demasiado dependentes da autoridade eclesiástica, do clero?***

Sem dúvida, eles têm a última palavra a dizer em tudo.

**9. *Indo ao encontro da questão anterior, como desenvolver uma relação entre os diferentes grupos laicais e a autoridade eclesiástica, por forma a que estes se sintam realmente comprometidos na vida da Igreja?***

Penso que, se os leigos conseguirem realizar alguns cargos, ou desempenharem algum cargo relacionado com a Igreja, seria mais fácil uma comunicação e manter um relacionamento de abertura, entre ambas as partes.

**10. *Crê que os leigos poderiam ainda assumir cargos de maior relevo e importância no governo da Igreja?***

Penso que sim. Desde que eles fossem ou pudessem concorrer a esses cargos e tivessem habilitações para isso.

***11. Considera que se poderiam confiar trabalhos aos leigos, de modo estável e duradouro, dando-lhe total autonomia para os realizar?***

Acho que sim, acho que no fim de um trabalho de um ano ou dois, o tempo que for necessário avaliar aquela pessoa e em função do desempenho realmente, pode ou não ser convidada a continuar.

***12. Pensa que a formação disponibilizada aos leigos, para o exercício de ministérios e funções na Igreja, é adequada às exigências deste tempo e dos serviços que vão prestar?***

Eu não poderei dizer se é adequada ou não, porque a impressão que fico é que muitos leigos não têm pré-requisitos necessários ou suficientes para poder assumir algumas das suas funções. Não sei se essas formações lhe vão dar essas ferramentas necessárias.

***13. Como é que vê a possibilidade de leigos e sacerdotes colaborarem juntamente no governo da sua Diocese?***

Eu acho que eles já estão a colaborar em alguns cargos e podem vir a participar mais desde que as pessoas sejam mais empenhadas, tenham preparação para isso, tenham abertura. Portanto, acho que é possível.

***14. Entende que o caminho realizado na sua zona vai ao encontro dos apelos da Igreja na valorização do papel dos leigos?***

Acho que, ultimamente, com a colocação dos novos padres, tem se verificado realmente uma maior abertura, para integrar os leigos em algumas atividades.

***15. Pensa que o Papa Francisco, que ultimamente escreveu uma exortação apostólica sobre o chamamento à santidade, tem sido um bom contributo para uma maior sensibilização para o papel dos leigos na Igreja?***

Penso que sim. Acho que o Papa Francisco tem conseguido fazer ou transformar, não é bem transformar, mas ver uma Igreja humanizada, como um ser humano, e consegue chegar à base. E acho que consegue chamar as pessoas, dar valor às pessoas, a qualquer ser humano, coisa que

não se verificava aqui há uns anos atrás. Portanto, penso que é essa ideia, essa filosofia, que faz com que talvez consiga chamar mais os leigos para esse tipo de funções, acho que sim.

## Anexo 11

### Entrevista

**Sexo:** Masculino

**Idade:** 51

**Função que desempenha:** Pároco

#### *1. O que é para si um leigo?*

Para mim, um leigo; sabes que o leigo teve sempre uma conotação negativa, embora no Concílio Vaticano II lhe tentassem dar a volta, valorizando-o, o leigo é sempre aquele que sabe menos, por isso, para mim, para te dizer a verdade, o leigo é uma palavra mal aplicada, é um conceito que devia ser eliminado, na terminologia eclesial devia haver a coragem de acabar com a palavra leigo.

#### *2. Considera que os leigos têm sido devidamente valorizados na vida da Igreja?*

Portanto, a partir do que te disse antes, não é, portanto, isso quer dizer que não, porque sendo o leigo na Igreja, primeiro o Concílio Vaticano II ficou muito aquém passados 50 anos daquilo que se propôs, que era tentar a formação dos batizados de tal maneira que o conceito de leigo se fosse diluindo, mas isso ficou muito aquém e continua a ser uma miragem, não é, e, por isso, acho que realmente a formação dos leigos, para mim, eu diria mesmo que é quase nula. Às vezes, o que oferecem é alguma formação académica, nas universidades, como se isso desse alguma formação aos leigos, mas no fundo aquilo que se pretende lá nas academias é tentar ali fazer dos leigos uma espécie de leigos com aspirações a clérigos, eu vejo aquilo um bocado distorcido, estás a perceber.

#### *3. E, já agora, os clérigos têm sido devidamente valorizados na vida da Igreja?*

Em relação ao clero, eu tenho, para te dizer a verdade, eu também sou crítico em relação a mim próprio. Portanto, a minha formação foi nos anos 80, e considero que a nossa formação foi uma formação deficiente, foi muito racionalista. E ao nível da valorização do clero, eu não sei o que queres dizer com a palavra valorização, mas a mim não me assusta nada desvalorizar o clero,

no sentido de que, se nós entrarmos numa Igreja que seja mais uma comunhão, sem termos medo de falar dessa economia eclesial, em que a Igreja são todos os batizados, estás a perceber, todos batizados que pelo facto de serem batizados são missionários, portanto estão todos em missão, mas depois há um grupo que fez uma opção livre que o Senhor chama, porque isto é obra do ES, mas eu também quando penso no ES penso muito no *sensus fidelium*, não é o ES de orelha, que vem lá de cima, mas é o ES que está presente no seu templo, o seu templo são os batizados e o chamamento que nós temos do ES é daí, vem daí. E então nós somos chamados para participar deste ministério do Senhor, deste ministério sacerdotal, e é exatamente o ministério do abaixamento, estás a perceber, isto é, eu sei que é difícil compreender, mas eu só consigo entender o meu ministério sacerdotal nesta dimensão, que é... o irmão Roger, que é o fundador da comunidade Taizé, um dia diz ele nas suas ideias luminosas, que Deus só pode amar, portanto o poder de Deus, Deus é onipotente, mas o poder de Deus é só o poder do amor. E depois há um grande santo, creio que era o Charles Focoult, que dizia que Jesus conseguiu descer tão baixo que ninguém consegue passar abaixo dele, podemos pôr-nos ao lado se nos abaixarmos ao nível dele, ficar ao lado dele. Portanto, neste poder de amor, de dar a vida, portanto Ele é a cabeça mas que dá a vida pelo corpo, neste abaixamento, é aqui que vejo o ministério sacerdotal, muito dentro do coração de Cristo, um coração que sangra. E quando vejo estas homenagens a padres, esses louvores e assim, eu vejo muita política dentro da Igreja, muita coisa; mas agora quando vejo um padre a ser criticado, a ser perseguido, eu penso cá para mim “tu és capaz de estar a fazer alguma opção evangélica, para estares a levar porrada”, porque o discípulo não é mais que o mestre, e o nosso ministério, seja como for, tem de passar sempre pela cruz. Portanto, a valorização é esta, estás a perceber. Essa ideia de colocar o clero com umas faixas especiais, de púrpura, isso não são os homens que o Senhor escolheu.

#### ***4. Para si, em que consiste a diferença essencial entre leigo e clérigo?***

Portanto, isto tem muito a ver com o ser, não tanto com a função. Primeiro, somos todos batizados, todos filhos do mesmo pai, portanto formamos a mesma fraternidade. E depois

descobrimos esta identidade no coração aberto de Cristo. Enquanto que os ditos batizados a que tu chamas leigos são chamados à santidade, mas também como missionários, porque o Senhor veio do Céu à Terra para os salvar, para dar a vida por eles, por toda a humanidade, a identidade dos batizados é serem santos, estás a perceber, serem santos, tornarem-se parecidos com Jesus na santidade; a identidade sacerdotal é ser *alter cristus* crucificado, a nossa identidade está irmo-nos imolando de tal forma que aceitemos, hoje, sermos nós a fazer aquilo que Jesus fez há dois mil anos, que é ser o pastor, é aquele dá a vida pelo seu rebanho. Portanto, tem a ver mais com o ser não tanto com a função.

***5. Pensa que faz sentido falar-se do binómio leigo-clérigo?***

Isso é horrível, mas ainda há muita gente a falar nisso, mas isso é horrível. Sobretudo vós, novos, que vindes, tentai mesmo...

***6. Considera que os ensinamentos da Igreja, nas últimas décadas, incidem sobre a valorização dos ministérios laicais, no compromisso dos leigos na Igreja?***

Portanto, uma Igreja ministerial, eu vou por aí, e acho que falando numa Igreja ministerial ainda há muito a crescer, há muito a deixar o ES a crescer, e os batizados podem, desde que devidamente preparados, podem exercer ministérios que, neste momento, não exercem, que nem sequer o Direito Canónico autoriza, como por exemplo, presidir a uma paróquia, porque é que um batizado não pode ser pároco, administrar uma paróquia? O que é preciso é ser um bom administrador. Mas, quer dizer, há outros ministérios que era preciso desenvolver, como o do acolhimento, da caridade, muitos ministérios, mas mesmo até o ministério da palavra, tudo isso é função... não é preciso ser diácono, para ser ministro da palavra, percebes. Portanto, acho que essa dimensão ministerial, retirando-lhe o tal termo dos leigos, acho que é uma dimensão que devia ser implementada na Igreja, sem medo. Hoje, já se fala muito em igrejas fechadas, porque não há padres, e repara que a Igreja é que não foi capaz de descobrir no *sensus fidelium*, a presença do ES no seu povo, porque o ES está presente no seu templo, que é o povo de Deus, e não houve esta sensibilidade, e agora, claro, não consegue preencher os lugares todos, os bispos

andam todos os anos há rasca para preencher o xadrez, porque está tudo nas mãos dos padres. Acho que falta muito esta dimensão ministerial à Igreja, que não é preciso ordenar um padre para lhe poder entregar uma paróquia, quer dizer, esse ministério poderia ser exercido colegialmente por uma equipa de leigos, se queres usar o termo leigos, mas de cristãos, que fossem bons administradores, porque tem que ser assim. No início da Igreja, era assim.

***7. Pensa que o caminho realizado nos últimos 50 anos tem ido no sentido de dar maior destaque aos leigos?***

Portanto, isto é assim, a gente vê que há uma preocupação de escolher algumas pessoas, portanto há sempre pessoas que se vão disponibilizando, há preocupação de as escolher, de lhes dar alguma formação, e vê-se alguma coisa a mudar, a nível da catequese, mas tudo com muito voluntarismo, com muita boa vontade da parte dos batizados, isso muitas vezes não é sequer devidamente valorizado, porque é tudo feito gratuitamente, em relação a alguns, mas não é uma opção fundamental para toda a gente, que devia ser. Portanto, parece-me interessante, infelizmente, é capaz é de não chegar a quase ninguém, esta ideia da nossa diocese, por exemplo, agora em relação ao tema da esperança, de colocar toda a diocese, por exemplo, a fazer *lectio divina*, se conseguisse fazer isso, por exemplo, por toda a diocese a fazer *lectio divina*, eu creio que isso é um bocadinho ir à raiz do evangelho, portanto, é os batizados reunirem-se para acolher a palavra do Senhor, para escutar o ES e, depois, para levar a fé para a vida, percebes. Portanto, tem havido essa preocupação de escolher algumas pessoas, uma ou outra e tal, mas depois no geral não se faz. E a gente vê que a fé que as pessoas têm, a maioria é a fé de carvoeiro e pouco mais.

***8. Pensa que os ministérios laicais continuam desvalorizados, isto é, que continuam a ser demasiado dependentes da autoridade eclesiástica, do clero?***

Exatamente, portanto, o clero continua a ser visto como uma autoridade, é uma autoridade, e isso a começar pelos bispos: os bispos tratam os padres assim, e depois os padres tratam os

leigos assim, portanto e pirâmide nunca se conseguiu inverter, essa dimensão da autoridade é sempre... e nada se faz se não for como o padre quer, nada se faz como o bispo quer.

***9. Indo ao encontro da questão anterior, como desenvolver uma relação entre os diferentes grupos laicais e a autoridade eclesial, por forma a que estes se sintam realmente comprometidos na vida da Igreja?***

Portanto, eu acho que a única maneira de viver em relação é mesmo através da vivência da fé, da celebração da fé, não há outro caminho. Todos juntos comungam a mesma fé e, então, depois a fé leva à vivência da caridade e gera o discernimento para que cada um possa realmente agir conforme os dons que Deus lhes dá. Mas creio que será por aí, a partir da fé, a fé celebrada, em comunidade, portanto é preciso ir... eu creio que se calhar que é preciso recomeçar tudo de novo, como Jesus fez: começar a fazer o primeiro anúncio, depois a partir do primeiro anúncio ver quem realmente quer seguir o Senhor, e depois, desses que querem seguir o Senhor, quem são os que querem fazer um catecumenado a sério, de experiência de encontro com Jesus, e depois... isso é gente que trabalha a tal renovação que Deus quer.

***10. Crê que os leigos poderiam ainda assumir cargos de maior relevo e importância no governo da Igreja?***

Pois, exatamente, isso é o que eu acho, penso que o Santo Padre tem tentado isso, mas depois não se vê isso na Igreja, nem nas nossas dioceses, não se vê.

***11. Considera que se poderiam confiar trabalhos aos leigos, de modo estável e duradouro, dando-lhe total autonomia para os realizar?***

E duradouro, e remunerado. Estável, duradouro e remunerado, eu creio que a Igreja só tinha a ganhar com isso, se houvesse a coragem de colocar cristãos batizados, portanto com maturidade humana, espiritual, portanto, capazes, e essas pessoas... por exemplo, a Igreja foi fazendo isso, por exemplo, com os professores de moral, bem ou mal, mas mesmo os professores de moral que eu conheço muitos, a Igreja formou-os, mandou-os para as escolas e abandonou-os, e a grande maioria deles estão escondidos por aí, e parece que deixaram de ser Igreja. A gente vai

falando com alguns... e pelo menos nós aqui na nossa comunidade ainda temos a sorte de ter uma professora de moral que é um membro ativo na vida da comunidade, graças a Deus, e é mãe, e é esposa e é professora de moral, e depois é uma cristã participativa que colabora, que ajuda, que dá um belo testemunho. Mas isso não acontece com muitos professores de moral. Mas quer dizer que esse caminho que a Igreja fez em relação à disciplina de religião moral, porque o Estado quase obrigou, era um caminho que deveria ter feito, que fazer em toda as outras dimensões, mesmo dentro do organigrama da própria Igreja, no interior da própria Igreja.

***12. Pensa que a formação disponibilizada aos leigos, para o exercício de ministérios e funções na Igreja, é adequada às exigências deste tempo e dos serviços que vão prestar?***

Eu não tenho, eu, neste momento, não tenho assim muito conhecimento sobre isso, mas à partida parece-me que não, pelo menos ao nível da formação que é oferecida a catequistas e assim, eu acho muito fraquinho, muito pouco, com muito pouco conteúdo, acho que ainda não houve aí apostas assertivas, mas não posso falar categoricamente disso.

***13. Como é que vê a possibilidade de leigos e sacerdotes colaborarem juntamente no governo da sua Diocese?***

Pronto, acho que isso é possível, acho que isso é possível, e é preciso que nós tenhamos a consciência de que a Igreja não é nossa, nós é que somos Igreja, e a Igreja é do Senhor. E por isso, quer dizer, se nós somos Igreja somos chamados a edificá-la, todos. Muitas vezes, nós invertemos um bocado isso, pensamos que a Igreja é nossa, depois damos esta identidade, aquela identidade, e falta um bocado isto, não é, mas acho que é possível colaborarem mais, trabalharem em conjunto. Portanto, tem tudo a ver com a maneira como se concebe... Acho que é aí a eclesiologia, esta eclesiologia de comunhão que está ainda muito longe de, é uma miragem ainda dentro da Igreja.

***14. Entende que o caminho realizado na sua zona vai ao encontro dos apelos da Igreja na valorização do papel dos leigos?***

Pelo menos, eu nas minhas paróquias, nas “minhas”, este “minhas” tem o sentido que tem, “minhas” no sentido de que eu pertenço a esta família, nós procuramos muito trabalhar dessa forma, que é as pessoas participarem em tudo, estão em tudo, eu estou com elas, mas... louvado seja Deus, porque eu vejo muitos colegas padres a queixarem-se, porque não há pessoas para isto, não há pessoas para aquilo, e eu, graças a Deus, disso não posso queixar-me, nas nossas comunidades, há abundância de colaboradores... é uma experiência... por exemplo, agora terminamos as nossas festas, é uma experiência única de comunhão que nós fazemos, em que é um povo de quase 50 pessoas, portanto tu imaginas nesta comunidade 50 pessoas envolvidas em todas as festas, 50 pessoas em cada festa, e envolvidas em todas, em que vão, vestem a capa do pobre do evangelho e vão de mão estendida e fazem o programa, e tudo com normas, e depois toda a gente a participar, toda a gente a colaborar, portanto, chega-se ao fim, juntam-se as esmolas, dá-se contas às pessoas. As pessoas estão habituadas a ter esta transparência, portanto não basta parecer sérios, temos de o ser, é preciso parecer e ser, e temos conseguido sempre, mas isso também ao nível do concelho económico, a nível do conselho pastoral, ao nível de catequistas, nós sempre tivemos, desde que eu sou pároco, fiz sempre esse esforço, a catequese sempre organizada nos dez anos, mas não é a brincar, dez anos, mas é com encontros semanais, procurando seguir os catecismos. Quer dizer, nós aqui com os jovens, temos aqui um grupo de jovens formidável que está presente também na comunidade e assumiu responsabilidades, por exemplo a responsabilidade de solenizar as celebrações de Sábado, mas também uma vez por mês encontra-se para aprofundar a fé. Mas agora, dentro desse grupo de jovens, que é um grupo para aí de trinta e tal jovens, um grupinho mais restrito quer um bocadinho mais, este ano vamos começar com uma nova dinâmica, que são encontros de 15 em 15 dias, que são encontros de oração... pronto, é uma dinâmica diferente que já temos traçada, e pronto, vamos fazendo caminho.

***15. Pensa que o Papa Francisco, que ultimamente escreveu uma exortação apostólica sobre o chamamento à santidade, tem sido um bom contributo para uma maior sensibilização para o papel dos leigos na Igreja?***

Eu acho que esse documento é muito bonito e era bom que toda a gente tivesse acesso a ele. Eu vou usando também aos bocadinhos na nossa folhinha paroquial, e o Santo Padre tem esta capacidade de descobrir a santidade ao nosso lado, de tal maneira que aquilo que eu faço os outros podem fazer também, e aquilo que os outros fazem eu posso também fazer, e a santidade acaba por ser um dom que nos vem do alto, mas que é capaz de se contagiar por si própria, portanto o bem também é contagiante, não é só o mal, o veneno. Portanto, e esse documento, nessa função, que eu acho que era um bocadinho por aí que o Santo Padre queria ir, eu acho que é capaz de conseguir, mas lá está, mas nós temos de o pôr na mão das pessoas.

## Anexo 12

### Entrevista

**Sexo:** Feminino

**Idade:** 49

**Função que desempenha:** Catequista, membro da Pastoral da Catequese Arciprestal e Ministro Extraordinário da Comunhão.

#### ***1. O que é para si um leigo?***

Um leigo é todo o cristão batizado e comprometido com a Igreja.

#### ***2. Considera que os leigos têm sido devidamente valorizados na vida da Igreja?***

Acho, que não. Mas gradualmente tem se notado uma pequena valorização, em que surgem alguns ministérios que são desempenhados por leigos, como por exemplo: catequistas, zeladoras, ministros extraordinários da comunhão, etc.

#### ***3. E, já agora, os clérigos têm sido devidamente valorizados na vida da Igreja?***

Eu penso que sim. Pelo que vejo na realidade paroquial, o sacerdote continua a ser valorizado, sobretudo pela administração dos sacramentos.

#### ***4. Para si, em que consiste a diferença essencial entre leigo e clérigo?***

O leigo é todo o cristão batizado, que não é membro da sagrada ordem. Mas tal como o clérigo são todos batizados e constituído povo de Deus, e tornam-se participantes do sacerdócio profético e real de Cristo. Enquanto que o clérigo faz parte do sacerdócio ministerial, porque recebe o sacramento da ordem, com a função de ajudar o povo de Deus a caminhar rumo à santidade.

#### ***5. Pensa que faz sentido falar-se do binómio leigo-clérigo?***

A Igreja continua a organizar-se numa estrutura hierárquica, em que o clérigo e o leigo desempenham funções diferentes, ou seja, o clérigo ou sacerdote instrui e o leigo escuta, para depois dar testemunho.

***6. Considera que os ensinamentos da Igreja, nas últimas décadas, incidem sobre a valorização dos ministérios laicais, no compromisso dos leigos na Igreja?***

Sim. Considero que os ensinamentos da Igreja têm incidido sobre a valorização dos ministérios laicais. Como o Papa Francisco tem apelado a uma maior participação e compromisso dos leigos na Igreja, principalmente as mulheres.

***7. Pensa que o caminho realizado nos últimos 50 anos tem ido no sentido de dar maior destaque aos leigos?***

Penso que sim. As pessoas a partir do Vaticano II começaram a participar ativamente na Eucaristia e na vida pastoral. Aí dá-se uma grande abertura da parte da Igreja aos leigos, onde o leigo participa como leitor, acólito, cantor, ministro extraordinário da comunhão, isto que antes do Concílio Vaticano II não era possível.

***8. Pensa que os ministérios laicais continuam desvalorizados, isto é, que continuam a ser demasiado dependentes da autoridade eclesiástica, do clero?***

Sim, sem dúvida. A pouca formação dos leigos, leva a uma dependência da autoridade eclesiástica. Mas uma aposta na formação dos leigos poderá levar a uma autossuficiência das funções desempenhadas pelos leigos.

***9. Indo ao encontro da questão anterior, como desenvolver uma relação entre os diferentes grupos laicais e a autoridade eclesiástica, por forma a que estes se sintam realmente comprometidos na vida da Igreja?***

Como referi na questão anterior, deve-se investir mais na formação de vários grupos laicais, bem como na comunicação entre eles e a autoridade eclesiástica, de forma a que todos se sintam comprometidos na vida da Igreja, para assim desempenharem a função para a qual se prepararam na comunidade.

***10. Crê que os leigos poderiam ainda assumir cargos de maior relevo e importância no governo da Igreja?***

Penso que poderiam, para isso deviam de ter formação adequada e um grande comprometimento com a comunidade. Deste modo, poderiam desempenhar funções de cariz económico, administrativo, social, sócio-caritativo. Assim sendo, os sacerdotes ficariam mais livres para desempenharem a sua principal missão, que é guiar o povo de Deus.

***11. Considera que se poderiam confiar trabalhos aos leigos, de modo estável e duradouro, dando-lhe total autonomia para os realizar?***

Claro que sim. Os leigos são capazes de realizar todo o tipo de trabalhos, de forma estável e duradoura. Desde que seja avaliado periodicamente, para que, desta forma, seja mais produtivo, deve ser remunerado.

***12. Pensa que a formação disponibilizada aos leigos, para o exercício de ministérios e funções na Igreja, é adequada às exigências deste tempo e dos serviços que vão prestar?***

Eu acho que sim, mas deveria haver um maior empenho da parte dos sacerdotes e até dos leigos, em frequentá-las. De forma, a ter uma maior preparação e melhor desempenho nos serviços que vão prestar, principalmente na catequese.

***13. Como é que vê a possibilidade de leigos e sacerdotes colaborarem juntamente no governo da sua Diocese?***

Muito bem. Isso já se verifica nos conselhos pastorais, na pastoral catequética, pastoral familiar. Porque uma diocese que não ouve os leigos não consegue dinamizar a Igreja e vice-versa.

***14. Entende que o caminho realizado na sua zona vai ao encontro dos apelos da Igreja na valorização do papel dos leigos?***

Sim. Noto que no meu Arciprestado há uma grande valorização do papel dos leigos, através do dinamismo dos vários movimentos, das paróquias como: grupos de jovens, grupos corais, as catequistas, etc., isso vai ao encontro do que pede o Papa Francisco, em que apela a um maior dinamismo das comunidades e a uma maior participação dos leigos na vida da Igreja.

***15. Pensa que o Papa Francisco, que ultimamente escreveu uma exortação apostólica sobre o chamamento à santidade, tem sido um bom contributo para uma maior sensibilização para o papel dos leigos na Igreja?***

Sem dúvida. O Papa Francisco nas várias exortações apostólicas tem a preocupação de fazer refletir sobre o papel do leigo na Igreja e no Mundo. Pelo batismo somos chamados a viver uma vida plena, e essa vida plena parte da busca da santidade e essa santidade, para um leigo, parte das obras que realiza, ou seja, da caridade que exerce no outro. Esse caminho de beatitude leva o leigo a uma alegria plena, porque ser santo é estar próximo de Deus.

## Anexo 13

### Entrevista

**Sexo:** Feminino

**Idade:** 61

**Função que desempenha:** Catequista, membro do Conselho Económico, membro da Conferencia Vicentina, Coralista, Ministro Extraordinário da Comunhão e membro dos Cursilhos da Cristandade.

#### ***1. O que é para si um leigo?***

Para mim, um leigo, acho que é uma pessoa que dentro das suas possibilidades trabalha na Igreja e ao serviço da Igreja.

#### ***2. Considera que os leigos têm sido devidamente valorizados na vida da Igreja?***

Eu acho que sim. A partir do Concílio Vaticano II, os leigos começaram aa trabalhar mais dentro da Igreja e ao serviço da Igreja.

#### ***3. E, já agora, os clérigos têm sido devidamente valorizados na vida da Igreja?***

Eu acho que aqui na nossa paróquia que sim. Também temos tido a sorte de ter bons párocos e quando são bons párocos normalmente as pessoas, também são mais carinhosas para eles. Claro que há excepções, como em todos os lados, há sempre quem não seja tão carinhoso.

#### ***4. Para si, em que consiste a diferença essencial entre leigo e clérigo?***

O clérigo tem o sacramento da ordem, está mais à frente e é que orienta o povo de Deus, e os leigos ajudam o clero a servir a Igreja.

#### ***5. Pensa que faz sentido falar-se do binómio leigo-clérigo?***

Eu acho que devem trabalhar juntos, embora cada um com a sua função, o clero a orientar e os leigos a ajudar, mas que devem trabalhar unidos.

#### ***6. Considera que os ensinamentos da Igreja, nas últimas décadas, incidem sobre a valorização dos ministérios laicais, no compromisso dos leigos na Igreja?***

Eu acho que sim. Há uns anos para cá, já os leigos estão mais dentro da Igreja ao serviço, portanto como leitores, acólitos, ministros extraordinários da comunhão, catequistas e outras organizações como a conferência de São Vicente de Paulo, etc.

***7. Pensa que o caminho realizado nos últimos 50 anos tem ido no sentido de dar maior destaque aos leigos?***

Eu acho que sim. No tempo do nosso falecido Senhor Cónego Leite de Araújo, acho que foi ele um dos primeiros aqui na nossa paróquia a meter os leigos ao serviço e mesmo as várias instituições que ele fundou, como a Conferência de São Vicente de Paulo.

***8. Pensa que os ministérios laicais continuam desvalorizados, isto é, que continuam a ser demasiado dependentes da autoridade eclesiástica, do clero?***

Eu acho que são bastante dependentes, mas talvez porque não têm formação adequada e mesmo acho que devemos ter sempre a orientação dos párocos. Embora não ser eles o faz tudo, e nós ajudarmos em tudo o que podermos.

***9. Indo ao encontro da questão anterior, como desenvolver uma relação entre os diferentes grupos laicais e a autoridade eclesiástica, por forma a que estes se sintam realmente comprometidos na vida da Igreja?***

Eu acho que devem ter uma maior ligação entre eles, comunicarem entre si e ajudar-se mutuamente. São grupos que estão ao serviço para dinamizar a paróquia. Dinamizar a Conferência de São Vicente de Paulo, a Legião de Maria, a LIAM, os Curselhistas, que também ajudam bastante, em vários serviços, catequistas.

***10. Crê que os leigos poderiam ainda assumir cargos de maior relevo e importância no governo da Igreja?***

Penso que eles já fazem isso, nos centros sociais, no conselho económico paroquial e no conselho pastoral.

***11. Considera que se poderiam confiar trabalhos aos leigos, de modo estável e duradouro, dando-lhe total autonomia para os realizar?***

Eu penso que deveria ser rotativo e em alguns grupos já o é, como na Conferência de São Vicente de Paulo, o conselho económico e outros, que é de cinco em cinco anos. Mas, também, acho que lhe dar autonomia àqueles que realmente são capazes, que há muita gente capaz, outros nem tanto.

***12. Pensa que a formação disponibilizada aos leigos, para o exercício de ministérios e funções na Igreja, é adequada às exigências deste tempo e dos serviços que vão prestar?***

Eu penso que já tem avançado muito nesse aspeto e o mal é que as pessoas têm formações e não valorizam isso e pouca gente se preocupa em ir a essas formações.

***13. Como é que vê a possibilidade de leigos e sacerdotes colaborarem juntamente no governo da sua Diocese?***

Unindo-se e trabalhando em conjunto, para que tudo corra pelo melhor.

***14. Entende que o caminho realizado na sua zona vai ao encontro dos apelos da Igreja na valorização do papel dos leigos?***

Eu acho que sim. Há vários movimentos que estão no ativo e a trabalhar provavelmente bem. Também há várias formações dos cursistas, como a formação de catequistas, formação de leitores, de ministros extraordinários da comunhão e vários.

***15. Pensa que o Papa Francisco, que ultimamente escreveu uma exortação apostólica sobre o chamamento à santidade, tem sido um bom contributo para uma maior sensibilização para o papel dos leigos na Igreja?***

Acho que sim. Todos nós somos chamados à santidade, todos nós para sermos santos temos de trabalhar para isso. Eles têm um papel fundamental nesse caminho à Santidade.

## **Anexo 14**

**Entrevista**

**Sexo:** Feminino

**Idade:** 45

**Função que desempenha:** Catequista, Ministro Extraordinário da Comunhão e membro na formação do CPM Arciprestal.

***1. O que é para si um leigo?***

Um leigo é alguém que faz parte do povo de Deus, é um batizado comprometido com a vida na Igreja.

***2. Considera que os leigos têm sido devidamente valorizados na vida da Igreja?***

Sim. Tem aumentado as funções que têm vindo a desempenhar.

***3. E, já agora, os clérigos têm sido devidamente valorizados na vida da Igreja?***

Também sim. Mesmo pela força das circunstâncias de cada vez serem menos, e disso lhes darem e atribuir maior valor.

***4. Para si, em que consiste a diferença essencial entre leigo e clérigo?***

A diferença essencial está a nível das funções que cada um desempenha. Eles têm a mesma matriz nos sacramentos do batismo, mas depois a nível de funções desenvolvem funções diferentes.

***5. Pensa que faz sentido falar-se do binómio leigo-clérigo?***

Creio que um complementa a outro, as funções que estão atribuídas ao leigo são distintas das do clérigo. Mas inicialmente eles pertencem a uma mesma unidade.

***6. Considera que os ensinamentos da Igreja, nas últimas décadas, incidem sobre a valorização dos ministérios laicais, no compromisso dos leigos na Igreja?***

Sim.

***7. Pensa que o caminho realizado nos últimos 50 anos tem ido no sentido de dar maior destaque aos leigos?***

Sim. A partir do Concílio Vaticano II e depois com a conclusão do Papa Paulo VI que o concluiu. Houve uma atribuição dessas mesmas funções quer de leitor, quer de cantor, quer mesmo de acólitos, do serviço de catequista, do serviço de caridade que a Igreja desenvolve. Isso tem sido mais destacado desde então.

**8. *Pensa que os ministérios laicais continuam desvalorizados, isto é, que continuam a ser demasiado dependentes da autoridade eclesiástica, do clero?***

Em certa medida sim. Mas isto também depende da formação dos próprios leigos, que muitas vezes carecem de formação, para desempenhar melhor as funções que à partida lhe estão atribuídas.

**9. *Indo ao encontro da questão anterior, como desenvolver uma relação entre os diferentes grupos laicais e a autoridade eclesiástica, por forma a que estes se sintam realmente comprometidos na vida da Igreja?***

Dar maior formação aos leigos, que corresponde a um melhor serviço prestado.

**10. *Crê que os leigos poderiam ainda assumir cargos de maior relevo e importância no governo da Igreja?***

Sim. Desde que tivessem uma maior competência para o seu desempenho.

**11. *Considera que se poderiam confiar trabalhos aos leigos, de modo estável e duradouro, dando-lhe total autonomia para os realizar?***

Aqui não concordo tanto. Creio que a rotação e o acompanhamento e avaliação devem ser implementados para uma melhoria dos mesmos.

**12. *Pensa que a formação disponibilizada aos leigos, para o exercício de ministérios e funções na Igreja, é adequada às exigências deste tempo e dos serviços que vão prestar?***

Muitas vezes, a formação devia ser melhor orientada e ter em atenção a diversidade dos grupos, porque depois nem sempre dá, da formação resultam bons resultados, ou a formação muitas vezes não corresponde às reais capacidades das pessoas que as têm e é mal aproveitada.

**13. *Como é que vê a possibilidade de leigos e sacerdotes colaborarem juntamente no governo da sua Diocese?***

Cooperando uns com os outros e é mais a nível da cooperação que eu vejo que haja essa possibilidade. Isso já se verifica mesmo em determinados tipos de conselhos que se realizam, e que há um bom contributo dos leigos.

***14. Entende que o caminho realizado na sua zona vai ao encontro dos apelos da Igreja na valorização do papel dos leigos?***

Sim. Eu e o meu marido fazemos parte, inclusivamente do CPM, um movimento católico de apoio aos novos casais e creio que esse papel tem sido desenvolvido ao longo dos tempos. E tem sido um bom contributo para a criação dessas novas famílias, através do testemunho, do nosso testemunho e partilha.

***15. Pensa que o Papa Francisco, que ultimamente escreveu uma exortação apostólica sobre o chamamento à santidade, tem sido um bom contributo para uma maior sensibilização para o papel dos leigos na Igreja?***

Sim, porque todo o batizado é chamado à santidade e é um caminho a percorrer por todos, quer por clérigos, quer leigos.

## Anexo 15

### Entrevista

**Sexo:** Masculino

**Idade:** 49

**Função que desempenha:** Diácono permanente

#### *1. O que é para si um leigo?*

Para mim, o leigo batizado é comprometido com a Igreja.

#### *2. Considera que os leigos têm sido devidamente valorizados na vida da Igreja?*

Não. Muitas vezes, os leigos são olhados como alguém que parece que estão a fugir do caminho e não se aproveita aquele compromisso que, às vezes, até intrínseco, até está lá dentro, e não se ajuda a que o leigo no seu compromisso com a Igreja seja mais ativo.

#### *3. E, já agora, os clérigos têm sido devidamente valorizados na vida da Igreja?*

Essa pergunta é um pouco difícil. Pelo seguinte, há uns que sim, há outros que não. Não podemos dizer no geral que sim ou que não. Há uns que são devidamente valorizados e muitos, mesmo muito valorizados. E há outros que parece que são os “tapa buracos”, os parentes pobres dos outros que são valorizados.

#### *4. Para si, em que consiste a diferença essencial entre leigo e clérigo?*

A diferença é que o leigo não participa do sacramento da ordem e o clérigo participa.

#### *5. Pensa que faz sentido falar-se do binómio leigo-clérigo?*

Sim, faz sentido. Porque o clérigo está para dirigir, para governar, para santificar, e o leigo não participa na administração dos sacramentos, é diferente e há aí uma separação, que deve ser tida em conta.

#### *6. Considera que os ensinamentos da Igreja, nas últimas décadas, incidem sobre a valorização dos ministérios laicais, no compromisso dos leigos na Igreja?*

Sim. Nota-se que, muitas vezes, é pedido a um leigo para dirigir já em algumas celebrações, nomeadamente as celebrações da palavra, visita aos doentes. Acho que está bom.

***7. Pensa que o caminho realizado nos últimos 50 anos tem ido no sentido de dar maior destaque aos leigos?***

Estamos a caminhar nesse sentido, e temos dado passos bastante importantes.

***8. Pensa que os ministérios laicais continuam desvalorizados, isto é, que continuam a ser demasiado dependentes da autoridade eclesiástica, do clero?***

Sim. Mas, quer dizer, começam a ser valorizados, o pároco, o clero é que tem de lançar as bases, as orientações e tem de ser assim. Um leigo não pode trabalhar por conta própria, tem de ter alguém que dirija e que o oriente.

***9. Indo ao encontro da questão anterior, como desenvolver uma relação entre os diferentes grupos laicais e a autoridade eclesiástica, por forma a que estes se sintam realmente comprometidos na vida da Igreja?***

Como referi há pouco, o clero ou a autoridade eclesiástica tem exatamente de exercer a autoridade nas comunidades, onde está inserida, através do diálogo entre os vários grupos, cada um deve ter bem claro e bem definido qual é a sua função, nessa Igreja, nessa porção, nessa paróquia, na diocese e ter consciência que tem que haver alguém que dirija, numa relação de diálogo de ajuda mútua, onde as pessoas não são donas mesmo do cargo, mas estão ao serviço. Onde mesmo a autoridade eclesiástica exerce essa autoridade, como um serviço. É essa a consciência que nós devemos criar, porque quem quer vir comigo, tome a sua cruz e segue-me. Quem quiser tomar a cruz, não significa uma mortificação, um sacrifício pelo sacrifício, mas é um esquecer-se de si, para se dar aos outros. E é isso que, às vezes, falta compreender que ser Igreja, ser discípulo de Jesus, é pegar na cruz, é estar ao serviço do outro e começar a colocar o outro em primeiro lugar. Isso faz parte do diálogo entre todos.

***10. Crê que os leigos poderiam ainda assumir cargos de maior relevo e importância no governo da Igreja?***

Creio que sim. E já vai acontecendo, portanto não é demais olhar e ver um leigo, por exemplo, a dirigir a catequese a nível arciprestal, a nível diocesano, da juventude, acho que estamos a caminhar bem e as coisas já vão acontecendo e não há nada de mal.

***11. Considera que se poderiam confiar trabalhos aos leigos, de modo estável e duradouro, dando-lhe total autonomia para os realizar?***

Tem autonomia. Vamos olhar para a autonomia, vou dizer que sim. Mas uma autonomia que não é um trabalho por conta própria, tem que haver sempre. Nessa autonomia, deve ter uma relação com alguém, um leigo, assim como o pároco tem que ter uma relação, tem autonomia na paróquia, mas tem uma ligação ao bispo. Portanto, seja lá, até pode ser clérigo, tem de haver uma ligação a alguém. Ser Igreja é ter esta relação e então, o leigo tendo autonomia não havia mal nenhum, mas sempre numa ligação estrita com alguém, com o senhor bispo, com o seu pároco, sempre com uma ligação com alguém. Nunca aquela autonomia entendida como conta própria, “eu é que sei”, “eu é que mando”, mantendo sempre uma relação com alguém.

***12. Pensa que a formação disponibilizada aos leigos, para o exercício de ministérios e funções na Igreja, é adequada às exigências deste tempo e dos serviços que vão prestar?***

A formação, às vezes, é uma formação mais informação. Às vezes, lançam-se muitos dados, só dá formação disto e daquilo. E, às vezes, a formação passaria pela formação espiritual. Nós vamos dando muita informação, mas formação falta aí, muitas vezes, a espiritual, acho que é a maior lacuna.

***13. Como é que vê a possibilidade de leigos e sacerdotes colaborarem juntamente no governo da sua Diocese?***

Eu vejo com bons olhos, gosto de ver porque já vai acontecendo, nomeadamente na juventude. Está lá uma pessoa, um leigo, eu gosto de ver, de sentir que a diocese, a minha diocese de Braga, já vai apostando nos leigos para a colaboração com o sacerdote, para participar no governo da Igreja diocesana de Braga.

***14. Entende que o caminho realizado na sua zona vai ao encontro dos apelos da Igreja na valorização do papel dos leigos?***

Penso que vamos dando alguns passos, podem ser pequeninos, às vezes, podem ser lentos, mas vamos dando esses passos. Às vezes, ainda não são firmes, mas podíamos caminhar mais rapidamente, se calhar mais firmes, mais convictos, que é por aí o caminho. Dias melhores virão.

***15. Pensa que o Papa Francisco, que ultimamente escreveu uma exortação apostólica sobre o chamamento à santidade, tem sido um bom contributo para uma maior sensibilização para o papel dos leigos na Igreja?***

Sim. Porque ainda está na mentalidade de muitos e bons cristãos, que a santidade é só para alguns e para um pequenino grupo, mas esta exortação do Papa Francisco vai criando essa consciência que o cristão caminha para a santidade. O ser cristão é caminhar para a santidade e, muitas vezes, a santidade começa a ser entendida como uma valorização, também, da misericórdia de Deus. E já se vai vendo pessoas a dizer isso, às vezes, não é um trabalho apenas pessoal, do cristão, mas também, é um trabalho de Deus em cada um de nós, através da sua misericórdia, ela é gratuita e é sempre maior que o nosso pecado, de certeza absoluta.

# Índice

SIGLAS .....	2
Introdução .....	4
1. Os Ministérios Laicais ao longo da História da Igreja.....	7
1.1. A conceção de <i>leigo</i> e sua relação com os ministérios laicais .....	8
1.2. Fundamentos escriturísticos e patrísticos.....	11
1.2.1. Dados da Escritura.....	13
1.2.2. Do ministério de Jesus ao povo de Deus .....	16
1.3. Os ministérios laicais ao longo da História.....	22
2. Os ministérios laicais nas conclusões do Concílio Ecuménico Vaticano II ...	27
2.1. A Igreja do Concílio Ecuménico Vaticano II.....	28
2.2. Os ministérios no Vaticano II .....	34
2.3. Magistério recente.....	35
2.3.1. <i>Evangelii Nuntiandi</i> .....	35
2.3.2. <i>Christifideles Laicis</i> .....	38
2.3.3. <i>Evangelii Gaudium</i> .....	40
2.3.4. <i>Gaudete et Exsultate</i> .....	41
3. Análise das entrevistas.....	46
3.1. Protocolo de investigação .....	47
3.2. Metodologia .....	49
3.3. Questões .....	52
3.4. Tratamento de Dados .....	54

3.4.1. Forma como são entendidos os leigos e os clérigos.....	55
3.4.2. Ministérios laicais: visão que os entrevistados têm da sua existência e pertinência para a vida da Igreja .....	61
3.4.3. Funções ministeriais e promoção de todos os membros do Povo de Deus.....	66
Conclusão .....	74
Bibliografia .....	76
Anexo 1.....	79
Anexo 2.....	83
Anexo 3.....	88
Anexo 4.....	92
Anexo 5.....	95
Anexo 6.....	100
Anexo 7.....	104
Anexo 8.....	109
Anexo 9.....	112
Anexo 10.....	116
Anexo 11.....	120
Anexo 12.....	128
Anexo 13.....	132
Anexo 14.....	134
Anexo 15.....	138
Índice .....	142

